

Gabriela Lara da Cruz Lucas Macedo

Do potencial andrógino da sexualidade à androginia da mente
– reflexões a partir do conceito de bissexualidade psíquica

São Paulo

2022

Universidade de São Paulo
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Clínica

Do potencial andrógino da sexualidade à androginia da mente
– reflexões a partir do conceito de bissexualidade psíquica

(Versão original)

Gabriela Lara da Cruz Lucas Macedo | 6391572

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Profa. Dra. Marina Ferreira da Rosa Ribeiro

Linha de Pesquisa: Psicanálise, intersubjetividade
e configurações vinculares

São Paulo, 2022

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

MACEDO, Gabriela Lara da Cruz Lucas

Do potencial andrógino da sexualidade à androginia da mente – reflexões a partir
do conceito de bissexualidade psíquica / Gabriela Lara da Cruz Lucas Macedo;
orientadora Marina Ferreira da Rosa Ribeiro. -- São Paulo, 2022.

126 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) --
Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2022.

1. Psicanálise. 2. Bissexualidade psíquica. 3. Feminilidade/masculinidade. 4.
Penetrante/penetrado. 5. Continente/contido. I. Ferreira da Rosa Ribeiro, Marina,
orient. II. Título.

Nome: MACEDO, Gabriela Lara da Cruz Lucas

Título: Do potencial andrógino da sexualidade à androginia da mente – reflexões a partir do conceito de bissexualidade psíquica

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profa. Dra. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Profa. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Profa. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Ao meu marido e companheiro,
 Marcelo Macedo.
 (Pela adolescência e pela vida adulta.
 Pelo encontro de nossas personalidades
 e interesses, à primeira vista, díspares.
 E, ainda assim, pela construção
 de um solo comum,
 de uma vida comum,
 de uma família comum).
 Te amo, vida!

A minha filha,
 Valentina.
 (Pela menininha que nasceu de mim.
 Pela mulher em devir que
 encontra eco em mim.
 Pela menina com ares de moça
 que insiste em se diferenciar de mim).
 Te amo, minha filha!

Ao meu bebê, quase nos braços,
 Joaquim.
 (Pela lembrança da fertilidade
 do encontro amoroso.
 Pela lembrança da infinita
 capacidade de amar que habita
 nossas entranhas.
 Pela presença brincalhona no ventre).
 Te amo e te aguardo, meu filho!

Aos meus pais,
 Jozimas e Vera.
 (Pela bênção da vida.
 Pela amorosidade na criação.
 Pela intensidade do vínculo.
 Pelo amor irrestrito, devoto e absoluto).
 Amo vocês!

Aos meus pacientes.
 (Pela paciência.
 Pela confiança.
 Pelo encontro amoroso que nos permite
 ressignificar a vida e a existência).
 Essas linhas nasceram de nossos enlaces
 – eu nunca compreendi uma psicanálise
 sem o amor e seus reversos.

Agradecimentos

O tema da bissexualidade me levou às entranhas da criatividade, tanto artística como científica. Joyce McDougall (1997) acredita que nossas obras são como “‘bebês’ partenogenéticos sob a forma de produções criativas” (1997, p.66), isto é, são frutos de uma fertilidade mental, de um coito fértil entre as nossas vertentes femininas e masculinas. Nesse recorte, o criar seria uma espécie de reprodução mental individual e, até mesmo, solitária. Paulo Sandler (1999), em contrapartida, acredita que durante o processo de criação nunca estamos realmente sós, pelo contrário: estamos sempre imbricados em um casamento – nesse ponto, a alteridade nos enlaça. Desse modo, Sandler nos lembra que até mesmo a potência criativa de um artista, muitas vezes encarado como um gênio solitário, advém de seu casamento com seu meio de expressão ou até mesmo com a realidade que ele é impelido a retratar, em uma tentativa constante de elaboração.

Nesse sentido, essa dissertação é fruto de muitos casamentos. Inicialmente, agradeço a minha orientadora, tão querida, Marina Ribeiro, capaz de burilar o saber e os vínculos de um modo precioso e amoroso – ela possui um certo dom em combinar rigor acadêmico, humor e carinho; uma habilidade em se libertar da falsa potência da erudição e nos embalar em uma formação sofisticada e humilde, cujo cerne é sempre a magia da psicanálise que se tece no *entre*.

Entre amigos. Essa dissertação foi tecida por inúmeras mãos. Desse modo, minha imensa gratidão ao grupo de pesquisa, um verdadeiro encontro, no qual cada um, ao seu modo, ilumina carinhosamente os caminhos da escrita, tornando-os mais criativos e menos solitários. Aos meus amigos de labuta acadêmica ou à aldeia que cria e encaminha uma criança: Ana Fátima Aguiar, Camila Young, Claudia Perrota, Celina Diaféria, Davi Berciano Flores, Fátima Florido Cesar, Ivy Semiguem, Janderson Silvestre, Maysa Bezerra, Pedro Neves, Péricles Pinheiro Machado Junior, Rachele da Silva Ferrari, Thaís Arantes e Taís Oliveira Nicoletti.

À banca examinadora. Ao professor Paulo César de Carvalho Ribeiro que me acompanhou na qualificação e na defesa; inicialmente, agradeço pelos seus textos primorosos que me lançaram aos primórdios da constituição do psiquismo em sua interface com a sexualidade. Depois, pelo privilégio de sua leitura atenta e rigorosa de minha dissertação, além de sua elegância provocativa nos comentários que me convocaram a um fantasiar científico. Ao professor Nelson Ernesto Coelho Junior, pela graduação e pelo encontro na pós-graduação; por sua leitura minuciosa da primeira etapa deste trabalho, em que ele me alertou para a descoberta de que eu “tinha um grande tema em mãos”. Por fim, ao Daniel Delouya, autor que também permeia as linhas desse trabalho e que, carinhosamente, me acolheu para sonharmos uma análise didática no início dos meus caminhos pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo; naquele momento, não foi possível iniciarmos um trabalho juntos, porém ele, gentilmente, aceitou me acompanhar em minha defesa.

Ao professor Arnaldo Chuster, pela genialidade, mas, sobretudo, pela solidariedade apaixonada com que transmite as ideias de Bion. Foi acompanhada pelas suas aulas e grupos que eu pude vivenciar uma espécie de epifania no reencontro com o conceito de bissexualidade, dessa vez iluminado pela ótica bioniana.

A minha analista, Evelise, sempre tão à vontade com o encontro entre as subjetividades em uma sala de análise. Obrigada por me presentear com um encontro fértil que se dá em uma relação de amizade e parceria de trabalho, cujo propósito, dentre os infinitos rumos de uma análise, parece ser o de me ajudar a me tornar mais psicanalista, mais analista, mais Gabriela.

Ao meu grupo de supervisão, coordenado pela minha supervisora, orientadora e amiga Marina Ribeiro e composto por Bernadette Casali, Cice Ribeiro, Darlene Andrade, Marina Segnini, Jacqueline Sacon e Marcos Veiga. Minha gratidão por acolherem a mim e aos meus pacientes em uma busca constante por legitimar meu modo peculiar de ser analista, parafraseando Caetano: sempre atravessado pela *dor e a delícia de ser quem se é*.

As minhas amigas, presentes uspianos!, que me acompanharam na minha descoberta apaixonada pela psicanálise – elas e a psicanálise parecem, muitas vezes, uma espécie de panaceia. Cintia Rogovschi, Gabriela Millare e Renata Carvalho, meu muito obrigada! Um agradecimento especial à Fabiana Meirelles, amiga sempre presente que, generosa, dedicou seu tempo não só para a leitura dessa dissertação como também para momentos dolorosos e exitosos de minha vida, permeados ora de angústia, ora de alegria – *c'est la vie!*

Aos amigos da infância e da adolescência. Alguns voaram longe, mas permanecem perto, dando conforto à existência. São eles: Flavinha, Isa e Tonica, irmãs de alma, portadoras de segredos e confidências; Ricardo e Gigi, casal que sempre me reassegura que sou amada e bem-vinda, a recíproca transborda, meus amigos! Aos que permaneceram em solo paulistano e brasileiro, me presenteando com encontros esporádicos quando a brutalidade do cotidiano permite: Fê Santana, pela devoção única e rara com a qual nutre todos os seus vínculos; Ana Ceolin, pelos encontros que sempre nos alertam para o imperativo de seguir a vida juntas; Gustavo Monzani, por me permitir ter a certeza de que, além da amizade que persiste ao tempo e aos encontros raros, nossas ideologias se encontram na mesma direção – em tempos de Bolsonaro, é sempre quentinha a harmonia, apesar de ilusória, de um projeto de país comum.

A minha família que cresce a cada dia, trazendo bebês e crianças em confraternização com jovens, adultos e velhos. Inicialmente, aos bebês e às crianças que anunciam o frescor do novo: Maya, Gael, Nadia e Bernardo. As minhas primas, Cecília e Livia, mulheres fortes, inteligentes e amorosas, que sempre me oferecem um colo fraterno. Aos meus tios: Tio Sérgio, um comunista inveterado, e Tia Tereza, amorosa e devota. À memória de minha avó, Judith, irreverente, em quem encontro os germens da minha personalidade guerrilheira. Aos meus cunhados, Claudio e Shadia, pela parceria nos momentos duros e, também, prósperos da vida. À família de minha cunhada, animada pela cultura árabe, que me ensina a força dos vínculos familiares e dos encontros festivos. A minha

sogra, Rosângela, pela admiração com a qual sempre se refere ao meu caminho. Ao biso Claudio, pela amorosidade com que, mesmo já com a memória rarefeita, me recebe em cada abraço e, claro, à lembrança de sua esposa, Dona Octavia, com quem eu compartilhava esmaltes vermelhos e uma adoção em segredo: éramos avó e neta. A minha família mineira, da qual alimento uma imensa saudade do cuidado terno de minhas tias e de minha avó, Lília.

Meu agradecimento a todos os profissionais da USP, implicados em fazer a universidade acontecer em tempos pandêmicos e sombrios. Em especial à Claudia Rocha, sempre disponível para nos ajudar com nossas dúvidas, amaciando a dureza da burocracia institucional. No mais, o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). A autora e a orientadora agradecem à CAPES pela bolsa de pesquisa concedida.

Por fim, agradeço a todos os psicanalistas e pesquisadores que vieram antes de mim e que, altruístas, emprestam suas palavras, suas ideias e reflexões, inspirando o caminho autoral de outros psicanalistas que se aventuram na pesquisa acadêmica. Aos que nascerão depois de mim, eis o futuro ali no horizonte: tal qual um pensamento vagando em busca de um pensador! Em uma espécie de tecitura infinita que brota da necessidade imperativa de desbravar, conhecer e investigar, estamos juntos.

Resumo

MACEDO, G. L. C. L. **Do potencial andrógino da sexualidade à androginia da mente – reflexões a partir do conceito de bissexualidade psíquica.** 2022. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Esta pesquisa insere-se na interface da metapsicologia, da clínica e das discussões contemporâneas acerca da identidade de gênero. Partimos do pressuposto de que o conceito freudiano de bissexualidade psíquica, uma vez que resguarda um potencial polimorfo da sexualidade, revela-se essencial para pensar a complexidade da sexualidade humana. Nesse sentido, buscamos responder à seguinte pergunta: feminilidade e masculinidade, essas duas vertentes indissociáveis da bissexualidade que se apresentam como qualidades psíquicas ou posições mentais, seriam componentes de um potencial polimorfo da sexualidade? Para responder a essa questão, orientamo-nos, sobretudo, pela teorização de Freud sobre a noção de bissexualidade psíquica, construída em seus diálogos com Fliess. A percepção freudiana de que “feminino” e “masculino” são dimensões “confusas” (1905), “de conteúdo incerto” (1925) para além da anatomia e da convenção (1933) e, portanto, atreladas a construções sociais, revelam como, já em Freud, germinava a discussão de que há uma demanda cultural nos corpos construídos de maneira binária. Nesse sentido, o conceito de bissexualidade psíquica pode não só nos ajudar a ir ao cerne das categorias de feminilidade e masculinidade de modo a tratá-las para além da lógica binária castrado/não castrado, como também representar mais uma das revoluções freudianas, uma vez que, quando se trata de uma bissexualidade integrada, essa noção se revela como um conceito rico e fértil para pensar um potencial andrógino da sexualidade, fluido, menos engessado do que as composições binárias com as quais, culturalmente, passamos a normatizar a sexualidade. O potencial subjacente à teoria freudiana da bissexualidade psíquica ganha luz ao nos depararmos com a psicanalista contemporânea Dianne Elise (2019) e sua aposta de que a díade feminilidade/passividade–masculinidade/atividade deve dar lugar à dupla penetrante–penetrado, reveladora do movimento de interpenetrabilidade entre corpos e mentes. A fim de evidenciar a riqueza da noção de bissexualidade, nos acompanham outros autores que fazem um resgate – e, por que não, uma renovação? – do pensamento psicanalítico da pulsão polimorfa, alguns fazendo referência direta ao conceito de bissexualidade psíquica, são eles: Joyce McDougall, André Green, Jacqueline Godfrind e Paulo de Carvalho Ribeiro. Acorados também em Wilfred Bion e seus conceitos de continente/contido, acreditamos que o conceito de bissexualidade psíquica transcende a discussão a respeito da noção de gênero, podendo alcançar outras dimensões: o encontro entre as mentes e o funcionamento bissexual da mente – teríamos, por assim dizer, uma mente andrógina em busca constante de expansão no encontro com a alteridade.

Palavras-chave: bissexualidade psíquica, feminilidade/masculinidade, penetrante/penetrado, continente/contido.

Abstract

MACEDO, G. L. C. L. **From the androgynous potential of sexuality to the androgyny of the mind – reflections from the concept of psychic bisexuality.** 2022. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

This research is placed within the interface of metapsychology, clinical practice and contemporary discussions about gender identity. We start from the assumption that the Freudian concept of psychic bisexuality, once it holds a polymorphic potential for sexuality, shows itself essential to think the complexity of human sexuality. In this sense, we seek to answer the following question: would femininity and masculinity, known as two inseparable aspects of bisexuality which appear as psychic qualities or mental positions, be components of a polymorphic potential of sexuality? To answer this question, we are guided, above all, by Freud's theorization on the notion of psychic bisexuality, developed in his dialogues with Fliess. The Freudian perception that "feminine" and "masculine" are "confused" dimensions (1905), "of uncertain content" (1925) which goes beyond anatomy and convention (1933) and, therefore, linked to social constructions, reveals how, since Freud, a discussion germinates on the fact that there is a cultural demand on bodies constructed in a binary way. In this sense, the concept of psychic bisexuality may not only help us to go to the core of femininity and masculinity categories in order to treat them beyond a castrated/uncastrated binary logic, but also to represent one more of the Freudian revolutions, since, when it concerns an integrated bisexuality, this notion reveals itself as a rich and fertile concept to conceive an androgynous, fluid and less plastered potential of sexuality in comparison to the binary compositions with which, culturally, we come to normalize sexuality. The potential underlying the Freudian theory of psychic bisexuality is given new light when we come across Dianne Elise (2019), a contemporary psychoanalyst whose bet is that the femininity/passivity-masculinity/activity dyad should give way to the penetrating-penetrated duo, revealing the movement of interpenetrability between bodies and minds. In order to reveal how rich the notion of bisexuality is, we are joined by other authors who rescue - and perhaps renew? - psychoanalytic thought of the polymorphous drive, some making direct reference to the concept of psychic bisexuality, namely: Joyce McDougall, André Green, Jacqueline Godfrind and Paulo de Carvalho Ribeiro. Being also anchored in Wilfred Bion and his concepts of container/contained, we believe that the concept of psychic bisexuality transcends the discussion on the notion of gender and may reach other dimensions, such as: the encounter between minds as well as the mind's bisexual functioning – we would have, so to speak, an androgynous mind in constant search for expansion through the encounter with otherness.

Keywords: psychic bisexuality, femininity/masculinity, penetrating/penetrated, container/contained.

Resumen

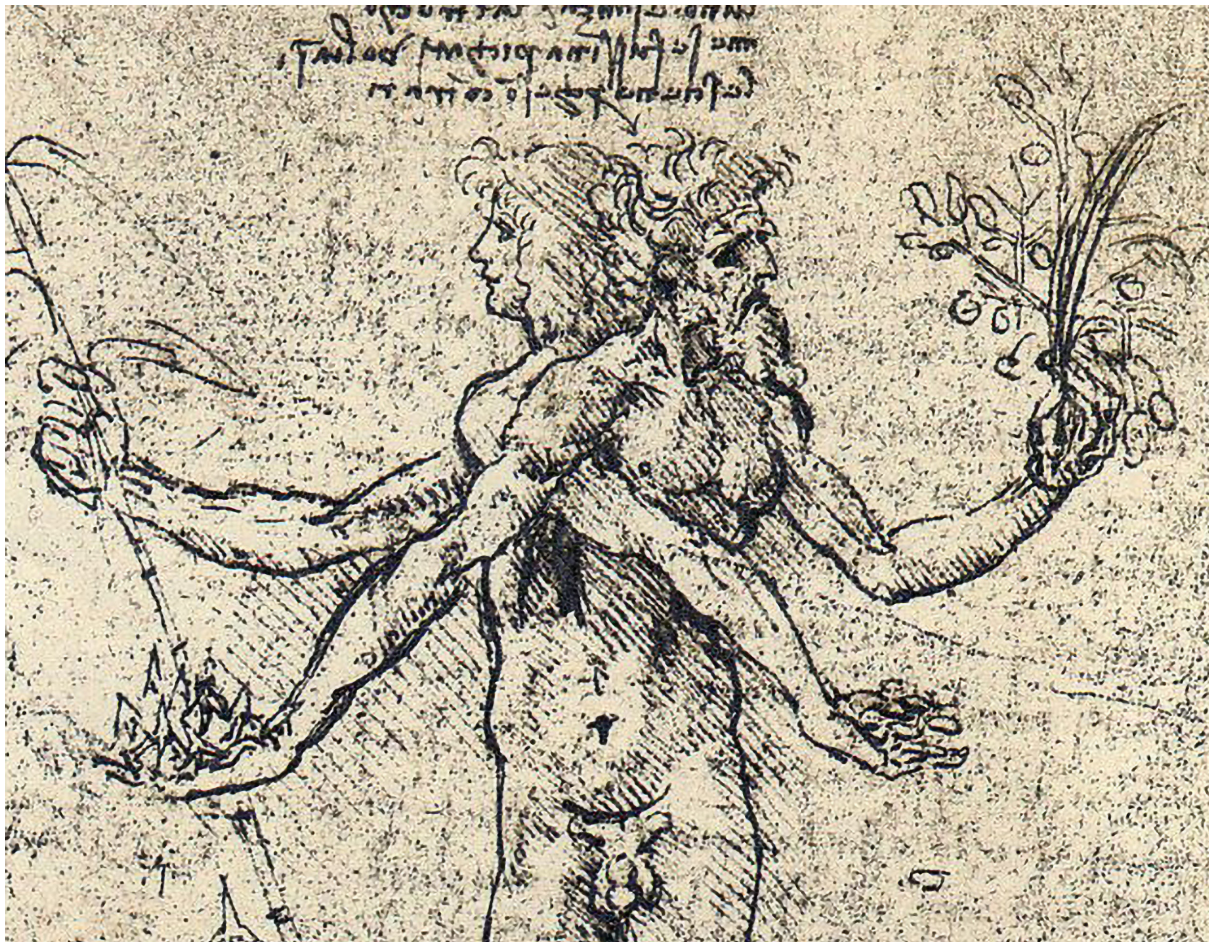
MACEDO, G. L. C. L. **Del potencial andrógino de la sexualidad a la androginia de la mente – reflexiones desde el concepto de bisexualidad psíquica.** 2022. Tesis de Maestría en Psicología Clínica – Instituto de Psicología, Universidad de São Paulo, São Paulo.

Esta investigación es parte de la interfaz de la metapsicología, la práctica clínica y las discusiones contemporáneas sobre la identidad de género. Partimos del supuesto de que el concepto freudiano de bisexualidad psíquica, en tanto resguarda un potencial polimorfo de la sexualidad, se revela esencial para pensar la complejidad de la sexualidad humana. En ese sentido, buscamos responder a la siguiente pregunta: feminidad y masculinidad, estas dos vertientes indisociables de la bisexualidad que se presentan como cualidades psíquicas o posiciones mentales, ¿serían componentes de un potencial polimorfo de la sexualidad? Para responder a esta pregunta nos guiamos, sobre todo, por la teorización de Freud sobre la noción de bisexualidad psíquica, construida en sus diálogos con Fliess. La percepción freudiana de que «femenino» y «masculino» son dimensiones «confusas» (1905), «de contenido incierto» (1925) más allá de la anatomía y la convención (1933) y, por lo tanto, ligadas a construcciones sociales, revelan cómo, ya en Freud, germinaba la discusión de que hay una demanda cultural en los cuerpos contruidos de forma binaria. En este sentido, el concepto de bisexualidad psíquica no sólo puede ayudarnos a ir al corazón de las categorías de feminidad y masculinidad para tratarlas más allá de la lógica binaria castrado/no castrado, sino que también representa una más de las revoluciones freudianas, ya que, tratándose de una bisexualidad integrada, esta noción se revela como un concepto rico y fértil para pensar un potencial andrógino de la sexualidad, fluido, menos enyesado que las composiciones binarias con las que, culturalmente, pasamos a normativizar sexualidad. El potencial que subyace a la teoría freudiana de la bisexualidad psíquica sale a la luz cuando nos encontramos con la psicoanalista contemporánea Dianne Elise (2019) y su apuesta a que la diada feminidad/pasividad–masculinidad/actividad debería dar paso al dúo penetrante–penetrado, revelando el movimiento de interpenetrabilidad entre cuerpos y mentes. Para resaltar la riqueza de la noción de bisexualidad, nos acompañan otros autores que hacen un rescate –y, por qué no, una renovación– del pensamiento psicoanalítico de la pulsión polimorfa, algunos haciendo referencia directa al concepto de bisexualidad psíquica, quienes son: Joyce McDougall, André Green, Jacqueline Godfrind y Paulo de Carvalho Ribeiro. Anclados también en Wilfred Bion y sus conceptos de contenedor/contenido, creemos que el concepto de bisexualidad psíquica trasciende la discusión sobre la noción de género, pudiendo alcanzar otras dimensiones: el encuentro entre mentes y el funcionamiento bisexual de la mente –tendríamos, por así decirlo, una mente andrógina en constante búsqueda de expansión en el encuentro con la alteridad–.

Palabras clave: bisexualidad psíquica, feminidad/masculinidad, penetrar/penetrado, continente/contido.

SUMÁRIO

- (19) **Para início de conversa...**
- (27) **Parte I.**
O primeiro tempo do conceito – feminilidade e masculinidade: as duas vertentes da bissexualidade psíquica
- (27) **1. As raízes do conceito – a bissexualidade psíquica em Freud**
- (31) 1.1. A bissexualidade psíquica e a(s) homossexualidade(s)
- (35) 1.2. O masculino e o feminino: definições possíveis?
- (38) 1.3. A histeria e a noção de bissexualidade
- (39) 1.4. A bissexualidade psíquica e o fim da análise
- (42) **2. Dando contornos ao conceito de bissexualidade psíquica: a teoria de Joyce McDougall**
- (43) 2.1. A noção de bissexualidade psíquica na obra de Joyce McDougall
- (48) 2.2. Benedicte, uma "órfã psíquica"
- (54) **3. Sob o ângulo de André Green: a bissexualidade psíquica**
- (54) 3.1. Antes de mais nada: sobre o sexual
- (56) 3.2. Sobre a bissexualidade psíquica em André Green
- (62) **4. Da bissexualidade ao desabrochar da feminilidade: as reflexões de Jacqueline Godfrind**
- (62) 4.1. Entre mulheres: a vivência homossexual
- (65) 4.2. O papel do pai na construção da bissexualidade e o encontro entre os sexos
- (69) **5. Paulo de Carvalho Ribeiro e suas contribuições ao tema da bissexualidade**
- (69) 5.1. A bissexualidade a partir da ótica do machismo e sua relação com a passividade originária
- (75) 5.2. É tempo de transição: a sexualidade orficial e a penetrabilidade dos corpos
- (79) **Parte II.**
Para além da feminilidade e da masculinidade: a bissexualidade e a interpenetrabilidade de corpos e mentes
- (79) **6. A bissexualidade e a díade *penetrante e penetrado***
- (85) 6.1. A bissexualidade e o erotismo materno: a interpenetrabilidade afetiva
- (95) **Parte III.**
Sobre a androginia da mente – bissexualidade e funcionamento mental: aproximações possíveis?
- (95) **7. Freud em Bion, Bion em Freud?**
- (102) 7.1. O conceito bioniano de continente-contido e sua interface com a bissexualidade
- (115) **À guisa de conclusão...**
- (118) **Referências Bibliográficas**



Leonardo da Vinci: arte desconhecida de um corpo andrógino

“Quanto mais o trabalho deste ano vai agora ficando para trás, mais satisfeito vou ficando com ele. A não ser com a bissexualidade! A respeito dela, você certamente tem razão. Estou até me acostumando a conceber cada ato sexual como um processo entre quatro indivíduos. Sobre isso haverá muito o que conversar.” (Carta 113 de Freud a Fliess, 1899)

“E agora o principal! Tanto quanto posso perceber, meu próximo trabalho deverá chamar ‘A bissexualidade humana’, que pegará o problema pela raiz e dirá a última palavra que me for possível. A última e a mais profunda...” (Carta 145 de Freud a Fliess, 1901)

“A propósito, recordo a sessão analítica de uma criança de cinco anos que, voltando das férias de verão, invadiu meu consultório em evidente estado de excitação, para anunciar um acontecimento incomum: ‘Durante as férias, estávamos em um acampamento onde todas as crianças tomavam banho juntas, peladas!’ ‘Você quer dizer, meninas e meninos juntos?’ Parecendo surpreso, ele gritou: ‘Não seja estúpida! Como eu poderia distinguir? Eu já lhe disse, eles estavam sem as roupas!’” (Joyce McDougall, 1989/1993, p. 240)

Para início de conversa...

*"eu sou a garota mais doce ao sul do equador
o garoto mais quente que conheço
eu sou eu sinto que sou
eu mesmo*

*eu sou a garota fugaz da minha rua em flor
o garoto que rouba as flores das casas
eu sou sobretudo eu sou
eu mesma*

*eu sou a garota mais valente ao seu dispor
o garoto mais engraçado que conheço
eu sou eu sinto que sou
eu mesmo"*

(ANGÉLICA FREITAS, 2020)

Minhocas e caracóis. Deuses e semideuses. Será a condição hermafrodita, andrógina e bissexual privilegiado e pesadelo de alguns poucos seres, terrenos e celestes? A poeta, por sua vez, parece acreditar que há caminhos para se apropriar da masculinidade e da feminilidade e, por isso, reivindica uma constituição identitária andrógina, ancorada em uma bissexualidade, subvertendo categorias socialmente construídas e elevando-as à dimensão da singularidade – “eu sou eu sinto que sou eu mesmo”.

Freud (1896/1986) também pleiteou o lugar da bissexualidade na constituição do sujeito ou, em suas palavras, defendeu que ela é condição “de todos os seres humanos” (p. 213). *E eu, eu mesma*, a partir das ideias freudianas acerca da bissexualidade psíquica, busco, nas páginas que seguem, responder se a bissexualidade, enquanto conceito psicanalítico construído em uma Viena patriarcal, pode, na contemporaneidade, iluminar a sexualidade – viva, subversiva e plástica.

A nossa aposta é que, tal como já anunciara Freud (1967), sem a bissexualidade estamos no terreno da desumanidade, como os monstros caolhos da mitologia: “... nascer bissexual é tão normal quanto nascer com dois olhos; um homem ou uma mulher sem o elemento da bissexualidade seria tão desumano quanto um ciclope” (FREUD, 1967, p. 64). Nesse sentido, em um primeiro momento, nosso trabalho buscou explicar como a noção de bissexualidade coloca luz sobre os contornos plurais e diversos que podemos dar ao nosso eu sexuado, o que já é marca do humano, distanciando-nos de uma sexualidade atrelada à condição biológica ou ao desenvolvimento da “espécie” – terreno subversivo da sexualidade perverso-polimorfa.

No mais, para além dos contornos da nossa sexualidade, a bissexualidade nos ensina sobre a nossa própria humanidade quando nos ajuda a compreender como se dá o nascimento de nossa vida psíquica no encontro com a alteridade. O berço da vida mental se ancora na bissexualidade, uma vez que esse conceito se propõe, como veremos a partir de autores pós-bionianos, iluminar não só o funcionamento bissexual da mente como também o movimento de encontro entre as mentes em que a vida humana se origina e se expande.

Da constituição da sexualidade à arquitetura da mente – nosso trabalho partiu de uma série de hipóteses que foram nascentes para tantas outras. O desfecho dessa dissertação, no entanto, aponta o caminho inverso da organização de nossa pesquisa: da arquitetura da mente à constituição da sexualidade. Esse trajeto nos mostra que a sexualidade brota das trocas sensuais, sempre sustentada em um movimento bissexual – isto é, de interpenetrabilidade de corpos e mentes – vivenciado com nossos cuidadores; aqui estariam os vestígios de uma promessa, talvez a mais promissora e, também, a mais desafiadora de todas: o alcance da dimensão da alteridade.

Inicialmente, a nossa pesquisa se debruçou sobre a ideia de que feminilidade e masculinidade poderiam ser consideradas componentes básicos de um potencial polimorfo da sexualidade, assim como as cores básicas de um caleidoscópio que possibilitam combinações infinitas. Para tal, nos deparamos com o nosso primeiro desafio: fugir da armadilha de tratar feminilidade e masculinidade como categorias binárias, dicotômicas e rígidas que funcionariam mais próximas a uma redução da dimensão polimorfa da sexualidade, atreladas a questões políticas, ideológicas e patriarcais que minam a criatividade e a plasticidade da sexualidade.

Nossa hipótese, porém, vai por outro caminho. Feminilidade e masculinidade se constituiriam como uma dualidade inexorável da vida psíquica tais como eu-outro, amor-ódio, pulsão de vida-pulsão de morte, mais próximas ao mergulho que Freud nos convida a fazer ao apontar a complexidade dessas categorias que seriam “confusas” (1905), “de conteúdo incerto” (1925), que a “psicanálise não pode esclarecer” (1920), e que, por fim, atrelá-las à atividade e à passividade “é pouco” (1920).

Nesse sentido, a primeira etapa deste trabalho, “*O primeiro tempo do conceito – feminilidade e masculinidade: as duas vertentes da bissexualidade psíquica*”, procurou, antes de tudo em Freud e em sua teorização a respeito da bissexualidade desde os seus diálogos com Fliess, enfatizar a preciosa intuição freudiana sobre a bissexualidade como um conceito que leva à desnaturalização da binariedade dos corpos e, portanto, antecipa a discussão da pluralidade de gêneros.

Freud foi um pensador capaz de antecipar muito do que assistimos de camarote na contemporaneidade. Isso é perceptível, sobretudo, pela revolução e o barulho que causou – e ainda causa – a sexualidade perverso polimorfa. Do mesmo modo, acreditamos que a bissexualidade e a consequente dificuldade freudiana em dar contornos a esse conceito também podem se encontrar, dentre outras razões, por ser uma ideia adiante de um tempo, aguardando outras mentes para pensá-la. Enfim, Freud nos deixou perguntas fecundas que costumam ser mais promissoras do que respostas.

Sua teoria, no entanto, não é unívoca a esse respeito e possui múltiplas camadas controversas que se revelam conservadoras e patriarcais, frutos de uma época e das limitações de um homem: por exemplo, sua insistência no gozo vaginal das mulheres e no primado fálico. Além do mais, juntamente com sua capacidade de recorrer à literatura e à mitologia, há, recorrentemente, a sua tentação a um retrocesso à rocha biológica, como ele parece, à primeira vista, ter feito em 1924 ao parafrasear Napoleão e afirmar que “a anatomia é o destino” ou, em 1937, ao radicalizar a ideia de um fato biológico como o pano de fundo, subjacente, ao repúdio da feminilidade.

O nosso esforço, ao privilegiarmos nessa dissertação um conceito freudiano, foi o de não jogar fora o bebê juntamente com a água do banho. Acreditamos que Freud nos deixou heranças primorosas, dentre elas o conceito de bissexualidade psíquica que permaneceu no decorrer de toda sua obra, mas sempre como um conceito, nas palavras de Jean-Michel Levy (2019, p. 2), “estranho” e “estrangeiro”, nunca perfeitamente incorporado ao corpus teórico da obra freudiana:

(...) que resiste (a bissexualidade) à assimilação completa, que sempre a excede, talvez como reflexo de sua posição na psique. Sabemos que uma dificuldade teórica pode ser alimentada por várias fontes e quanto o recalque, inevitavelmente sempre preso na teoria, pode impedir o pensamento. (LEVY, 2019, p. 2)

Não estamos livres de dificuldades semelhantes as de Freud, pois a bissexualidade nos leva sempre ao confronto com a presença de um hibridismo marcado por cesuras¹ em nossa sexualidade. O psicanalista, com esse conceito em mãos, ficou em uma espécie de encruzilhada, mas nunca o abandonou, deixando aberturas para outros psicanalistas articularem bissexualidade e gênero, bissexualidade e criatividade, bissexualidade e funcionamento mental – o que revela a fertilidade desse conceito.

Dentre esses estudiosos da psicanálise que partiram de Freud para alçar novos voos com sua teoria da bissexualidade, está, por exemplo, Joyce McDougall. A autora acredita que nós nunca abandonamos a nossa ilusão bissexual e que a bissexualidade, quando integrada, é propulsora da criatividade – ou seja, o casamento de dois que geram um, revelando, já em McDougall, aquilo que será mais bem elaborado na última etapa deste trabalho, que a bissexualidade é um conceito que resguarda a condição edípica da mente (CHUSTER, 2019).

Ao lado de Freud e McDougall, está André Green que, preocupado com a marginalização da sexualidade na psicanálise, resgata o conceito de bissexualidade, relacionando sua inscrição no psiquismo aos primórdios da vida psíquica, tempo já edípico, marcado pela cena primária e pela presença do pai entre mãe e a criança. Continuamos, então, com Jacqueline Godfrind que dá um amplo espaço ao conceito de bissexualidade em sua obra, sobretudo para compreender como se dá a constituição do

1 É importante frisar que, a partir da célebre citação freudiana (1926) a respeito da continuidade entre a vida intrauterina e extrauterina que transcenderia a cesura, isto é, o corte e a fissura do nascimento, Bion transformará cesura em um conceito que resguarda o paradoxo indissolúvel entre continuidade e ruptura.

feminino. Seu conceito de bissexualidade primária permeia toda esta pesquisa, já que foi ele que nos possibilitou compreender a ideia freudiana de uma “bissexualidade constitucional” por um viés não biológico, anterior à trama edípica e que, portanto, funcionará como os alicerces do complexo de Édipo.

A posteriori, preparamos o terreno para uma importante transição, o descolamento da bissexualidade das dimensões de masculinidade e feminilidade. Para isso, convidamos o autor brasileiro Paulo de Carvalho Ribeiro e seu repertório laplancheano; o psicanalista, apesar de não fazer referência direta à dimensão da bissexualidade, nos aproximou desse conceito por um outro vértice: a ideia da penetrabilidade. Com isso, o autor nos ensina que articular passividade à feminilidade é uma construção teórica frágil, para tal ele defende uma sexualidade oficial propensa à penetrabilidade, associando, desse modo, a posição penetrada à sedução originária (P. C. Ribeiro, 2017).

Chegamos à Parte II desta pesquisa, *“Para além da feminilidade e da masculinidade: a bissexualidade e a interpenetrabilidade de corpos e mentes”*. A ideia, nesse ponto, foi a de transcender os termos masculinidade e feminilidade, buscando uma linguagem que permitisse compreender o fenômeno da bissexualidade mais próxima da vivência do encontro entre almas e corpos. Encontro esse que, segundo Dianne Elise (2019), autora que nos acompanha nessa etapa, se dá entremeado de carinhos e carícias entre a mãe e seu rebento, em um movimento de interpenetração de corpos e mentes. O objetivo da psicanalista é resgatar a dimensão do erótico, essencial não só às vivências primitivas e primordiais com o outro como também ao campo analítico – será o conceito de bissexualidade que permitirá à autora o enxerto dessa chama apaixonada nas relações.

Para ela, é hora de abandonar masculinidade/atividade e feminilidade/passividade e abraçar a bissexualidade visceralmente, a díade que ganha relevância aqui é *penetrante/penetrado*. A despeito do gênero, penetrar e ser penetrado são potências psíquicas em simetria com um vislumbre do corpo, ela nos diz, por exemplo, que “todos temos dedos e bocas” (1998, p. 361). E, caminhando lado a lado de Elise, nós diríamos: todos temos o potencial de acolher o outro em nosso espaço mental e habitar a mente de outrem.

Penetrar e ser penetrado. A sensação, quando nos deparamos com a teoria de Elise, foi de um certo êxtase – tal qual um sentido que se forma, o desejo foi o de acender um cigarro depois de um intercurso sexual fértil (NOSEK, 1996). O que queremos transmitir é que, a partir da visita criativa de Elise ao conceito protagonista desta dissertação, compreendemos a ideia freudiana de bissexualidade como suprema potência humana².

Por fim, a partir de Elise, chegamos ao fim, mas a cobra parece morder o rabo! Estamos no início, nos primórdios da constituição psíquica que se desenrola bissexualmente. A última parte intitulada *“A androginia da mente – bissexualidade e funcionamento mental: aproximações possíveis?”*

2 Minha filha brincando de superpoderes me diz que eu não tenho poderes mágicos, eu retruco, um tanto brincalhona, um tanto ferida, “ora, eu fiz você!”. Vale lembrar que o que se está em jogo aqui é a fertilidade que se dá em um trânsito livre entre nossas identificações masculinas e femininas – enfim, bissexuais. Poderíamos, por fim, habitar o mesmo terreno de deuses e semideuses?

discorre sobre as articulações entre o conceito de bissexualidade e a noção bioniana de continente/contido. No coração da teoria do pensar do psicanalista inglês, estão os seus conceitos de continente/contido, os quais Bion, sabidamente, inspirado na linguagem matemática e na biologia (SANDLER, 2005), assinala como ♂♀ – acreditamos que aqui estaria a condição andrógina da mente em que continente e contido se alternam em múltiplas possibilidades.

Se nossa hipótese caminha para uma mente andrógina, bissexual, poderíamos nos perguntar se a clínica poderia ser vislumbrada a partir desse vértice. De um lado, manter-nos ancorados em nossa identidade sexual, de outro sustentar um polimorfismo, subjacente à sexualidade, que nos permite múltiplos arranjos sexuais com nossos pacientes – podemos dizer que é esperado do analista que ele transite com uma certa liberdade pela pluralidade, exercendo a bissexualidade como livre uso de sua potência humana. Pontalis, nesse sentido, em “À margem dos dias” (2012, p. 88), nos diz:

Dificuldade do analista: ter ao mesmo tempo afirmada sua própria identidade sexual e uma identidade psicanalítica flutuante, vacilante, a ponto de poder, ou ao menos deixar entender, a seu paciente: “O que lhe garante que sou um homem? (ou uma mulher).”

Foram também Bion e os pós-bionianos que nos ajudaram a compreender a bissexualidade como função analítica, isto é, como instrumento clínico e, portanto, como eixo da escuta psicanalítica. De certo modo, o encontro entre as mentes na sala de análise respeita o berço do encontro com os cuidadores: uma mente em busca de outra mente, espaço de encontro e, portanto, de concepção, de inseminação e de nascimento do novo.

O que acontece quando nos encontramos com nossos analisandos? Se considerarmos que a mente é edípica e que, fora disso, estamos no terreno da desumanidade (CHUSTER, 2019), o Édipo estará sempre à espreita de nossos divãs, no entanto “o que se processa é o substrato originário da bissexualidade” (DELOUYA, 2003, p. 205), pavimento sobre o qual se assenta o desenrolar da trama edípica ou os primórdios do Édipo.

Sendo assim, foi inevitável: à medida que a teoria me captava, a minha clínica³ era convocada e vice-versa, meu fazer clínico me levava ao encontro da teoria. Mas não só: meus colegas e minha orientadora, devotados na leitura desta pesquisa, a discussão dos meus casos, sempre atravessados pelo meu tema, em supervisão, a escuta e o abraço de minha analista, enfim todos ao meu redor se tornaram cúmplices e coautores de um crime – fazemos alusão aqui à ideia de Joyce McDougall de que a criação envolve a coragem de se apropriar das potências de pai e mãe, isto é, da bissexualidade, por isso sua afirmação de que a criação é sempre um crime contra os pais (1997).

3 Em termos metodológicos, o relato de fragmentos clínicos revela a dimensão ficcional da narrativa clínica (TANIS, 2015), como um gênero próximo à poesia e, portanto, ao inconsciente. Nada é verdadeiro ou verídico, não se corrompe o sigilo ou a ética, mas, ainda assim, a verdade é resguardada quando o leitor pode captar algo genuíno da experiência.

Nesse sentido, concordamos com as afirmações de Nosek (2022, “*A escuta como criadora de imagens*”, aula inaugural ministrada no Instituto Wilfred Bion) sobre a postura do psicanalista clínico diante da teoria. Para ele, serão os filósofos, por exemplo, que terão a teoria na ponta da língua, ao passo que o psicanalista, diante da teoria, é afetado por ela de um modo menos rigoroso e menos acadêmico, mais próximo, contudo, do perigo da perda de controle, semelhante à experiência que Ogden descreve como estar “à deriva” (2013).

Por isso, nos conta Nosek, um texto clássico da psicanálise pode ser lido infinitas vezes, por diversos vértices e, ao convocar nossas experiências pessoais e clínicas, o texto se revela novinho em folha, quase como se nunca tivesse sido lido – sempre um assombro surpreendente, mas também uma decepção para aqueles que desejam estar em dia com a teoria psicanalítica ou tê-la na ponta da língua com desenvoltura didática. As ideias de Nosek estão em consonância com a explanação com a qual nos deparamos no texto “*A pesca do fragmento intersubjetivo na pesquisa psicanalítica*” (RIBEIRO, FLORES, RAMOS, 2022) sobre o ofício do analista-pesquisador:

As leituras do pesquisador-psicanalista ampliam a circularidade de seu pensamento, sem a possibilidade de definir em que momento um conceito teórico tomará de arroubo sua mente, ou quando um vestígio de sua clínica brotará das entranhas da metapsicologia. Nas palavras de Bion (1967/2014b), “O artigo de Freud deve ser lido – e esquecido” (p. 175), de modo que retorne à mente do analista sem sua forma de evocação, não como uma memória à espreita buscando uma realização, mas como um elemento espontâneo que surge à mente ao longo da experiência. (p. 44)

Desse modo, o analista-pesquisador se vê diante de um paradoxo: por um lado, ao se deparar com seu objeto de pesquisa, manter-se rigoroso e persistente (RIBEIRO, FLORES, RAMOS, 2022, p. 35), mas, por outro lado, se deixar impactar “pela turbulência da relação (ou da obra)” (p. 35). Para os autores, esse paradoxo é condição do ofício do analista que se mantém comprometido com a pesquisa, afinal o que nos convoca a pesquisar são as experiências pessoais, profundamente subjetivas e, geralmente, enigmáticas com as quais somos interpelados na vida – pescamos e somos pescados, poderíamos dizer a partir da metáfora utilizada pelos autores:

Os dispositivos que regulam a consistência de uma pesquisa são, na realidade, múltiplas vozes, internas e externas, evocadas e esquecidas pelo pesquisador-psicanalista. Trata-se de um arranjo que opera de forma intersubjetiva, assim como, o funcionamento psíquico, no qual há vozes lembradas e esquecidas, todos presentes na construção do texto. E, da mesma forma, uma pesquisa é sempre um conjunto de vértices, um mosaico de pontos de observação construídos ao longo de um tempo finito. (p. 46)

Pes(car)quisar em psicanálise exige um bocado de fé – “*que a fé não costuma faiá*” –, sobretudo, nos processos inconscientes. O que está em jogo aqui é a ancoragem em uma postura científica denominada por Bion como Ato de fé, caracterizada pela espera paciente de um sentido que brotará,

sempre em um estado de mente desprovido de memória e de desejo – ainda que a missão de se libertar completamente de nossas lembranças e de nossos ímpetos seja impossível, ela se caracteriza pela busca disciplinada e incessante de uma postura científica.

Quando nos defrontamos com nossos enigmas que ganham o formato de uma pesquisa acadêmica, é esperado que não saibamos a princípio aonde nossos esforços nos levarão – semelhante ao que ocorre no encontro com os nossos pacientes. Por isso, a história controversa do conceito de bissexualidade (PERLBERG, 2018) nos reservou um montante significativo de angústia ao nos depararmos com a polêmica imbuída nas discussões acaloradas de gênero e com a paixão que acreditamos que o próprio conceito evoca.

Por outro lado, a angústia parece ser inerente ao processo de pesquisa, ao encontro com nossos analisandos e, enfim, à própria vida. A aposta é transformá-la em um estado de confiança no futuro – ali, onde o sentido nos espera e que podemos captar o que Bion chamou de fato selecionado, conceito próximo a ideia de pensador que encontra, por fim, um pensamento. Momentos sempre fugazes e transitórios que logo se desfazem e nos levam novamente a um mergulho na incerteza.

A tentativa bioniana, resgatada pelos autores brasileiros em busca de uma metodologia que contemple a dimensão da intersubjetividade (RIBEIRO, FLORES, RAMOS, 2022), é a de descrever um estado de mente científico, propício para a fertilidade mental, de onde brota a Verdade (BION, 1975). Mas de que Verdade fala Bion? Não se trata de verdades megalomaniacas, autoritárias ou absolutas, mas de um alimento vital da mente, a verdade emocional, relacionada, sobretudo, ao auto-conhecimento que se encontra – e se perde! – sempre em uma relação de alteridade.

Ainda que Bion fale em Verdade, seria ingênuo acreditarmos que a verdade está ao nosso alcance, da psicanálise ou de qualquer outro saber. Desse modo, a pesquisa em psicanálise deve resguardar uma boa dose de humildade e, também, de criatividade, afinal, se a verdade não existe, só nos resta criá-la, imaginando-a ou sonhando-a, em uma espécie de fantasiar científico.

Por isso, a proposta metodológica dos autores se constitui como uma aposta (RIBEIRO, FLORES, RAMOS, 2022): o estado de mente, proposto por Bion, pode acompanhar o pesquisador em sua tentativa de ampliação da metapsicologia. Esse estado estaria relacionado ao que Bion propõe como o exercício rigoroso de nossa capacidade negativa (BION, 1977), isto é, de tolerância à dúvida e ao desconhecido, resguardando a (espera)ança de um sentido – enfim, “um caminho em busca de luz” (2019).

Ainda considerando os desafios metodológicos, tomar a bissexualidade como tema de pesquisa nos demandou a não filiação a um autor ou a uma escola, mas o diálogo entre as diversas teorias⁴ que-

4 Nosso caminho foi o de seguir a bissexualidade como um fio condutor que nos levou a autores de diferentes arca-bouços teóricos e, inclusive, com compreensões distintas do que seria o funcionamento psíquico.

buscam dar contornos a um conceito minado pelas paixões ideológicas e pelo estigma da binariedade:

Hoje em dia, especialmente sob a influência das teorias de gênero em nossa cultura, a bissexualidade psíquica parece dever ser relegada em breve à categoria de uma velharia a ser superada: obsoleta, ela serviria apenas para manter a norma heterossexual e preservar a dominação masculina. (LEVY, 2019, p. 3)

Nosso caminho foi sustentar, a partir da articulação entre diversos autores, velhos e novos, clássicos e contemporâneos, que é a tensão entre o antigo e o novo, a tradição e o progresso, que nos leva à criação. Nossa hipótese é a de que a bissexualidade é um conceito antigo, mas não caduco; o movimento de caducar ou eliminar a bissexualidade do corpus teórico da psicanálise pode ser revelador de conteúdos inconscientes turbulentos e, portanto, significativos (DELOUYA, 2003) – talvez, porque seja o barro do qual somos feitos.

Por ser um tema “inquietante quando não explosivo” (DELOUYA, 2003, p. 207), fez-se necessário buscar, no entrecruzamento dos diversos autores supracitados, elementos para a construção de uma pesquisa que tem como aposta a fertilidade desse conceito. Isso nos exigiu recorrer a uma psicanálise contemporânea, capaz de transcender a era das escolas (FIGUEIREDO, 2006) e estimular o grande esforço envolvido em direção ao diálogo entre as diversas teorias que se nutrem umas das outras e que se constituem a partir de suas nuances, aberturas e limites.

... Nuances, aberturas e limites. Entregamo-nos, por fim, em nossa escrita, revelando-nos sempre tão transparentes, tão desnudados. Potentes, mas também vulneráveis. Por que, então, criar? Será necessidade imperativa de procriar? De testemunhar o encontro fértil entre masculinidade e feminilidade em um parto que dê a luz a um terceiro, capaz de preservar a nossa existência, mas que resguarde o mistério e o frescor do novo?

Parte I.

O primeiro tempo do conceito - feminilidade e masculinidade: as duas vertentes da bissexualidade psíquica

1. As raízes do conceito – a bissexualidade psíquica em Freud

“Desde que tomei conhecimento da noção de bissexualidade, considero esse fator decisivo e acho que, sem levar em conta a bissexualidade, dificilmente poderemos chegar à compreensão das manifestações sexuais que realmente se observam no homem e na mulher.”
(FREUD, 1905, p. 140)

“Mas que reivindicações mesquinhas são essas? A verdade é que você, Wilhelm, não se interessa mais por mim, nem pelo meu trabalho, tampouco pela minha família... você deixou de me amar” – é nesse cenário explosivo que desabrocha o tema da bissexualidade. O ano é 1901 e Freud anuncia para o amigo de mais de 15 anos que deseja escrever um livro sobre a noção de bissexualidade, o que desencadeia suspeitas de plágio, ciúmes e, por fim, o rompimento da relação entre ambos...⁵ E a história da psicanálise reproduz o funcionamento da mente, porque Freud, obviamente, estava submetido às mesmas leis que desvendou: eis a bissexualidade em curso, expressa na corrente homossexual dirigida ao amigo.

Freud se refere à bissexualidade originária em muitos de seus textos, ora fazendo alusão a Fliess, ora se apropriando do conceito à sua maneira e apagando os vestígios desse empréstimo, sobretudo porque o psicanalista entendeu a bissexualidade para além da biologia e da tese de bilateralidade⁶. A compreensão de Freud acerca da temática da bissexualidade diz respeito ao complexo

5 O contexto de rompimento entre ambos é narrado pelo psicanalista Daniel Delouya em seu artigo “A bissexualidade no eixo da escuta psicanalítica: considerações teóricas acerca da clínica” (2003).

6 “Em dezembro de 1897, durante um encontro em Breslau, Fliess desenvolveu uma nova ideia, afirmando que a bissexualidade biológica prolonga-se, no ser humano, numa bissexualidade psíquica, que era paralela à bilateralidade característica do organismo humano, com a direita e a esquerda traduzindo, de certo modo, a organização corporal e espacial da diferença entre os sexos” (ROUDINESCO & PLON, p. 72, 1998)

de Édipo: a bissexualidade se constitui como o pavimento do complexo de Édipo, o solo no qual se sustenta e se desenrola a trama edípica. Nesse sentido, lidar com o Édipo é processar e perlaborar a bissexualidade inerente a todos os seres humanos:

Portanto, o desenlace da situação edípica numa identificação com o pai ou a mãe parece depender, em ambos os sexos, da relativa força das duas disposições sexuais. Esta é uma das formas como a bissexualidade intervém no destino do complexo de Édipo... Uma investigação mais penetrante mostra, em geral, o complexo de Édipo *mais completo* que é duplo, um positivo e um negativo, dependente da bissexualidade original da criança. (FREUD, 1923/2013, p. 41)

Desse modo, a bissexualidade se entrelaça a duas correntes indissociáveis na obra de Freud: a feminilidade e a masculinidade. Ambas constituem a subjetividade de maneira a dar contornos singulares a nossa identidade – o barro do qual somos feitos. Não nascemos homens nem mulheres, mas com “uma predisposição originalmente bissexual” (FREUD, 1905/2020, p. 28). Apenas no progresso de nossa pulsionalidade, ao assumirmos nosso próprio sexo em suas infinitas possibilidades, considerando todos os conflitos inerentes a esse complexo processo que se ancora sobretudo na diferença dos sexos, é que alcançamos uma certa conformidade em nossa identidade sexual. Sobre isso, recorremos à Florence Guignard que vê no conceito freudiano de bissexualidade psíquica a possibilidade de enlance às noções contemporâneas de identidade de gênero⁷:

Primeiramente, em vez de “transformação da bissexualidade psíquica numa identidade de gênero”, eu falaria de uma “evolução” e de uma “consolidação” da bissexualidade psíquica, que acompanha a instalação serena numa identidade de gênero definitiva. Quero reforçar, com isso, que um homem ou uma mulher, cuja identidade de gênero está bem assegurada, é alguém que pode facilmente se identificar com um ser humano de gênero diferente, assim como um adulto bem desenvolvido pode, sem problema, se identificar com uma criança, e um cidadão do mundo, pode se identificar com meios culturais que não são o seu de origem. (2009, p. 27)

Para Guignard, “masculino” e “feminino” são qualidades psíquicas, mais complexas do que as convencionalmente associadas a homem e mulher. Elas não estão, portanto, intrinsecamente ligadas ao gênero/sexo, pois “existem sempre homens mais femininos e mulheres mais masculinas, e o sentimento maternal não é próprio e exclusivo das mulheres” (p. 26).

Os componentes masculinos e femininos se submetem a processos múltiplos como o recalque de um deles, a aceitação de ambos⁸ ou a renegação da diferença sexual (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 71): ninguém escapa à constituição da identidade sexual, ela se impõe como uma urgência

7 Vale ressaltar que a ideia de identidade de gênero não é uma concepção freudiana, ela foi introduzida por Stoller em 1968 no seu livro “Sex and Gender”.

8 Preferimos compreender o termo aceitação como “integração” de componentes masculinos e femininos. A respeito desse processo ver o capítulo sobre a noção de bissexualidade psíquica na teoria de Joyce McDougall.

identitária, um contorno, uma borda que nos permite ser – “E a clínica evidencia, a identidade de gênero se mostra coextensiva à identidade: ser é ser de seu sexo” (GODFRIND, 1997, p. 135).

Parece, então, que a noção de bissexualidade psíquica se revela essencial às reflexões contemporâneas, mas, ainda assim, é um tema pouco pesquisado e, apesar de presente em inúmeros textos freudianos, permaneceu como um conceito obscuro em sua própria obra, e é por esse motivo que recorremos a autores contemporâneos para acompanhar nossas reflexões sobre o tema da bissexualidade em Freud. Não é segredo que as razões dessa obscuridade se ancoram em um dos principais pontos nebulosos da teoria freudiana: a feminilidade. Nesse sentido, Marina Ribeiro⁹ escreve (2011):

Considerando que a bissexualidade psíquica é composta por duas vertentes dialéticas e indissociáveis – feminilidade e masculinidade –, podemos supor que a parcial treva na qual permaneceu a questão da feminilidade na obra freudiana, inevitavelmente também tenha feito submergir o conceito de bissexualidade. (p. 137-138)¹⁰

Em um artigo intitulado “Identidade, bissexualidade psíquica e narcisismo” (1997), Maurice Haber retoma as razões para a não transparência desse conceito na obra freudiana. Segundo o autor, “sua resistência perante o ‘continente negro’” (p. 52), além da difícil articulação entre as fantasias inconscientes e seu papel na edificação da psicosssexualidade a uma suposta “bissexualidade biológica” e, por fim, a importância dada por Freud, no corpus psicanalítico, ao complexo de castração e ao falo alimentaram seus pontos cegos a respeito da noção de bissexualidade psíquica. Para Haber, no entanto, nenhum de nós está livre de abordar o tema a partir de ambiguidades e cegueiras:

Seguindo Freud, nenhum analista, na minha humilde opinião, pode chegar a uma descrição da bissexualidade livre de confusões e ambiguidades. Como se, por sua vez, cada um daqueles que mediram essa noção (re)viveram as incertezas, contradições solicitadas pela dimensão bissexual em si e no outro, a dialética viva do masculino e do feminino, os problemas identitários e os paradoxos típicos do narcisismo. (1997, p. 52)¹¹

Como se vê, o tema é inquietante em nossas análises e no corpus teórico da obra freudiana. No que diz respeito ao pai da psicanálise, ele, por intermédio do monismo fálico, isto é, um único sexo como referência, acabou por anular “não a diferença dos sexos, mas a complexidade de pensar os dois sexos ao mesmo tempo” (GODFRIND, 1997, p. 145). Como contraponto, nos deixou de

9 Marina Ribeiro dedica um capítulo de seu livro “De mãe em filha: a transmissão da feminilidade” (2011) ao conceito de bissexualidade psíquica a fim de aprofundar sua compreensão do desabrochar da feminilidade, enfatizando a importância da integração, sempre parcial, dos aspectos masculinos e femininos na construção da psicosssexualidade.

10 Janine Chasseguet-Smirgel (1998, p. 113) aponta que os pontos obscuros em relação ao “continente negro” também causam divergências teóricas sobre a sexualidade masculina, uma vez que “a bissexualidade, a noção de um Édipo completo – tanto negativo como positivo – a necessidade de dupla identificação, tudo conspira para projetar a sombra do ‘continente negro’ sobre a sexualidade masculina. Parece-me artificial e tendencioso separar completamente o estudo da sexualidade feminina da análise da feminilidade comum aos dois sexos, e da sexualidade humana em geral”.

11 Tradução nossa.

herança o conceito de bissexualidade psíquica e mais: segundo Haber (1997), ele não deixou de considerar a bissexualidade psíquica como uma premissa essencial – é o que pretendemos demonstrar nesta etapa do trabalho.

A despeito dos entraves entre Freud e Fliess, fato que pode também ter intimidado a investigação freudiana acerca desse tema, na correspondência trocada entre ambos germina a riqueza desse conceito que direta ou indiretamente habita os textos aqui referenciados: Três ensaios sobre a sexualidades (1905), Fragmento da análise de um caso de histeria (1905 [1901]), As fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade (1908), Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância (1910), O presidente Schreber (1911), Batem numa criança (1919), A psicogênese de um caso de homossexualidade numa mulher (1920), O Eu e o Id (1923), Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos (1925), Novas conferências introdutórias à psicanálise (1933) e, por fim, Análise terminável e interminável (1937).

Não pretendemos esgotar a discussão freudiana acerca do tema, mas construir as bases de um trabalho que se coloca na interface da metapsicologia, da clínica psicanalítica e das discussões contemporâneas sobre sexualidade e gênero. Abrem-se as portas da memória, ainda me recordo da primeira vez que entrei em contato com o controverso conceito freudiano de bissexualidade psíquica a partir da célebre frase de Freud dirigida a Fliess: “(...) a bissexualidade! Com relação a esta questão você provavelmente tem razão. Eu também estou me habituando a considerar todo ato sexual como um processo entre quatro indivíduos” (Carta 113, 1899). A descoberta surpreendente de que o ato sexual é habitado por nossas composições bissexuais, ou seja, de que a bissexualidade é um conceito que resguarda o potencial polimorfo da sexualidade, é, talvez, a marca mais subversiva da psicanálise. Nesse sentido, a noção de bissexualidade é a marca do plural, do infinito, do polimorfo em todos nós¹²:

A psicanálise começa por reconhecer a bissexualidade psíquica inerente a cada um dos dois sexos biologicamente constituídos, e revela para pôr fim à singularidade sexual própria de cada indivíduo. Assim, embora a maior parte das correntes analíticas afirme que a heterossexualidade em que se funda a família é a única a assegurar a individuação subjetiva das crianças, a psicanálise explora e reconhece de fato um polimorfismo sexual subjacente a toda identidade sexual, e se afirma desde então como uma ética da emancipação subjetiva. (KRISTEVA, 2002, p. 17)

Talvez, seja possível afirmar que o conceito de bissexualidade psíquica é uma tentativa de Freud de enfatizar a força do polimorfo para além da criança, atravessando todos nós: para onde vamos depois da marca infantil do polimorfo? Ou lá permanecemos, dando contornos possíveis à nossa sexualidade? A afirmação freudiana a respeito dos rearranjos da sexualidade que nos habitam pode ainda se revelar mais complexa, à medida que passamos a vislumbrar a infinita trama transgeracional que recai sobre nossa história singular: de quatro, como disse Freud, podemos ir ainda além:

12 Recordo-me, neste ponto, de Patrícia Porchat, pesquisadora das transidentidades, perguntando aos seus ouvintes em uma live realizada no dia 5 de agosto de 2020, intitulada “Psicanálise e teorias de gênero: diálogos (im)possíveis?” e promovida pelo Sedes: “seríamos todos queer?” E a pergunta se faz pertinente, uma vez que, se considerarmos o inconsciente atravessado pela pulsão, pelo plural, pelo excesso, algo sempre escapa à indexicação.

Ao considerarmos o inconsciente biparental e suas identificações bissexuais marcando de imponderáveis formas a construção de um “eu sexuado”, poderíamos ampliar o número de pessoas envolvidas em um encontro amoroso: de quatro (como escreveu Freud em 1899) para oito, ou, se considerarmos duas gerações, seriam doze indivíduos. (RIBEIRO, 2011, p. 143-144)

Essa demanda plural que urge nas fantasias sexuais e em cada encontro sexual pode ser a razão de tantos desencontros na conceituação da noção de bissexualidade e, até mesmo, a razão de alguns autores apontarem a limitação do complexo de Édipo para esclarecer a diversidade que pode assumir a sexualidade humana. A respeito disso, André Green (2000) nos diz:

LACAN e LAPLANCHE dão a entender que a era do Édipo está praticamente ultrapassada. É em nome desta baliza objectiva limitativa que FREUD escreverá mais tarde que o acto sexual é forçosamente insatisfatório, pois nenhuma relação com qualquer parceiro pode satisfazer *todas* as tendências sexuais (bissexuais) hétero e homossexuais dos parceiros. Chegará mesmo a acrescentar que todo o acto sexual reúne quatro parceiros, isto é, que cada um aí investe as suas identificações hétero e homossexuais. LACAN radicalizará esta afirmação: “a relação sexual não existe” (p. 162)

Seguimos, agora, com Freud, destrinchando a bissexualidade a partir de quatro perspectivas: a sua relação com a(s) homossexualidade(s), com as noções de masculinidade e feminilidade, com a histeria e com o fim da análise.

1.1 A bissexualidade psíquica e a(s) homossexualidade(s)

“Em geral a pessoa oscila, toda a vida, entre sentimentos heterossexuais e homossexuais, e a frustração ou desilusão de um lado costuma empurrá-la para o outro.” (FREUD, 1911, p. 61)

É a partir dos “casos em que as características sexuais aparecem borradas, dificultando assim a determinação do sexo” (1905, p. 28), mas, sobretudo, da homossexualidade, que Freud deslinda a bissexualidade como um fator intrínseco a todos os seres humanos. Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), o psicanalista rejeita a ideia da “inversão” como degeneração, norma natural, biológica ou fisiológica, subvertendo a lógica dominante da ciência médica da época que instituíra a heterossexualidade como sexualidade normal (AYOUCH, 2015, p. 58).

Segundo o psicanalista austro-húngaro, há, nos heterossexuais, uma corrente homossexual

e vice-versa, isto é, nos homossexuais, uma corrente heterossexual, o que nos permitiria afirmar que “em cada pessoa se acham elementos masculinos e femininos” (1905, p. 32). O objeto sexual é plástico, composto por características “de ambos os sexos” (p. 33); nesse sentido, em uma longa nota de rodapé adicionada aos seus ensaios em 1910, Freud esclarece:

Para a psicanálise, isto sim, a escolha objetal independente do sexo do objeto, a possibilidade de dispor livremente de objetos masculinos e femininos, tal como se observa na infância, em estados primitivos e épocas antigas, parece ser a atitude original, a partir da qual se desenvolvem, mediante restrição por um lado ou por outro tanto o tipo normal como o invertido. (p. 34, 35)

Será também em “Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci” (1910), “O presidente Screber” (1911) e “Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina” (1920) que Freud nos dará mais elementos para compreender a homossexualidade e sua relação com a bissexualidade.

No primeiro texto, Freud aborda as inibições da vida adulta e sua relação com uma mãe fálica, a identificação do menino com a mãe e a ausência do pai ou, poderíamos dizer, de uma função paterna que retire o filho da relação idílica vivida com a mãe. O psicanalista nos leva a uma fase de fixação intensa de Leonardo com a mãe até chegarmos ao encontro primitivo do bebê Leonardo com o seio da mãe por meio de uma de suas lembranças com um abutre que agitava a cauda em seus lábios.

Do abutre enquanto símbolo tanto da maternidade como da unissexualidade e da deusa egípcia com cabeça de abutre, portadora de seios e de um membro em estado de ereção, Freud depreende que a lembrança de Leonardo seria uma fantasia que condensaria elementos considerados “masculinos” e “femininos” – a cauda como falo e a cauda como seio; o prazer da felação e o prazer de mamar e de ser beijado pelos lábios da mãe.

Nas obras do pintor, Freud vai por um caminho semelhante, desvelando o que estaria por trás de suas criações andróginas e do sorriso enigmático de Mona Lisa que, depois, reaparece nas suas obras e de seus discípulos como revelador de “um segredo de amor” (1910, p. 192):

É possível que nessas figuras Leonardo tenha negado e superado artisticamente a infelicidade de sua vida amorosa, representando nessa venturosa união de natureza masculina e feminina a realização dos desejos do menino fascinado pela mãe.

E, por fim, ao ler Freud e sua análise da vida e obra de um homem memorável, não poderíamos desprezar o intuito freudiano de dar contornos à sua noção de sublimação ao discorrer sobre o que impulsiona a capacidade criadora de Leonardo e de todos nós, simples mortais. Talvez, possamos afirmar que aqui germinem as ideias de Joyce McDougall, discutidas adiante, sobre a integração das potências masculinas e femininas como precursoras da criação.

Freud nos diz, ao dissertar sobre a ideia expressa nas divindades hermafroditas, que “apenas a união do masculino com o feminino pode fornecer uma digna representação da perfeição divina” (p. 159). E as criações humanas, desde a concepção, a arte e a ciência, não seriam provas de uma perfeição divina?

As fantasias bissexuais também são relatadas em “O caso Schreber” (1911/2015), um tratado sobre a paranoia e sua relação com a corrente homossexual. Schreber fantasia, por exemplo, que “deveria ser realmente bom ser uma mulher se submetendo ao coito” (p. 18) e, mais adiante, Freud afirma “Nenhuma outra parte do delírio é tratada pelo paciente de modo tão minucioso – tão insistente, poderíamos dizer – como sua alegada transformação em mulher” (p. 44).

No mais, podemos ler nas entrelinhas o olhar revolucionário de Freud a respeito da transexualidade, afinal o delírio de Schreber seria uma tentativa de cura, pois é exatamente a defesa do impulso transexual para se normatizar que leva ao surto psicótico. Aqui, germinam ideias amplamente discutidas na contemporaneidade a respeito da patologização da transexualidade e sua recorrente associação à loucura, à psicose e, até mesmo, à perversão. Talvez, possamos afirmar que haja uma leitura enviesada de algumas correntes da psicanálise de “O caso Schreber” que reafirmam uma suposta associação da transexualidade à psicose, quando Freud, na verdade, mesmo carente de expressões relacionadas à pluralidade de gênero que o mundo pós-moderno trouxe ao ocidente¹³, conseguiu, em sua análise do sofrimento relatado por Schreber, ver a transexualidade para além da dimensão do delírio.

Freud, no final de seu texto, dedica sua reflexão à paranoia ciumenta da mulher, fazendo analogias à homossexualidade latente nos delírios femininos de ciúmes. Penso, nesse ponto, em uma paciente que sofre de “falta de paz em casa, no relacionamento” e, claro, internamente. Seu ciúme delirante a domina: para ela, o namorado olha para outras mulheres e as deseja, ela vasculha as redes sociais, observa atentamente os mínimos movimentos do namorado e remói fantasias de ser trocada, traída e recorrentemente ameaça abandoná-lo antes de ser abandonada. No decorrer das sessões, contudo, percebemos que é ela quem admira as mulheres: “Sento na academia e fico me comparando a outras mulheres e, quando vejo, não fiz exercício algum”, “na farmácia, vi uma moça bem bonita, de cabelos longos e pretos, casaco rosa, e não é que ele não olhou?” – “Não sou *eu* que amo as mulheres – *ele as ama*” (FREUD, 1911/2015, p. 86), desloca a mulher ciumenta. O ciúme, portanto, flagra quotas de uma bissexualidade intransitiva, isto é, uma bissexualidade sem trânsito psíquico livre e fluído entre as correntes homossexuais e heterossexuais.

O que nos chama atenção em Freud não é somente seu empenho em decifrar a loucura, mas seu modo de estender o funcionamento patológico à compreensão do funcionamento da mente saudável, isto é, a partir da patologia, Freud desvenda o funcionamento da mente. Inspirado, por exemplo, pelo caso do Dr. Schreber, Freud conclui: “Em geral a pessoa oscila, toda a vida, entre sentimentos heterossexuais e homossexuais” (p. 61).

13 É importante enfatizar que a transexualidade a olhos nus, difundida no Ocidente, não é um fenômeno novo: “atravessam a mitologia greco-romana e várias culturas, dos Bardaches ameríndios aos Muxés mexicanos, passando pelos Kathoys tailandeses, os Hijras hindus, os Mahus da Polinésia ou os Fa’afafine de Samoa” (AYOUCH, 2015, p. 1)

Por fim, em “Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina” (1920), Freud, também irá, a partir da homossexualidade, colocar luz sobre a complexidade das escolhas objetais. Nesse texto, Freud nos conta de uma jovem saudável, “bela e inteligente” (p. 115), que insiste em cortejar uma dama da sociedade. A doença, Freud desloca para os pais e, em extensão, para a sociedade, pois ele “aponta o absurdo da demanda clínica procedente do pai, de transformar a filha homossexual em heterossexual” (AYOUCHE, 2015, p. 67), afinal a “garota não estava doente – não sofria de nada em si mesma, não se queixava do seu estado” (FREUD, 1920, p. 120).

Freud, a partir da demanda do pai da paciente, discute uma alternativa hoje amplamente questionada em seus princípios éticos: a transformação da homossexualidade em heterossexualidade, isto é, uma suposta “cura” da homossexualidade. O pai da psicanálise discorre sobre a possibilidade de a bissexualidade ser utilizada como recurso terapêutico “apenas quando a fixação no objeto do mesmo sexo ainda não se tornou forte o bastante” (p. 121), de forma a reavivá-la e “liberar à pessoa restrita à homossexualidade o caminho, obstruído até então, para o sexo oposto” (p. 120). No entanto, ele salienta que o mesmo poderia ser feito em relação à heterossexualidade, mas, “por razões óbvias”, não é feito, revelando o que está por trás da demanda de uma possível cura da homossexualidade: uma conjuntura de preconceitos, moralismos e intolerâncias.

Nesse debate, o que nos interessa é a ideia freudiana de que todo objeto de amor se ancora em nossa bissexualidade psíquica, ou seja, se considerarmos a sexualidade ampliada, há um livre trânsito entre as correntes homo e heterossexuais, o que é diferente da marca dos adoecimentos: a fixação. Todo objeto de desejo satisfaz nossas tendências homossexuais e heterossexuais, carregando consigo aspectos masculinos e femininos: “O objeto finalmente escolhido, portanto, correspondia não apenas ao seu ideal de mulher, mas também ao seu ideal de homem; juntava-se a satisfação da tendência homossexual do desejo com a da heterossexual” (p. 128) e mais: “Em todos nós, a vida inteira, a libido normalmente oscila entre o objeto masculino e o feminino” (p. 130).

Sobre esse ponto, podemos afirmar que a homossexualidade permitiu iluminar a bissexualidade de todos os seres humanos e que a bissexualidade, por sua vez, permitiu à psicanálise considerar a homossexualidade para além do discurso dominante da época que a intitulava, por exemplo, como o “terceiro sexo”. Em 1915, Freud acrescenta aos Três ensaios: “A investigação psicanalítica opõe-se com maior determinação à tentativa de separar os homossexuais dos outros seres humanos como grupo particularizado”. Green (1997/2000) reafirma essa dimensão ao escrever:

FREUD defende a presença da escolha de objecto homossexual em outras situações sexuais que não as que revelam de forma manifesta tais escolhas de objecto no inconsciente. Ele reconhece-lhes uma presença na vida psíquica normal ao mesmo título que os afectos dirigidos ao sexo oposto. Isto deriva das escolhas de objecto da infância que se efectuam independentemente do sexo do objecto, restringindo-se, no seguimento da evolução, o largo leque das primeiras dentre elas. E conclui que é antes a heterossexualidade exclusiva que convida a uma clarificação... Seja como for, acrescenta FREUD, nada se ganha em separar dos

outros esses pacientes afectados pela inversão, porque eles nada apresentam de particularmente específico. (p. 163)

No final do texto de 1920, encontramos o Freud que gostaríamos de destacar nesta pesquisa: um homem além de seu tempo. Ele antecipa a discussão acerca dos estudos de gênero que busca demonstrar que há uma demanda cultural nos corpos construídos de maneira binária, uma vez que, para o psicanalista, masculino e feminino são noções “confusas” (1905), “de conteúdo incerto” (1925):

Mas a essência do que é chamado de “masculino” e “feminino”, no sentido convencional ou no biológico, a psicanálise não pode esclarecer; ela adota os dois conceitos e os toma por base de seus trabalhos. Se procura examiná-los mais, a masculinidade se dissolve em atividade e a feminilidade, em passividade, o que é pouco. (1920, p. 149)

É a partir dessa citação freudiana que seguimos para o próximo item, cujo objetivo é compreender como Freud, no decorrer de sua obra, revela não só uma humildade e um comprometimento científico ao admitir que as categorias de masculinidade e feminilidade comportam uma série de lacunas como também uma busca incansável por destrinchar as dimensões de masculino e feminino, essas duas correntes que compõem a noção de bissexualidade psíquica.

1.2 O masculino e o feminino: definições possíveis?

“Compreender masculinidade e feminilidade significa compreender essa interação, tolerar a falta de foco.” (DANA BREEN, 1993/1998, p. 46)

“Sabe-se o quanto a evocação do feminino e do masculino suscita paixões, o quanto também as tentativas de lhe definir os contornos provocam inibições, sintomas e angústias.” (JACQUELINE GODFRIND, 1997, p. 144)

Em “O enigma dos sexos: perspectivas psicanalíticas contemporâneas da feminilidade e da masculinidade” (1993/1998), obra que contém artigos de Janine Chasseguet-Smirgel, Joyce McDougall, dentre outros autores, Dana Breen, em uma excelente introdução geral, explora a citação freudiana de 1920, mostrando que o verbo “dissipar” utilizado por Freud, traduzido no item anterior desse trabalho como “dissolver”, revela a complexidade e a dificuldade de lidar com as noções de

masculino e feminino, uma vez que transmite “a ideia de que, quando alguém tenta captar a natureza da masculinidade e da feminilidade, perde o foco, não pode captá-la” (1993/1998, p. 14).

Para Breen, isso se dá porque, em Freud, há uma dualidade entre as dimensões biológicas e psicológicas: há quem leia Freud e atribua à sua afirmação “anatomia é o destino” um peso biológico inexorável às concepções de homem e mulher e há quem encontre nele um pensador subversivo, capaz de pensar a masculinidade e a feminilidade como construções psicológicas com certo grau de independência da biologia. Segundo a autora:

Acredito que esta dualidade exista, no trabalho de Freud, não porque ele estivesse confuso, ou tivesse mudado de opinião ou desenvolvido mais suas ideias, mas por existir uma tensão intrínseca a este assunto, motivo pelo qual esta divergência não desaparece e o debate ainda persiste, meio século após sua morte. (1993/1998, p. 11)

Essa “visão bifocal” (1993/1998, p. 14), conseqüentemente, também se encontra no conceito de bissexualidade, pois, se, para Freud, existe uma “bissexualidade constitucional do indivíduo” ou “a natureza humana é inerentemente bissexual”, a bissexualidade psíquica está também intimamente relacionada às posições e ao jogo de identificações do Édipo.

Sem dúvida, Freud fala de uma psicosexualidade e não de uma sexualidade atrelada à natureza. Mesmo a afirmação “anatomia é o destino” pode ser lida de uma maneira a considerar a complexidade desse assunto. Freud parte da diferença genital, a masculinidade e a feminilidade serão formadas a partir da constatação da diferença entre os sexos, o importante, porém, é como “*cada indivíduo* lida com esse reconhecimento da diferença” (BREEN, 1993/1998, p. 12-13, grifo do autor), mostrando como, já em Freud, opera a lógica das singularidades tão discutida na contemporaneidade. Aqui, está implícita uma noção cara à psicanálise – a fantasia:

A anatomia é dada, e cada sexo precisa lidar com o significado específico que ela tem, em cada caso. O que não é dado é o modo como cada indivíduo vê sua anatomia. E o modo como cada indivíduo vê sua anatomia influenciará o curso de sua psicosexualidade, sua escolha de objeto... Se “a anatomia é o destino”, quer dizer que a diferença sexual precisa, inevitavelmente, ser considerada. A diferença anatômica, não por si só, mas através do significado que assume, determinará as relações objetais. (BREEN, 1993/1998, p. 13)

Por isso, é valiosa a afirmação de Marina Ferreira da Rosa Ribeiro (2012, p. 72) que, de alguma maneira, ilumina e esclarece a polêmica premissa freudiana de 1925 ao dizer: “anatomia não é destino, mas, convenhamos, faz história”. Freud (1923), ao afirmar que “o ego é antes de tudo um ego corporal”, mostra que ele não descarta a dimensão corporal, mas que aquilo que ele entende como corpo é, em sua obra, a representação do corpo. Considerando essa discussão, Breen (1993/1998) resgata a feminilidade em Freud ao abordar o papel do corpo na estruturação do in-

consciente feminino e se pergunta se podemos pensar a função fundamental do corpo sem cair em uma “armadilha biologizante” (p. 31) ou seja, em uma biologia reducionista.

Parece-nos que Freud não é ingênuo ao ponto de se deixar seduzir por esse canto da sereia que nos rodeia: o poder das concepções biológicas a despeito da natureza fugidia da fantasia e do inconsciente. Ao discutir a feminilidade, por exemplo, em “Novas conferências introdutórias à psicanálise” (1933), Freud aponta para o fato de que a própria anatomia não pode apreender a masculinidade e a feminilidade, esclarecendo um ponto importante: essas noções não podem ser vistas de maneira binária, castrado/não castrado, elas transcendem a determinação anatômica que é ressignificada por todos nós a partir da fantasia. Alguns o fazem de maneira criativa, levando a uma abertura, enquanto, para outros, essa ressignificação se dá por uma lógica de fechamento, mais próxima do recalque e até mesmo do adoecimento.

No entanto, ainda assim, Freud mostra como é desafiador colocar luz sobre essas categorias sem nos deixarmos levar pelas construções sociais e pela “rocha biológica”. Por isso ele se pergunta se a psicanálise tem condições de iluminar essas noções, seguem suas palavras:

Será que a psicologia pode? Estamos habituados a empregar “masculino” e “feminino” também como atributos psíquicos, e, da mesma forma, transpusemos a noção de bissexualidade para a vida psíquica. Dizemos, então, que uma pessoa, seja homem ou mulher, comporta-se de maneira masculina num ponto, e feminina em outro. Mas logo vocês verão que isso apenas significa ceder à anatomia e à convenção. (1933, p. 266)

Ayouch (2014), a partir de suas leituras da psicanalista francesa Monique Schneider, nos alerta para o fato de que as noções de masculino e feminino não são tratadas por Freud de maneira binária, mas se entrelaçam, se misturam, se confundem e suas nuances ficam borradas. Sim, admite o psicanalista marroquino, Freud, por vezes, recorreu ao campo biológico como se este tivesse o poder de dar a última palavra, mas, ainda que Freud faça parte de um tempo e de uma cultura, ele conseguiu tratar essas categorias para além da lógica binária, mostrando ambivalência suficiente para dificultar o caminho de algumas correntes psicanalíticas que recorrem a Freud para patologizar a pluralidade:

Não caberia então assumir a multiplicidade dos níveis da teoria? Sobre a divisão da diferença sexual e sua naturalização, Freud, como muitos pós-freudianos, manifesta uma verdadeira ambivalência. Se o feminino e o masculino são relativizados, polissêmicos e desnaturalizados, eles procedem, porém, da atribuição de identidades historicizadas de homem e mulher, apresentadas como “rocha biológica”. (AYOUCH, 2014, p. 70)]

Parece, assim, que recorrer a definições estanques de masculinidade e feminilidade é ver escorregar entre os dedos a riqueza dessas concepções, uma vez que elas, além de se constituírem como insígnias que se modificam no decorrer da história e se relacionam à cultura, articulam-se, sobretudo,

à fantasia que, por sua vez, tem sua ancoragem no corpo. A complexidade dessas dimensões e do conceito de bissexualidade psíquica nos impede de articular de maneira linear e rígida as dimensões de masculino e feminino a qualquer oposição tal como ativo-passivo e assim por diante.

À medida que avançamos, torna-se uma tarefa quase impossível e, até mesmo, sem sentido, falar de feminilidade e masculinidade sem abordar o tema da bissexualidade, por isso vale lembrar que o conceito de bissexualidade resguarda o equilíbrio entre as identificações, de modo a assegurar a integração sexual e psíquica. A noção de bissexualidade se relaciona a estados mentais acarretados pela introjeção dos objetos parentais em seus próprios arranjos bissexuais. Nesse sentido, bissexualidade não diz respeito a uma ideia de afastar-se progressivamente de um dos polos para conquistar uma identidade sexual, mas a um estado interno que promove a integração criativa entres os elementos masculinos e femininos em uma dialética constante, no qual seus limites não são claros.

Parece, assim, que há mais continuidade entre a natureza da masculinidade e da feminilidade do que a impressionante cesura da diferença anatômica dos sexos nos faz supor. Breen (1993/1998) tem toda razão ao afirmar que quem se aventura a averiguar a natureza da masculinidade e da feminilidade deve tolerar a falta de foco, de clareza e de conotações simples e simplistas.

1.3 A histeria e a noção de bissexualidade

*“É muito importante, no tratamento psicanalítico, estar preparado para o significado bissexual do sintoma”
(FREUD, 1908, p. 349)*

Até esse ponto, verificamos que a bissexualidade possui uma função organizadora no que tange às identificações, tanto aquelas pertinentes ao conflito edípico, como as que estão em um nível mais narcísico, relacionadas aos objetos parciais que serão, posteriormente, organizadas pelas fantasias edípicas.

Será, a partir de dois textos de Freud que abordam a temática da histeria, “Fragmento da análise de um caso de histeria” (1905 [1901]/2020) e “As fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade” (1908/2020), que trataremos da bissexualidade por outra perspectiva: a da formação do sintoma.

No caso Dora, Freud nos conta que, por trás da preocupação da relação do pai com a sra.K., havia uma corrente inconsciente, homossexual e ciumenta, mas que permaneceu oculta na análise: o amor pela sra. K.: “Por trás da forte linha de pensamentos vinculada à relação do pai com a sra. K., ocultava-se também um impulso ciumento, cujo objetivo era essa mulher – um impulso, portanto, que só podia se basear na inclinação pelo mesmo sexo” (1905 [1901]/2020, p. 241). E continua:

Assim, creio não me equivocar ao supor que o pensamento predominante em Dora, que se ocupava da relação do pai com a sra. K., destinava-se não apenas a reprimir o amor ao sr. K., que antes fora consciente, mas também devia esconder o amor à sra. K., inconsciente num sentido mais profundo. (p. 245)

No texto de 1908, Freud sistematiza o que Dora o ensinou ao discorrer sobre as fantasias histéricas e seu significado bissexual, isto é, o sintoma histérico abriga fantasias sexuais masculinas e femininas:

Ela [a fantasia histérica] mostra que em muitos sintomas não é suficiente a dissolução numa fantasia sexual inconsciente ou numa série de fantasias, mas que a solução do sintoma requer duas fantasias sexuais, uma delas tendo caráter masculino, a outra, feminino, de modo que uma dessas fantasias se origina de um impulso homossexual. (1908/2020, p. 346)

Vemos, aqui, que, por intermédio do sintoma histérico e sua união com duas fantasias libidinais de caráter sexual oposto, mais uma vez ele confirma a disposição bissexual inata de todos nós. Concluimos essa etapa do trabalho, com as inferências de Freud a partir das patologias sobre o funcionamento dito “normal”: “Assim deve ser de fato, pois ainda não realizei uma só psicanálise de homem ou mulher sem ter de levar em conta uma significativa corrente homossexual” (1905 [1901]/2020, p. 242).

1.4 A bissexualidade psíquica e o fim da análise

No termo de sua obra, no texto “Análise terminável e interminável” (1937/2006), Freud coloca como obstáculo ao fim da análise, para além da pulsão de morte, sintomas que derivam do incontornável fato da diferença dos sexos. É aqui que ele retoma a bissexualidade como empecilho para uma análise bem-sucedida: “Em nenhum ponto de nosso trabalho analítico, se sofre mais da sensação opressiva de que todos os nossos repetidos esforços foram em vão, e da suspeita de que estivemos ‘pregando ao vento...’” (p. 269).

De um lado, nos explica Freud, está a inveja do pênis que faz com que as mulheres se desiludam com a análise que nunca lhes presenteará com um genital potente masculino; de outro, está a atitude passiva ou feminina dos homens para com outros homens que, geralmente, os impede de se entregar à relação amorosa entre os iguais sem que isso signifique castração, pois essa relação passa, necessariamente, por uma corrente passiva, feminina e arcaica¹⁴. Esses dois movimentos estariam relacionados ao que Freud denominou como “repúdio à feminilidade” (1937/2006, p. 270).

A clínica vem iluminar a teoria e me traz à lembrança dois pacientes, dois jovens. A primeira a

14 A ideia de uma passividade originária será mais bem desenvolvida a partir das ideias de André Green, Dianne Elise e de Paulo de Carvalho Ribeiro.

que faço referência é uma estudante de medicina que desvenda o complexo funcionamento do corpo humano e sonha em ser psiquiatra. Certo dia, depois de estudar o sistema reprodutor, sonha ser portadora de um clítoris e de um pênis, no entanto seu pênis não possuía, segundo suas palavras, “funcionalidade”, não era potente. Nem em sonho, pensei, essa paciente se apropria do pênis fertilizador! Ela também costuma sonhar que é um homem ou uma *drag queen*, desse modo o comentário de Freud se alinha às angústias dessa paciente: “É estranho, contudo, quão amiúde descobrimos que o desejo de masculinidade foi retido no inconsciente e que, a partir de seu estado de repressão, exerce uma influência perturbadora” (p.268-269). Oriunda de uma família indiana, as discussões acerca do machismo, o fracasso sentido por ter nascido mulher e o desejo de usufruir da sexualidade plena com um homem ocupavam nossas sessões.

Ainda na época de graduação em que meu desejo de ser psicóloga clínica se desenhava, atendo um jovem matemático. Inicialmente, ele sobe as escadas da clínica para o atendimento com um de meus colegas, que retorna poucos minutos depois e diz: “ele prefere uma mulher”. Eu, a única mulher da sala, me disponho e me dirijo ao paciente que, muito angustiado, narra suas dificuldades com a sexualidade. O paciente conta que, no final de semana, cozinhava com um amigo e passava um tempo agradável até o momento que se perguntou: será que sou gay? Entendo, hoje, o pedido por uma analista mulher de diversas formas, mas um dos vértices é esse abordado por Freud: “a luta contra sua atitude passiva ou feminina para com outro homem” (FREUD, 1937/2006, p. 268). Chegamos, ao final de alguns encontros, à passividade arcaica, traumática e perversa, marcada pelo encontro assimétrico entre criança e adulto, por meio de outro de seus questionamentos, relacionados a fantasias eróticas com sua sobrinha de quatro anos: “será que sou pedófilo?”, dúvida que nos fez pensar a respeito dos cuidados parentais sobre seu corpo. E não pudemos, ainda, abordar a sua vulnerabilidade ao se envolver amorosamente com sua primeira analista: eu, inexperiente, pouco pude fazer a não ser compreender a angústia enlouquecedora que é se imaginar perverso¹⁵.

Se seguirmos o raciocínio freudiano para dar seguimento a esses casos, o caminho talvez ideal, mas um tanto utópico para Freud, seria auxiliar no processo pelo qual a atitude própria ao sexo oposto sucumbiria à repressão, isto é, a mulher substituir o desejo de um pênis pelo “de um bebê e de um marido, que possui um pênis” (p. 268) e o homem, por sua vez, reconhecer as relações entre os homens como possibilidades de enriquecimento e não ameaça à sua virilidade.

Como se vê, a repressão é tema de discussão nesse texto, sobretudo no que diz respeito às discordâncias com Fliess em relação ao seu intuito de sexualizar a repressão. O mesmo movimento é feito ainda antes, em 1919, no texto “Batem numa criança” (1919/2019), no qual Freud é incisivo: “A teoria psicanalítica, que é baseada na observação, sustenta com firmeza que os motivos da repressão não podem ser sexualizados” (p. 327), pois, para o psicanalista, há moções masculinas e femininas em ambos os sexos, podendo ambas serem submetidas ao recalque.

15 Esses casos nos permitem pensar não só a bissexualidade como uma questão muitas vezes incontornável pela análise, mas também como a bissexualidade psíquica pode ser o que nos orienta na escuta clínica, isto é, a bissexualidade como função analítica, o que será mais bem desenvolvido adiante.

Freud, à primeira vista, parece voltar atrás em 1937 e aproximar-se de Fliess ao admitir que aquilo que iria contra o sexo do sujeito sofre o recalque; no entanto, ele continua no caminho de se diferenciar do colega, pois a discussão nesse texto ancora-se no complexo de castração e não há bases biológicas que o justifiquem (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p. 56). Sendo assim, Fliess estaria inclinado a pensar a repressão em fundamentos biológicos e Freud, em puramente psicológicos:

Fliess inclinava-se a encarar a antítese entre os sexos como a verdadeira causa e a força motivadora primeva da repressão. Estou apenas repetindo o que disse então ao discordar de sua opinião, quando declino de sexualizar a repressão dessa maneira (FREUD, 1937/2006, p. 269)

Nessa etapa de sua obra, Freud coloca em evidência outra faceta da bissexualidade, distinta da dimensão relacionada ao complexo de Édipo, discussão que privilegia o jogo de identificações e posições do Édipo. Sua preocupação aqui é o rochedo da castração e sua relação com o repúdio à feminilidade que, por sua vez, ele aproxima da biologia, tratando-o como um fator biológico, “uma parte do grande enigma do sexo” (p. 270).

Dana Breen (1993/1998), através do conceito de “homossexualidade primária” (DENIS, 1982), isto é, a relação primária, terna e intensa com a mãe em estágio anterior à diferença os sexos, mostra que há um colorido especial no tema do “repúdio à feminilidade”, sobretudo ao que tange à dimensão passiva de todos nós diante de uma figura materna:

Pesquisa recentes sugerem que o rumo inicial (ou subsequente) está longe de ser direto, e que o “medo da feminilidade”, que Freud descreve, tem fundamentos ainda mais profundos e básicos do que ele acreditava. (BREEN, 1993/1998, p. 44)

O “repúdio à feminilidade” será mais bem explanado adiante nas ideias de André Green (1997/2000) e de Paulo de Carvalho Ribeiro (2015). Os autores abordam de distintas maneiras a situação de passividade vivida diante da figura materna. Green, por exemplo, sugere essa dimensão seja intitulada como “repúdio materno”; Paulo de Carvalho Ribeiro, valendo-se da teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche (1993), vê nas raízes do machismo a situação de passividade inerente à sedução originária.

Mas essa é outra história, contada nos próximos capítulos...

2. Dando contornos ao conceito de bissexualidade psíquica: a teoria de Joyce McDougall

Neozelandesa de nascimento (1920-2011), Joyce McDougall foi uma psicanalista ousada. Seu casamento com a psicanálise, desde sua formação psicanalítica na Inglaterra à sua conclusão na França, contribuiu para que ela bebesse de inúmeras fontes – Lacan, Melanie Klein, Winnicott, Bion e Pierre Marty –, integrando autores de diferentes tradições sem, no entanto, perder o rigor. Em seus textos, é possível vislumbrar um denso e diverso arcabouço teórico que permanece como um pano de fundo diante de sua contribuição autoral e criativa à psicanálise, sempre entremeada de assuntos espinhosos e de uma clínica riquíssima.

Segundo Flávio Ferraz (2000/2010), psicanalista brasileiro, pesquisador da temática da perversão, para além de suas ideias, é o seu modo de pensar e de produzir, o seu “procedimento metodológico livre e inteligente” (p. 89), a sua maior herança à psicanálise. Penso que, além da liberdade da qual usufruiu para construir seu escopo teórico, McDougall nos ensina a questionar os cânones, a pensar uma teoria aliada a uma sexualidade viva, capaz de se redesenhar e de se ampliar. Para ela, a normatividade se transforma ao longo da história e o que hoje é considerado desviante, na verdade, “contém as sementes do novo” (1997/2011, p. 243).

McDougall foi, a meu ver, uma psicanalista implicada com o direito de viver uma sexualidade mais livre, menos cerceada pela patologização. Ela lembrou à psicanálise e aos psicanalistas o risco de sucumbirmos a uma normatividade tóxica: “o analista jamais terá o direito de decidir o que o analisando deve fazer de sua vida, de seus filhos ou de sua sexualidade” (1978/1983, p. 179). Segundo a autora, isso caracterizaria a “perversão do nosso papel analítico” (1997/2011, p. 248).

No mais, lembrou que a psicanálise é e sempre foi marginal, devendo solidariedade e um olhar subversivo às vivências que o discurso médico e o conservadorismo buscam normatizar: “somos marginais e lidamos com outros marginais. Se não for assim, se um dia a psicanálise deixar de estar à margem das normas convencionais, então certamente deixaremos de cumprir nossa função” (1978/1983, p. 180).

Em seus textos, discorreu sobre uma série de pacientes que seriam considerados “marginais” e, a partir da sua clínica, debruçou-se sobre a noção de perversão, relacionando-a não a uma prática sexual desviante da normalidade, mas à destrutividade que pode atingir o sujeito e o outro. Alertou, ainda, os psicanalistas para o fato de que perversões, neuroses e psicoses latentes no caso da doença psicossomática são criações necessárias e criativas, pois mantêm esses pacientes vivos psiquicamente e até fisicamente. Clamou, por isso, pela necessidade de a psicanálise reconhecer que, por mais sintomáticos que esses comportamentos possam parecer, há sempre um equilíbrio que o sujeito pôde alcançar.

Para descrever esses fenômenos, tais como os desenhos da identidade sexual ou comportamento sexuais próximos à compulsão, tidos como desviantes da norma, cunhou o termo “neosexualidades” (1997). Esse conceito busca, sem conotação moral, compreender psicanaliticamente práticas sexuais diversas que podem parecer aberrantes, bizarras, assim como maneiras de dar contornos a identidades de gênero distintas da norma social. Para ela, esses sintomas seriam soluções para “conflitos esmagadores” (p. 188), imprescindíveis à sobrevivência psíquica.

Diante de seu olhar visionário para a sexualidade – que certamente se transforma em um ritmo que a teoria não acompanha –, a autora teve a sensibilidade de ver que, muitas vezes, aquilo que é considerado normal pode, na verdade, estar vinculado a uma cota grande de dor e de patologia. Seriam pessoas adesivadas à norma, desafetadas de sofrimento psíquico, “adaptadas-demais-à-vida” (1978/1983, p. 176) ou “bem demais em sua própria pele” (1978/1983, p. 175), o que revelaria uma defesa de sofrimentos profundos da ordem da desintegração psicótica. Mergulhou, também, no adoecimento do corpo e descreveu a psicossomática tal qual um cenário teatral; para ela, a criação de sintomas que se inscrevem no corpo significa uma tentativa de autocura de uma dor psíquica indizível.

No que tange à nossa pesquisa, podemos dizer que McDougall se deleitou com os psicanalistas de sua época, mas se manteve fiel à metapsicologia freudiana, acreditando que o pensamento de Freud, em sua essência, é atemporal. Em uma entrevista em 2001, ela reitera isso ao afirmar:

embora a prática clínica continue a se desenvolver e a mudar para acompanhar as mudanças sociais, as bases da metapsicologia freudiana serão sempre um instrumento inestimável para a compreensão das paixões e das raízes do sofrimento da espécie. (p. 152).

Talvez, dentre os inúmeros conceitos freudianos, um dos mais explorados pela autora foi o de bissexualidade psíquica. Ela nos brinda com contribuições importantes, relacionando a bissexualidade à identidade sexual, à criatividade e à dimensão da alteridade. A partir de um belo caso clínico, a autora tece a importância da bissexualidade integrada para que se possa criar – sobretudo, a nossa criação mais suprema: nós mesmos.

2.1 A noção de bissexualidade psíquica na obra de Joyce McDougall

“Que nunca chegue o dia que irá nos separar!” (OVÍDIO em “As metamorfoses”, 2003, p. 67)

“Ser ao mesmo tempo homem e mulher, pleno da magia branca e negra de cada um; ser, portanto, objeto de desejo dos dois, ser em si mesmo pai e mãe, e até

*mesmo engendrar-se a si próprio – quem,
no seu coração infantil, não o terá querido?
A ilusão bissexual é tão antiga quanto a
história da cultura do homem." (JOYCE
MCDUGALL, 1978/1983, p. 54)*

Hermafrodito ou Hermafrodite, nome oriundo da fusão de seus pais Afrodite e Hermes, herdou deles inúmeros atributos, unia em sua figura a graça e a formosura da mãe e a força e a virilidade do pai. Salmákis, uma ninfa, apaixonou-se por ele e tentou em vão seduzi-lo. Enquanto ele se banhava em um lago, ela tentou possui-lo com todas as suas forças, abraçando-o como uma serpente, levantando-o aos ares tal qual uma águia e, como um polvo, envolvendo-o com seus tentáculos. Ele nega seus beijos e resiste envolver-se. Ela, então, suplica aos deuses: “Que nunca chegue o dia que irá nos separar!”, e os deuses, observando o seu desespero, atendem seu pedido. Surpresos, homem e mulher, depois de súbita explosão assustadora, percebem-se uno, nem um, nem outro, tornam-se uma criatura andrógina – ao mesmo tempo um e outro. Hermafrodita, agora com seu novo nome em que se inscreve o feminino, revela-se infeliz com seu destino e amaldiçoa o lago e todos que nele se banharem.

Escrito pelo latino Ovídio, entre 8 e 14 d.C, a história de Hermafrodita pode ser encontrada no livro *Metamorfoses*. Essa história que habita a cultura se desvela de maneira trágica, mas, para muitos de nós, essa completude é capaz de nos enfeitiçar, além de habitar nossas entranhas, afinal abandonar a ilusão de completude torna-se uma ferida narcísica profunda. Nas palavras de McDougall (1978/1983, p. 54): “mas se Hermafrodita amaldiçoou o seu cruel destino, outros, os simples mortais monossexuados, não resistem ao fascínio do fantasma do ser bissexuado”.

Para a psicanalista, a *monossexualidade* é, ao lado do encontro com a alteridade e a inevitabilidade da morte, “talvez uma das mais escandalosas feridas narcísicas da humanidade” (1999, p. 14) e, por isso, a bissexualidade, ao contrário do que acreditava Freud em um dado momento de sua obra, não está na biologia ou na filogênese, mas ela é “um fantasma, um ideal, um sonho, ou até mesmo um pesadelo” (JOYCE MCDUGALL, 1978/1983, p. 54).

Pesadelo porque a descoberta da diferença dos sexos é sempre da ordem do traumático, não está ancorada nas conotações sexuais prontas, nos papéis culturais atribuídos aos gêneros, mas a diferença, intimamente ligada à alteridade, é um dado universal que atravessa a constituição subjetiva de todos nós. Posicionar-se em relação à diferença sexual é um imperativo que nos remete a uma série de conflitos que sempre envolverá o luto:

A descoberta, por parte da criança, da diferença entre os sexos é equivalente, em qualidade traumática, à anterior descoberta da alteridade e à ulterior revelação da inevitabilidade da morte. Alguns indivíduos nunca resolvem nenhum desses traumas universais e, em alguma medida, todos nós negamos nos mais profundos recessos de nossas mentes, lá onde temos a liberdade de ser onipotentes, bissexuais e imortais. (JOYCE MCDUGALL, 1999, p. 15)

Segundo a autora, um recuo à bissexualidade diz respeito à angústia de castração imposta pelos desejos edipianos, mas ela afirma que esse cenário edípico tem seus precursores, ou seja, o fantasma bissexual com o qual a criança se depara é ordenado, antes de tudo, pela relação primitiva com a mãe¹⁶ – o bebê e o seio, o berço que possibilita o desenvolvimento da sexualidade e os vestígios do que podemos chamar de alteridade:

Para melhor apreender a noção de bissexualidade enquanto ideal e desejo proibido, angustiante, é necessário retornar à borda da vida psíquica, à descoberta, não da identidade sexual, mas da identidade subjetiva, da *alteridade*. Gostaria de sustentar aqui a tese de que o ideal hermafrodita está enraizado no ideal fusional que une a criança ao seio materno. (1978/1983, p. 55).

Desse modo, qualquer desejo paradisíaco em que a falta ou a frustração inexistem, pleiteando uma vivência idílica e ideal, testemunham a dor de um seio que se perdeu e, portanto, um confronto com o fato de que somos abandonados um tanto à nossa própria sorte, isto é, somos um outro – nós mesmos. A ilusão bissexual é a tentativa de negar aquilo que se coloca como impossível ao sujeito: uma distância que o separa do outro materno e que tem o nome de alteridade.

De alguma maneira, se o bebê pôde se tornar um outro, ele resiste ao paraíso, pois o risco não é apenas o de perder o outro, mas a si mesmo. Nesse ponto, revivemos o medo do engolfamento psicótico que chega em tom de ameaça de aniquilamento, mas também do fim da existência, que se materializa na busca em ser uno com a droga, na doença que consome o pulsar da vida ou no anseio de um estado de nirvana que pode culminar no suicídio.

Nesse sentido, essa relação idílica com a mãe é vital, uma vez que a criança é, em um momento mítico de sua vida, um todo com a mãe. Para além daquela que cuida, ela é quem garante a sobrevivência e promove a vida psíquica. No entanto, ela é, simultânea e paradoxalmente, perigosa, pois, se, por um lado, ela favorece a constituição de um sujeito, por outro, pode frear o vir a ser de um sujeito.

Não alcançar a diferença, os contornos da existência e da identidade e, portanto, um grau de independência e autonomia em relação ao objeto é da ordem do desastre. Do mesmo modo, não poder se entregar ao outro e depender livremente dele, sem receios e medos, isto é, ser incapaz de se identificar e ser empático, é negar nossas limitações e a riqueza que o vínculo proporciona

todo desejo reside na incapacidade fundamental do ser humano bastar-se a si mesmo. Reconhecer a necessidade do objeto (inclusive do objeto genital) é condição essencial para poder viver. Toda compulsão em negar esta dependência serve aos interesses da morte. (JOYCE MCDUGALL, 1978/1983, p. 58).

16 Essa ideia dialoga com as ideias desenvolvidas nos capítulos adiante, a presença de uma bissexualidade primária, a bissexualidade como uma inscrição psíquica fruto das primeiras relações.

Nossa fusão inicial com o outro é da ordem de um pertencimento a um projeto maior – ao qual se seguirão todos os projetos que sonhamos e construímos em nossas vidas –, esse outro seria representante da mãe-universo (1978/1983, p. 55), da qual todos nós fazemos parte. Funda-se em uma dependência sensual e absoluta que permitirá o desabrochar da potência do bebê: sua curiosidade, sua inteligência, sua motilidade, sua afetividade e, claro, sua (bi)sexualidade.

Desse modo, para McDougall, “ao drama da alteridade, segue-se o drama da diferença dos sexos e da interdição dos desejos incestuosos” (1978/1983, p. 55). Reconhecer a alteridade é, antes de tudo, compreender e aceitar as diferenças, percebendo o outro como enriquecimento à nossa personalidade e essencial à nossa sobrevivência psíquica. Perceber-se incompleto, ferido, dividido, é o que nos impulsiona ao vínculo, às necessidades urgentes de amor que se materializam nas parcerias amorosas no decorrer da vida, pois, ainda que não mais unos com a mãe, somos dependentes do outro para uma vida genuína e gratificante. Sendo assim, para McDougall, a bissexualidade se ancora aqui, nos vestígios desse paradoxo: não ser e ser o outro. A marca da alteridade é sinal de amor, mas também de uma certa submissão traumática ao desejo do outro.

Se pensarmos no início da vida, onde o principiar do eu se esboça? Onde começamos a nos constituir? Na visão da psicanalista, nossa existência é antes de tudo desejo parental. Aprendi isso não com a psicanálise, mas com a literatura, mais especificamente ao ler uma crônica de Drummond. “Nascer” (1944) conta a história de um casal que tece os contornos de um filho: o bebê tem “nome, enxoval, brinquedo e destino traçado”, porém ele não havia nascido e, talvez, nem mesmo sido concebido no ventre da mãe. Ao menos é assim que o poeta nos ensina: “eles nascem antes, nascem no momento em que se anunciam, quando há realmente desejo de que venham ao mundo. O parto apenas dá forma a uma realidade que já funcionava”.

O poeta prossegue dizendo que o pai “escolhera o sexo e a profissão do filho; a mulher escolhera a Cor; um moreno claro, cabelo bem liso, olhos sinceros. Não havia nada de extraordinário no menino, era apenas a soma dos dois passada a limpo, com capricho”. Ah! O desejo de ter filhos... Nosso narcisismo transborda em nossos filhos, são à nossa semelhança, uma versão melhorada de nós mesmos. O que neles repudiamos, muitas vezes, nos assusta e nos perguntamos, narcísicos, “de onde vem?”. Essa é a nossa história e de nossos filhos, transmitimos nossa herança psíquica naquilo que há de mais traduzido, simbolizado e elaborado até o mais enigmático e, geralmente, todo enigma é da ordem do traumático.

Dessa maneira, podemos pressupor algo que muito nos interessa: uma criança já é esperada sob a égide do masculino ou do feminino, revelando como a questão de gênero é crucial à psicanálise. Seu sexo está para além da determinação genética, está inscrito, antes de tudo, nos pais, sobretudo, na resolução ou não de seus conflitos bissexuais. A fantasia dos pais é impressa no corpo não meramente biológico de um bebê. Nessas fantasias, estão resguardados os desejos dos avós e, assim por diante, em uma transmissão transgeracional que tece a identidade sexual do sujeito:

Acrescento que podemos seguramente propor que a realização destas duas identidades fundamentais – por exemplo, nossa identidade de gênero, assim como nosso senso de identidade sexual – não são de forma alguma transmitidas por herança hereditária, mas pelas representações psíquicas transmitidas, em primeiro lugar pelo discurso de nossos pais, juntamente com a importante transmissão proveniente do inconsciente biparental – ao qual, mais tarde, é adicionado o *input* do discurso sócio-cultural do qual os pais são uma emanção. (MCDUGALL, 1999, p. 15)

Além do mais, McDougall acredita que a fantasia da criança sobre a maneira como o casal está unido sexualmente vai colaborar para a integração ou não da bissexualidade, de certo modo a cena primária resguarda os primeiros conflitos e riquezas da aspiração inconsciente em direção à bissexualidade. Marina Ribeiro (2011, p. 146) afirma que a cena primária seria a primeira inscrição da bissexualidade psíquica: dois que geram um, considerando sempre a plasticidade da mente¹⁷. Para McDougall, a cena primária é estruturante de cada sujeito, como um mito que conta e abriga a nossa história, ela é "a mitologia pessoal que a criança tem a propósito das relações sexuais humanas, especialmente as dos pais" (1997, p. 106).

Considerar-se como fruto de uma relação sexual, do encontro carnal e mental entre os pais, isto é, como um terceiro que só existe graças à diferença, assim como sentir-se uno com a mãe, está na esteira da ideia de que alteridade e diferença sexual são duas facetas da mesma moeda. Nesse sentido, se "o ideal hermafrodita engloba seu precursor, o Seio da ilusão" (1978/1983, p. 52) e se a monossexualidade é inexoravelmente traumática, uma série de perguntas vêm à tona: onde podemos encontrar uma compensação para essa ferida? Como, no que diz respeito à dimensão psíquica, podemos lidar de maneira criativa com o fato de que a diferença sexual se impõe de maneira avassaladora? A resposta, para a psicanalista, é no anelo bissexual, uma certa esperança de ser o outro sexo e conservar o nosso e, sobretudo, na nossa capacidade de criar:

... o processo criador que permite ao homem engendrar-se magicamente, por coalescência daquilo que podemos conceber dos elementos femininos e masculinos de cada um; criações que podem ir do patogênico ao sublime (a criação de uma perversão ou um delírio à realização de uma obra de arte). (1978/1983, p. 59).

O imperativo da monossexualidade levará a trabalho psíquico, nossos desejos bissexuais megalomaniacos da infância estão fadados a serem transformados: ora em potência criativa, ora em sintomas e angústias¹⁸. Toda criança há de se haver com o "masculino" e o "feminino" e, conseqüentemente, com a tarefa eterna de elaboração e reelaboração das diferenças sexuais e da identidade sexual.

17 Nesse ponto, pode ser interessante transportar o leitor para o futuro dessa dissertação. Dianne Elise, autora trabalhada na Parte II deste trabalho, acredita que a primeira inscrição da bissexualidade psíquica se dá em uma cena anterior ao coito dos pais, a vivência idílica e erótica com a mãe, será essa vivência que possibilitará ao psiquismo do pequeno sujeito alcançar a cena primária. De certo modo, McDougall caminha em um sentido parecido quando afirma que a bissexualidade repousa na relação do bebê com o Seio.

18 Optamos pelo "ora" no lugar do "ou", porque consideramos que, durante a vida, há um movimento dinâmico na vivência da bissexualidade psíquica como integrada e cindida. Como afirmamos, parte desses desejos bissexuais são integrados e partes são fonte de dor, sofrimento e confusão.

Dentre as inúmeras maneiras de elaborar e lidar com as diferenças sexuais, estão os enriquecimentos múltiplos à personalidade encadeados por esse trabalho psíquico, isso porque são os substratos bissexuais que permitem a estabilização da autoimagem, a intensificação do prazer erótico, a identificação com o parceiro em seus prazeres e sofrimentos mais íntimos, as relações de amizade e, até mesmo, a criatividade (MCDUGALL, 1997, p.14).¹⁹

Talvez, um dos destinos mais interessantes da pulsão homossexual, isto é, da integração da bissexualidade psíquica, diga respeito à capacidade de criação. A impossibilidade de ser os dois sexos e de criar filhos com ambos os pais faz de todos nós possíveis artistas ou intelectuais, afinal nossas obras são, de acordo com a psicanalista neozelandesa, "'bebês' partenogênicos sob a forma de produções criativas" (1997, p.66). Sob a condição da integração das partes masculinas e femininas, somos todos capazes de produzir arte, conhecimento e até mesmo bebês reais, pois o trânsito relativamente livre entre pai e mãe nos faz férteis (RIBEIRO, 2011, p.147).

É célebre a citação de McDougall sobre a nossa capacidade criativa a partir da internalização das potências de pai e mãe: "para criar 'filhos' artísticos ou intelectuais, a pessoa deve assumir seu direito de ser tanto o ventre fértil quanto o pênis fertilizador. Portanto, há sempre o risco de que o ato criativo seja vivenciado inconscientemente como crime contra os pais" (1997, p. 112).

É nesse cenário que a autora referida acima nos conta a história de Benedicte, sua paciente romancista de 40 anos que a procura devido a um bloqueio na escrita. Já capturada pela transferência com a potência criadora da analista, Benedicte a escolhe como sua analista por dois motivos: Joyce McDougall é escritora e analista. O próximo item se dedica ao encontro fértil que se dá entre as duas, além de exemplificar a noção de bissexualidade psíquica, sua relação com a criatividade e com o sofrimento envolvido na constituição da identidade sexual.

2.2 Benedicte, uma "órfã psíquica"

Ao ler o relato a respeito de Benedicte nos escritos de McDougall, fica evidente o quanto a paciente, com seu sofrimento pungente, captou a analista de tal modo que o resultado foi um encontro íntimo, visceral e criativo – e não é assim que sonhamos o encontro com nossos pacientes? A seguir, pedimos licença à autora para recontar a história desse encontro...

Benedicte busca Joyce McDougall por um bloqueio criativo que a impede de escrever ape-

19 McDougall, em seu texto de 1978/1983, relaciona o desejo de completude e exercício, portanto, da bissexualidade à masturbação, diferente de Freud que vê a masturbação na etiologia da neurastenia, a psicanalista vê a masturbação como um ato de autocriação. Os jogos masturbatórios serão legitimados em crianças que conseguem alcançar um autoequilíbrio com o próprio corpo, fruto de uma relação sensual saudável com a mãe. A masturbação raramente chega aos nossos divãs, para a psicanalista é um triunfo em segredo: "Mas, além disso, o masturbador não estaria também mostrando uma isenção dos limites impostos pela monossexualidade e uma liberação de sua dependência do outro enquanto lugar do desejo?" (p. 65).

sar de já ser uma romancista de renome. Logo a analista se dá conta de que seu bloqueio se dá em inúmeras facetas de sua vida: o luto, a vivência da feminilidade e a constituição da identidade sexual. Já no início do relato de McDougall, nos sentimos tocados pelo sofrimento da paciente que tateia as palavras com cuidado, gaguejando interruptamente e mantendo longas pausas entre as frases: "Talvez você possa colaborar com... er... comigo... quer dizer... não acredito que precise de uma verdadeira análise... er... eu... mas de alguém como... er... você... que também escreve" (1989/1998, p. 241).

É importante trazer outro ponto à tona: Benedicte procura a análise uma semana antes de fazer quarenta anos, idade em que seu pai morreu. Ela, com apenas quinze meses, se vê destituída da figura parental que poderia retirá-la da ilusão simbiótica vivida com a mãe – esse apagamento mortífero das diferenças entre mãe e filha como nos conta Halberstadt-Freud (2001). O que é mais surpreendente é que sua mãe diz que o pai está no hospital e ele desaparece da vida de Benedicte por quatro anos. Será, então, apenas com cinco anos que ela poderá descobrir, por intermédio de uma vizinha, a realidade dolorosa da morte do pai, o que nos leva a perguntar: nessas condições, que luto é possível? Como internalizar a figura paterna quando a mãe, sem dar conta de seu próprio luto, priva a filha de elaborar a morte do pai?

As duas, analista e analisanda, começam uma aventura psicanalítica que durará oito ou nove anos. McDougall nos conta de maneira literária como Benedicte, a partir do vínculo transferencial, reencontra o pai perdido, as palavras que lhe escapavam e a feminilidade. A respeito desta última, a relação com a analista mulher mostrou-se fundamental. Certa sessão, por exemplo, Benedicte, curiosa sobre as teorias de sua analista – e não somos todos? –, compra um livro sobre sexualidade feminina, para o qual Joyce McDougall contribuíra com suas teorias acerca da homossexualidade feminina.

Estimulada pela analista, a paciente, deparando-se com sua homossexualidade, discorda de uma proposição de McDougall sobre a idealização da mãe em mulheres homossexuais, pois, para Benedicte, a mãe é vivida como intrusiva, com uma feminilidade falsa, uma mulher irreal, assim como seu nariz falso, fruto de uma cirurgia plástica:

Você diz que a... er... menina homossexual tem uma imagem idealizada de sua... er... mãe como um modelo inatingível e, portanto, desiste de qualquer esperança de rivalidade com ela. Eu odiava minha mãe. Não havia rivalidade! Em relação ao meu... er... pai, como nunca o conheci, é improvável que possa ter sido um modelo pra mim, benéfico ou não. (1989/1993, p. 244)

Dessa fala de Benedicte, é possível inferir sua dificuldade em relação às imagos parentais. Segundo sua analista, ela é uma "órfã psíquica", seu psiquismo não possui as âncoras nas quais podemos nos sustentar: pai e mãe – uma mãe irreal e um pai que nunca existiu. Daí, revelam-se suas dificuldades em criar a tessitura de sua escrita e também de sua própria vida: "Um colapso na capacidade de trabalhar criativamente costuma envolver uma interdição relativa à identificação homossexual inconsciente, bem como conflitos não-resolvidos associados aos objetos internos significativos envolvidos" (MCDUGALL, 1989/1993, p. 247).

Nesse ponto, a psicanalista retoma as identificações ambissexuais, essenciais a um escritor, já que há a necessidade na literatura²⁰ de se identificar profundamente com personagens de ambos os sexos, o que foi immortalizado por Flaubert que, quando questionado quem era Madame Bovary, respondeu: "Madame Bovary, c'este moi!" (MCDUGALL, 1989/1993, p. 247).

Para a psicanalista, o bloqueio de sua paciente estava relacionado à ameaça de sua relação íntima vivida com seu pai por intermédio das palavras²¹, ligação esta proibida pela mãe: "as palavras começaram a se revelar na análise de Benedicte como a incorporação do poder e da presença paterna" (1993/1998, p. 252). Nesse ponto, podemos pensar no casal de bonecos de Benedicte, um menino e uma menina, a paciente comenta que gostava de brincar com o menino e, um dia, sua mãe leva o boneco para o conserto e retorna com duas bonecas, isso nos mostra como a mãe representava um interdito em qualquer tentativa de Benedicte de se apropriar da figura masculina.

Em alguma medida, criar seus personagens exclusivamente masculinos em uma ópera, também, sorrateiramente, roubada pela mãe, brincar de super-herói como ela costumava fazer, imaginar que escolhia as roupas de seu futuro marido, cheirar os casacos do tio como um bebê que busca o cheiro do pai, eram formas de eternizar a relação com o pai e "vestígios" de uma tentativa de trabalho de luto.

Para além de suas criações literárias, Benedicte tinha de se haver com mais uma criação: a constituição de sua identidade sexual. Ao longo do trabalho analítico, ela, espelhada na analista, pôde dar contornos ao seu feminino. McDougall nos conta que sua paciente, ávida, a investigava minuciosamente, imaginando seu corpo embaixo das roupas e projetando no corpo da analista sua sensação de estranhamento com o próprio corpo, como se a analista possuísse "algo como... uma mutilação... ou uma deformidade vergonhosa" (1989/1993, p. 258).

Imaginando o corpo da analista, Benedicte teve condições de revelar sua sensação de que seu corpo carregava uma ambiguidade, seus pelos púbicos seriam distribuídos de forma masculina, e, por isso, ela evitava maios, usava roupas apertadas de modo a assegurar sua feminilidade: "... como se minha forma feminina não fosse evidente ou como se estivesse atormentada com um sexo masculino... mesmo que tenha desejado isso quando criança, não é verdade hoje em dia" (1989/1993, p. 258).

Pela primeira vez em anos, Benedicte, a partir da legitimação de sua analista que permitiu à paciente se apropriar quase visceralmente do seu corpo, pôde se olhar no espelho nua e descobrir que não havia nada de errado com seu corpo, com sua vagina e com sua feminilidade:

20 E também na prática analítica! Como nos adverte Marina Ribeiro em seu texto "O Gênero do analista: reflexão necessária? Um elogio ao conceito de bissexualidade psíquica" (2010).

21 McDougall (1998) faz uma alusão a respeito dos objetos transicionais muito elucidativa na medida em que ela aponta que as palavras substituiriam os objetos transicionais, o universo da linguagem representaria, assim, um menor risco de fusão com a mãe.

O pensamento de que nossos corpos eram ambos femininos e poderiam ser comparados pareceu dar-lhe a impressão, sessão a sessão, de que ela tinha direito de estudar seu próprio corpo mais detalhadamente, talvez na forma de uma menina que busca conhecer sobre sua identidade feminina com base no corpo e no comportamento da mãe. (MCDUGALL, 1989/1993, p. 259)

Vale destacar que, para McDougall, a vida profissional e amorosa de Benedicte tinham íntima relação com a tentativa de internalizar o pai falecido. Na esfera das relações afetivas, ela se apaixonava por mulheres viúvas como a mãe, ocupando o lugar de seus maridos, no entanto, ao tentar recuperar a figura masculina e até mesmo a cena primitiva da qual todos nós somos oriundos, Benedicte, em suas fantasias, transformava-se em um homem, alucinando alterações hormonais e renunciando sua feminilidade.

Parte do trabalho da analista foi reassegurar a Benedicte que ela tinha pai e mãe e de que podia, a partir de suas figuras parentais, constituir criativamente sua identidade sexual e subjetiva: "A senhora foi a primeira pessoa que me disse que eu tinha pai e mãe. Vejo agora que mantive vestígios do meu pai vivo em toda a parte" (1997, p. 99). Isto revela o papel da bissexualidade psíquica como organizador fundamental e emancipador da subjetividade:

Pensei comigo mesma que as identificações são como a liberdade de alguém. A liberdade não pode ser doada mediante permissão; em um determinado momento, é necessário ir atrás e tomar posse dela. Precisamos da representação sexual de dois genitores para adquirirmos uma ideia sólida de identidade sexual, mas as circunstâncias confusas e traumáticas que cercavam o entendimento de Benedicte do que constituía sua própria identidade sexual forneceram-lhe apenas identificações parciais relacionadas ao seu papel sexual e de gênero. (MCDUGALL, 1989/1993, p. 260)

Apesar de Benedicte ter vivenciado mudanças sólidas decorrentes do processo analítico e, por isso, ter conquistado uma maior liberdade para produzir e para ser, o caso relatado por Joyce McDougall também nos intriga sobre os limites da prática psicanalítica – ou da própria escuta do analista –, afinal não somos onipotentes em relação ao sofrimento de nossos pacientes.

Próximo ao fim do tratamento, idealizado por analista e paciente, depois de seis anos de análise, Benedicte se submete a uma ovariectomia, a partir desse evento trágico que culminou em um novo bloqueio de escrita, já que o símbolo de sua fertilidade fora extirpado de maneira violenta, podemos pensar que alguns pacientes, diante de sua constituição psíquica e da natureza dos traumas vivenciados, aterrorizam-se diante da possibilidade de término das sessões e recorrem à somatização, tema também caro à Joyce McDougall. Ou, ainda, é possível inferir que alguns pacientes se beneficiariam de tratamentos que os permitam dar continuidade às suas vidas por tempo indeterminado, isto é, precisam de análise como alguns precisam de hemodiálise.

McDougall, escritora que é, a partir das reflexões sobre o procedimento enfrentado por Benedicte, prossegue com um bonito subtítulo de seu livro "As múltiplas faces de eros": "sobre livros e bebês" (1997, p. 149). McDougall nos conta que a suspeita de câncer fora o que estimulara a cirurgia, por mais que não fosse o caso, o pai morreria repentinamente de câncer retal, esses fatores resgataram a fantasia infantil de que a mãe assassinara o pai e a privara de sua capacidade de gerar bebês.

Além da associação entre livros e "bebês", o fato do pai ter morrido de câncer retal, revelado só depois de três anos de análise, nos esclarece parte das razões das dificuldades de Benedicte com as questões anais, uma vez que não só sua mãe tinha uma fixação com sua higiene como também as fezes estão intimamente associadas às criações. Os excrementos são uma das primeiras criações de um bebê, levando à metáfora de suas produções artísticas como "merda pura" ou do seu "crime" descoberto quando Benedicte "sujar a página" (1997, p. 111).

Joyce McDougall conseguiu, por intermédio dessa vivência com sua paciente, colocar luz sobre as fantasias envolvidas no processo criativo, além da importância das identificações bissexuais como base da criatividade e, também, da constituição narcísica. Parece, assim, que a bissexualidade psíquica é, de acordo com a psicanalista, o esteio da constituição de si, mas, como nos ensina o caso de Benedicte, os desejos bissexuais envolvem emoções complexas na tentativa de resolver o impasse da megalomania e da onipotência infantil.

Para possibilitar à Benedicte a integração de suas identificações, a analista promoveu o encontro de sua paciente com as figuras parentais, sobretudo com seu pai, ao que Benedicte pôde se descobrir, antes de tudo, uma filha amada. É comovente a fala de sua mãe a respeito da relação primitiva com o pai: "Lá estava você, toda entusiasmada, pulando de um lado para o outro ao vê-lo, com as fraldas cheias de cocô, e ele agarrava você e a segurava nos braços como se não se importasse. Pois é, ele não era um pai típico" (1989/1993, p. 260).

Nesse ponto do relato de McDougall, fica perceptível a importância da integração das figuras parentais, representadas pela masculinidade e pela feminilidade. Thomas Ogden (1989), por exemplo, ao se referir ao dilema sempre mortífero envolvido na escolha entre pai e mãe – "always suicidal" (p.139) –, acredita que a impossibilidade dessa escolha estaria no cerne dos sofrimentos em relação à constituição da identidade sexual: "Do ponto de vista que está sendo desenrolado aqui, o desenvolvimento de uma identidade de gênero saudável é o reflexo da criação de um interjogo dialético entre as identidades masculinas e femininas" (1989, p. 138, tradução nossa). E mais:

A triangulação que é o resultado de uma relação transicional²² edípica satisfatória representa a reestruturação da bissexualidade fundamental do indivíduo de tal

22 Ogden discorre sobre como a sexualidade feminina se desenrola de maneira semelhante aos fenômenos transicionais de Winnicott, já que a primeira relação heterossexual de uma bebê menina é vivenciada com "a mãe como o pai", isto é, com a figura masculina internalizada na mãe. A mãe, caso possua uma figura masculina bem internalizada, abençoa a filha, permitindo que ela vivencie o amor edípico pelo pai em um momento posterior: "É em grande parte o pai que a pequena menina vê no olhar da mãe" (1989, p. 121)

modo que a feminilidade não precisa ser uma luta com, ou negação da masculinidade (e vice-versa). (OGDEN, 1989, p. 139, tradução nossa)

Na visão de Ogden, a sexualidade feminina se desenrola de maneira semelhante aos fenômenos transicionais de Winnicott, já que a primeira relação heterossexual de uma bebê menina é vivenciada com "a mãe como o pai", isto é, com a figura masculina internalizada na mãe. A mãe, caso possua uma figura masculina bem internalizada, abençoa a filha, permitindo que ela vivencie o amor edípico pelo pai em um momento posterior: "É em grande parte o pai que a pequena menina vê no olhar da mãe" (1989, p. 121). No caso de Benedicte, o pai fora apagado do olhar da mãe, os vestígios de uma figura masculina amorosa e, portanto, a possibilidade do encontro amoroso entre um casal fora extirpado com violência, impedindo a paciente de casar seus aspectos masculinos e femininos.

Terminamos esse item com um trecho de Jacqueline Godfrind, psicanalista belga que se ocupa da constituição do feminino e sua transmissão de mãe para filha. A autora acredita que a constituição da feminilidade se dá mediada pelo papel do pai ao lado da mãe, ou seja, a psicanalista vê nas constelações familiares a presença incontornável da bissexualidade psíquica, e sua integração seria a responsável pelo desabrochar da feminilidade²³: "E é o reconhecimento de sua feminilidade que a filha exige com violência, reconhecimento que grita na forma de *demanda por amor*. Filha ela é, filha ela quer ser, filha reconhecida, apreciada e amada por sua mãe e por seu pai" (1997, p. 136)²⁴.

23 A bissexualidade e seu papel na constituição da feminilidade a partir da ótica de Jacqueline Godfrind será tema de um dos capítulos dessa dissertação.

24 Tradução Leticia Mei.

3. Sob o ângulo de André Green: a bissexualidade psíquica

3.1 Antes de mais nada: sobre o sexual

"Não será isto o reconhecer que se a sexualidade é, antes de mais nada, uma experiência, a teoria psicanalítica tampouco poderá ser independente da experiência em que se enraíza?" (ANDRÉ GREEN, 1997/2000, p. 20)

"Em todo caso, será preciso não esquecer que a psicanálise permanece tão revolucionária hoje quanto ela era no tempo de Freud. A sexualidade perverso-polimorfa é sempre subversiva..." (ANDRÉ GREEN, 2013/2019, p. 164)

André Green (1997/2000) nos surpreende ao lançar uma proposição àqueles que pretendem se aventurar a pensar a sexualidade na psicanálise: "ela é objecto de uma considerável perda de interesse na literatura psicanalítica" (p. 37). O psicanalista afirma que, passado o período de um certo deslumbramento com a descoberta freudiana do lugar do sexual onde ninguém mais o havia percebido, as investigações acerca do tema pararam de se ramificar, de se intrinchar e de buscar o papel do sexual na constituição do sujeito e de seus sofrimentos.

A sexualidade, segundo Green (1997/2000), mesmo quando se revelava material analítico vivo e expressivo, acabava por ser interpretada como assunto "defensivo", isto é, uma defesa geralmente vinculada a uma relação de maior intimidade ao objeto primitivo materno, sem incluir aí o papel preponderante do sexual. Destronava-se, assim, o sexual do centro da teoria psicanalítica e se privilegiavam as relações objetais na Inglaterra, regressava-se ao conhecido Ego nos Estados Unidos²⁵ e se, na França, defendia-se um "retorno a Freud", via-se o nascimento de teses opostas à de Freud em relação, sobretudo, ao sexual.

Perdia-se, assim, o expoente do sexual, a libido, o único conceito "que pode dar conta de variações, transformações, extensões, encobrimentos, fixações, regressões, desfasamentos, intrincações e desintrincações e da referência ao princípio de prazer-desprazer desprotegido do seu estatuto de referente ordenador do psiquismo" (GREEN, 1997/2000, p. 39) e, conseqüentemente, a teoria das pulsões esvaía-se pelos dedos, logo ela, capaz de funcionar como elo entre o somático e o psíquico.

25 Fazemos alusão à Psicologia do Ego.

Nesse sentido, Green, de maneira criativa, articula a teoria das relações de objeto à dimensão pulsional, fazendo jus à teoria freudiana e às descobertas de uma relação primitiva com a mãe que transcende a dimensão econômica: “De facto, o exame crítico das ideias e dos factos leva-nos a repensar os termos da controvérsia, propondo que se considerem as relações do par pulsão-objecto” (p. 211).

Talvez, possamos afirmar que, em Green, haja um verdadeiro retorno a Freud, na tentativa de valorizar a grande descoberta psicanalítica: a sexualidade perverso-polimorfa. Para Green, a psicanálise viveu um retrocesso a um momento anterior a Freud, em que ela se via atrelada ao genital, mesmo que ultrapassasse esse domínio e alcançasse todas as esferas do desenvolvimento e da vida. Será surpreendentemente nos Estados Unidos que os estudos a respeito da sexualidade renascerão com toda força e ímpeto criativo a partir de Robert Stoller²⁶ e de suas reflexões sobre as manifestações plurais da sexualidade humana expressas na travestilidade, na transexualidade – enfim, na discussão que já habitava as entrelinhas do texto freudiano: o gênero²⁷.

André Green, no capítulo 5 de seu livro “As cadeias de Eros” (1997/2000), ao resgatar os estudos de Stoller, intui o movimento contemporâneo que busca despatologizar a transexualidade, primeiramente retirando-a do campo das perversões para, a posteriori, revelar a incongruência de sua relação com as psicoses: “o transexualismo não é uma psicose que aparece no campo do sexual; ele é uma produção deste campo que chega a ter, relativamente a outras psicoses, a particularidade de não se mostrar como tal aos olhos dos outros” (p.42) e vai além:

Para nós, esta ocorrência [a transexualidade] constitui sobretudo ocasião de nos surpreendermos com a extensão do poder de transformação da experiência do sexual. No entanto, o exame da sexualidade em culturas diferentes da nossa pode causar-nos igual espanto; o que nos parece estranho já não é, então, o facto de existirem indivíduos mais ou menos em ruptura com a sua comunidade, mas, pelo contrário, o modo como o sexual está na origem de um corpo de convicções partilhadas, respeitadas e consideradas superiores a todas as outras. (p. 43)

Desse modo, Green coloca, na origem das questões de gênero, o sexual, dimensão esta que revela a grande subversão da psicanálise: a ruptura, o “desvio” ou a “independência” entre sexualidade e as funções de reprodução (p. 209). A que serve a sexualidade? Se nos deixarmos ser levados pelo resgate da noção pulsional que atravessa o inconsciente, pelo plural, pelo excesso e, claro, pela dimensão perverso-polimorfa, elementos todos recuperados por Green, estaremos diante da fantasia em suas infinitas possibilidades de desenho da identidade sexual.

26 Vale ressaltar que Joyce McDougall reconhecendo, assim como André Green, o valor dos trabalhos de Stoller dedica seu belíssimo livro “As múltiplas faces de Eros” (1997) ao amigo americano: “À memória de Robert Stoller, eminente escritor e pesquisador dos mistérios da sexualidade humana, com imorredoura gratidão por suas ideias estimulantes e sua valiosa amizade ao longo de muitos anos”. Assim como Joyce McDougall faz referência a Stoller como um grande pesquisador, Green, no livro a que se faz referência aqui, “As Cadeias de Eros” (1997/2000), resgata McDougall em diversos momentos de sua obra como uma expoente das reflexões sobre a sexualidade humana ao afirmar, por exemplo, que é a ela que devemos recorrer quando avistarmos “manifestações sexuais tumultuosas” que revelam o “potencial traumático da sexualidade humana” (p. 212).

27 Laplanche (2003) é o responsável por nos elucidar um importante fato: a palavra gênero não existe na língua alemã, mas já habitava as entrelinhas do texto freudiano. É a Laplanche, dentre outros autores, que Green também irá recorrer para colocar a dimensão do sexual “no seu devido lugar”.

3.2 Sobre a bissexualidade psíquica em André Green

"Se para o psicanalista, a diferença é sexual, a questão da bissexualidade remete necessariamente à teoria psicanalítica inteira, o que significa a abolição – ou a fantasia de abolição – desta diferença?"
(ANDRÉ GREEN, 1973/1988, p.222)

Ainda em relação ao seu resgate da dimensão do sexual na teoria psicanalítica, já em 1973 Green se questionava acerca das questões de gênero ao publicar um texto além de seu tempo intitulado "O Gênero neutro", texto que antecede seu influente artigo "A mãe morta" (1980). É a partir da articulação entre a noção freudiana de bissexualidade psíquica e sua relação íntima com a noção de gênero que o autor irá expor sua própria concepção de bissexualidade psíquica a fim de compreender o que ele chama de "gênero neutro": "a contrapartida e o complemento da bissexualidade psíquica, realizada ou latente, parecem ser, então, a fantasia do gênero neutro, nem masculino, nem feminino, dominado pelo narcisismo primário absoluto" (1973/1988, p. 227).

A partir de um caso clínico emblemático, sobretudo para o ano de 1973, em que a bissexualidade não se manifesta de maneira latente, mas "ostentada" e "realizada" em um sujeito que não aceita renunciar a nenhuma vantagem dos dois sexos, Green destrincha o conceito de bissexualidade psíquica, mostrando como, em todos nós, a bissexualidade é uma "vingança", uma recuperação do gozo que não se tem, a potencialidade do outro sexo (1973/1988, p. 234).

Instigado pelo caso clínico, pelas manifestações de uma sexualidade tida como "patológica", e inspirado pelo modo de fazer psicanálise freudiano, Green passa a elencar os fatores que contribuem para dar formas ao nosso eu-sexuado, dentre eles o desejo inconsciente de nossos pais. Em "A cadeia de Eros" (1997/2000), o psicanalista dá continuidade às suas reflexões a respeito da constituição da identidade sexual, afirmando juntamente com Joyce McDougall e Laplanche, autores que ele recuperou para forjar suas reflexões sobre o sexual, que o gênero passa necessariamente pelo desejo parental, o que, conseqüentemente, eleva a discussão de gêneros a um patamar para além da biologia – somos, assim, fruto do que Green denomina como "impressão" (p.225) da fantasia/do desejo de nossos pais sobre nós, que pode estar atrelado ou não à sexualidade morfológica do indivíduo:

O reconhecimento do sexo por parte dos pais à nascença e a identidade de gênero atribuída à criança são de importância fundamental, com todas as conseqüências psíquicas e sociais que daí decorrem e que contribuem para forjar a identidade sexual... (1997/2000, p. 215)

No que diz respeito a este tema na obra freudiana, Green aponta para uma oscilação. Se, por um lado, Freud deu ao conceito de bissexualidade um estatuto para além do biológico, instaurando-a como “psíquica”, ele, no entanto, ao se defrontar com alguns desafios ao longo de sua obra, acaba por sustentar que a solução dos mistérios e os desafios impostos à psicanálise podem ser encontrados na biologia. Talvez, por esse motivo ele tenha subestimado a relação genitor-criança, que transcende a influência externa dos pais e diz respeito mais a

dois aparelhos pulsionais ligados um ao outro pela diferença de potencial devido ao seu desenvolvimento desigual (cobertura do Isso-Eu da criança pelo Eu-Isso da mãe). Esta primeira articulação ramificar-se-ia, por sua vez, sobre o aparelho pulsional do pai, em posição metafórica (Lacan). (1973/1988, p. 225)

A ideia aqui é a de três inconscientes ou aparelhos pulsionais conectados, de maneira que a criança ainda é dominada pelo Isso. A mãe, por sua vez, está em uma posição, poderíamos dizer, de emprestar sua força egóica à criança, e o pai, por fim, habita os olhos, a mente e a fantasia materna. Neste ponto, no que se refere à ideia lacaniana de metáfora paterna, repousa a ideia de Green da presença do terceiro desde os primórdios do psiquismo, tema que será mais bem explorado adiante.

O fato a ser destacado é que a fantasia parental em relação ao gênero da criança está intimamente relacionada aos conflitos relativos à bissexualidade psíquica dos genitores, cada um, por sua vez, preso aos seus próprios arranjos bissexuais. Ou, em uma linguagem laplancheana, retomada por Green, o território do sexual está muito além das “fronteiras visíveis”, pois os cuidadores, sobretudo a mãe, são portadores de mensagens enigmáticas as quais eles mesmos desconhecem. É “o facto de a mãe ser necessariamente, para o seu filho, portadora de mensagens sexuais” (GREEN, 1997/2000, p. 46) que nos leva a afirmar que essas mensagens enigmáticas possam ser um enxerto, uma inoculação das impressões a respeito da própria bissexualidade materna em seu rebento.

Green, assim como Joyce McDougall, Laplanche e até mesmo Freud ao postular, no *Esboço de Psicanálise* (1938), que a mãe é a primeira sedutora da criança²⁸, reafirma um fato frequentemente recusado: a mãe é uma mulher – com toda a sensualidade e sexualidade que o termo “mulher” carrega, o que, conseqüentemente, inunda a relação com seu bebê de conotações eróticas²⁹:

Será a força secular da Virgem Maria no Ocidente a responsável por essa dessexualização muito extensiva da imago materna? Ou será fruto da Imaculada Conceição – a Virgem concebida por Santa Ana –, que vem sustentar um fantasma ainda mais

28 Luís Claudio Figueiredo (2019) retoma o aspecto benigno da sedução na teoria psicanalítica. Para isso, resgata uma série de autores, dentre eles Green e Laplanche, e afirma, com este último, que “não há vida e constituição psíquica sem sedução” e lembra que a sedução está intimamente relacionada à libido: “pensar na sexualidade, na libido e, mais que tudo, em Eros é pensar não apenas em excitação, descarga e prazer, mas também nos processos de ligação intrapsíquica e intersubjetivo sem as quais a vida não se instala e se expande” (p. 55).

29 Marina Ribeiro, em seu livro já mencionado aqui, “De mãe em filha: a transmissão da feminilidade” (2011), diz que a mãe constitui e traumatiza a um só tempo, uma vez que não há uma diferenciação entre ternura e sexualidade. Ambas provêm da mesma fonte e talvez esse impacto do encontro com o enigmático da mãe possa ser amortecido pelo que M. Ribeiro chamou de “mãe sedutora suficientemente boa” (2011, p. 87).

geral: a mãe nada poderia conhecer dos prazeres da mulher? Seja como for, o lugar comum que opõe a mãe e a puta repercute-se nas teorizações contemporâneas da psicanálise”. (GREEN, 1997/200, p. 45)

Quanto à criança, nos diz Green (1997/2000, p. 46), ela está fadada a uma certa perturbação, já que a sexualidade infiltra/invade a comunicação entre mãe e bebê, o que leva o autor a concordar com Laplanche: a mensagem enigmática impulsionaria o processo de tradução³⁰, por isso Laplanche teria razões para “ligar, aqui, erotismo e significação” (GREEN, 1997/200, p. 46). De certa forma, o enigmático a respeito da sexualidade materna seria o motor da simbolização em uma tentativa de atribuir sentido ou, em uma linguagem laplancheana, de “traduzir” as mensagens da mãe.

Desse modo, Green defende a “descontinuidade radical” (p. 52) entre animal-humano, uma vez que seria a mensagem enigmática, oriunda de objeto fonte-materno mais do que da pulsão³¹, que levaria à irrupção violenta da sexualidade: “Vê-se, efectivamente, que a passividade – propus o termo ‘passivação’ – da criança é justamente a condição para que o ‘enxerto’ sexual – a linguagem da sensualidade, segundo FERENCZI – pegue” (GREEN, 1997/2000, p. 52).

Parece, assim, que a fantasia pessoal está subjugada à fantasia parental, primordialmente, à da mãe, mas é ainda mais complexo, pois inúmeros planos estão articulados na instauração da bissexualidade psíquica; outro fator imprescindível para a organização da bissexualidade é o papel da “fantasia do outro sexo – aquele que não se tem, mas que poderíamos ter imaginariamente, no triângulo edipiano” (1973/1988, p. 226).

Isso pode parecer à primeira vista uma articulação simples, o que significaria simetria ou complementaridade entre os polos masculino e feminino, mas a questão se desenrola mais especificamente em uma relação dialética entre esses polos. Green (1997/2000) recorre à noção de mediação bissexual de Christian David³², ao afirmar que essas oposições se “sobrequalificam” em nome de uma sexualidade mais rica e plástica:

Assim, a mediação bissexual reclama uma melhor visão da complexidade das relações dialécticas. Invocar o masculino e o feminino no homem e na mulher tal-

30 Os conceitos laplancheanos relacionados à teoria da Sedução Generalizada serão desenvolvidos no próximo capítulo, mas podemos adiantar que a ideia de mensagem enigmática diz respeito a mensagens impregnadas de significações sexuais inconscientes até mesmo para o próprio emissor, de modo que este enigma impulsionaria o processo de tradução. Pelo fato de a mensagem adulta ser por essência enigmática, o termo tradução remete às dificuldades – e até mesmo à impossibilidade! – de traduzir a língua de outrem.

31 Nesse ponto, as reflexões de Jacques André mostram-se valiosas para André Green: “Aderindo às concepções de Jean LAPLANCHE, Jacques ANDRÉ retoma as ideias directrizes da origem da sexualidade: de acordo com ela, o Ego seria atacado e destituído e a sexualidade irromperia dentro de nós. Mas esta irrupção não seria tanto a de uma pulsão, sempre suspeita de pertencer a linhagem maculada pelo biologismo, mas sim a de um objecto-fonte materno”. (GREEN, 1997/2000, p. 52)

32 Christian David (1975/2018, p. 71), no seu artigo “The beautiful differences”, defende que a sexualidade do sujeito, quando harmonizada à sua bissexualidade psíquica, promove o desenvolvimento de uma fórmula sexual própria que, além disso, oscila porque está viva. No mais, o autor afirma que, se a anatomia é o destino, a bissexualidade é o anti-destino (p. 62), revelando a subversão do conceito freudiano.

vez mascare a dificuldade de conceber de que modo o feminino do homem e o masculino da mulher entram em ressonância. Nada de simples existe aqui e não é substituindo a diferença pela complementaridade que se poderá captar melhor a realidade psíquica, que antes parece obrigar-nos a pensar conjuntamente o funcionamento sinérgico e o funcionamento antagonista e a inversão aleatória de um no outro. (GREEN, 1997/2000, p. 199)

Green não deixa de apontar os “embaraços” (p. 199) da equivalência entre masculinidade e atividade e, respectivamente, feminilidade e passividade. Para isso, recorre a Winnicott e às suas dimensões de feminino e masculino puros. Embora Green não discorde das proposições do psicanalista inglês, ele faz uso, ao seu modo, das concepções de Winnicott, preferindo o termo “passivação” à “feminino puro”, fazendo alusão, assim, à passividade primeira vivida por todos nós em relação ao cuidado maternal, o que o leva, também, a modificar a noção freudiana de “repúdio feminino” para “repúdio materno”: “nunca terminaremos de repudiar o que permanece em nós da marca materna. Por isso, propus alterar a fórmula. Seria, efectivamente, o materno o objecto de repúdio” (GREEN, 1997/2000, p. 50).

Até esse ponto, podemos reunir alguns elementos fundamentais para a compreensão do conceito de bissexualidade psíquica à luz de André Green. Dentre eles, 1) a dimensão do sexual como pano de fundo para a compreensão do potencial subversivo e plástico do conceito de bissexualidade psíquica enquanto marca da sexualidade perverso polimorfa que nos habita; 2) o papel da fantasia parental; 3) assim como, a fantasia do sujeito em relação ao sexo que não possui; 4) a relação dialética entre os polos “masculino” e “feminino”; e, por fim, 5) a dimensão da “passivação” e sua noção de “repúdio materno”.

Mas a contribuição de Green não se esgota aqui. Ele busca, nas raízes de nossa origem, o conflito psíquico relacionado à identidade sexual: seu germe estaria na cena primária, já apontada neste trabalho como a primeira inscrição da bissexualidade psíquica. Para o autor, tudo culmina na fantasia da cena primária, “que põe em jogo desejos e identificações contraditórias” (1973/1988, p. 227).

Sua concepção da cena primária resguarda pontos que merecem ser destacados. No célebre artigo “A mãe morta” (1980/1988), Green recorre ao Homem dos lobos – famoso caso em que Freud busca provar a sua teoria da sexualidade infantil e, como parte dela, a força da cena primária – para enfatizar que a questão do Homem dos lobos não é presenciar o coito dos pais, mas estar ausente nesse encontro:

Insisto nesta fantasia da cena primária para me diferenciar claramente da posição freudiana, tal como foi exposta no Homem dos lobos, onde Freud procura, como uma finalidade polêmica contra Jung, as provas de sua realidade. Ora, o que conta na cena primária, não é o fato de ter sido testemunha, mas precisamente o contrário, ou seja, que ela tenha se desenrolado na ausência do sujeito. (p.257)

Na teoria de Green, a cena da qual todos somos oriundos, por ser a primeira inscrição da bis-

sexualidade psíquica, também pode ser considerada a matriz da triangulação edípica, uma vez que o fato de o sujeito estar ausente introduz no psiquismo a dimensão do terceiro excluído (URRIBARRI, 2012, p. 151). É importante frisar que essa exclusão leva a trabalho psíquico, impulsionando a produção da própria fantasia do sujeito:

(...) a proibição do incesto e a dupla figuração das imagens da mãe e do pai, potencialmente reunidos na fantasia de uma cena primária hipotética e concebida fora do sujeito e onde o sujeito *se ausenta* e se constitui na ausência da representação afetiva que dá nascimento à fantasia, produção da “loucura” do sujeito. (GREEN, 1980/1988, p. 245, grifo do autor)

Nesse sentido, a cena primitiva representa o encontro dos sexos. Nela, atuam os polos masculinos e femininos, encarnados nas composições bissexuais de cada um, que serão referências para a constituição psíquica do sujeito³³ (CARNEIRO & LAZZARINI, 2018, p. 602). Como matriz arcaica do complexo de Édipo, a cena primária abre as portas para que iniciemos uma discussão por um vértice fundamental da construção do conceito da bissexualidade psíquica na obra de Green: sua perspectiva do pai, presente entre a mãe e o bebê desde a origem: “como enfatiza Green (1980, 2008), o pai está lá desde a origem, no psiquismo da mãe, como o outro do objeto, uma das fontes primárias do negativo, inscrito como figura de ausência” (CARNEIRO & LAZZARINI, 2018, p. 600). Nesse sentido, é o pai como função terceira, isto é, como objeto de investimento da mãe que deve ser destacado:

Em 1981 André Green publicou “Freud, Édipo e nós”, um artigo fundamental no qual distingue o Édipo enquanto complexo, estrutura e modelo. Enquanto modelo, propõe a ideias do Édipo como um *triângulo aberto com o terceiro substituível*, e introduz a noção de “outro do objeto” (primeiro “terceiro” objeto, que pode ou não ser o pai) apontando a necessidade de um esquema triádico originário. Ou seja, que a função terceirizante não é atribuída exclusivamente ao pai: o terceiro entre a mãe e o filho pode ser um irmão, um tio, uma figura da infância da mãe. (URRIBARRI, 2012, p. 151)

O autor recusa a noção de uma relação dual ou diádica entre mãe-bebê, para ele todo sujeito sempre alcançará o Édipo e todo caso clínico deve ter como matriz simbólica o Édipo, mesmo nos casos em que a regressão é pré-genital. Sua crítica se dirige às ideias que ganharam força na psicanálise anglo-saxã:

33 Uma discussão pertinente e contemporânea, relacionada à cena primária, é levantada por Patricia Porchat (2019). Segundo ela, não deve existir uma cena primária standard na psicanálise, ela fala aqui sobre a resistência às parentalidades trans e não binárias; a ideia de uma cena primária universalizante, heterossexual, dificulta a compreensão de que o primordial é a dimensão do gozo, da fantasia – afinal nossa origem não reside em um desejo que brota de uma configuração familiar, na qual circula o prazer? Ela sugere ao analista que resiste às configurações familiares plurais “invocar a bissexualidade psíquica e pensar o rechaço à feminilidade ou à masculinidade” em suas próprias análises (p. 127). Nesse ponto, lembro-me aqui de uma sábia sugestão de Françoise Dolto no caso das adoções: para ela é importante que a criança intua que, apesar de não ser fruto biológico do encontro sexual dos pais, os pais sentem prazer sexual juntos, mantêm um vínculo erótico, desse modo a criança poderia ter a inscrição do prazer compartilhado pelo casal que não a gerou biologicamente, mas se aventurou em sua constituição psíquica – poderíamos nos perguntar: existe maior aventura do que participar da constituição psíquica de um sujeito?

Tão avançada quanto esteja a análise do desenvolvimento do objeto primário, o destino da psique humana é sempre ter *dois* objetos e nunca um único, tão longe quanto se recue para tentar apreender a estrutura psíquica dita mais primitiva. Isso não quer dizer que se deve aderir à concepção de um Édipo primitivo – filogenético – onde o pai enquanto tal estaria presente, mesmo que fosse sob a forma de seu pênis (penso na concepção arcaica de Melanie Klein do pênis do pai no ventre da mãe). O pai está aí, ao mesmo tempo na mãe e na criança, desde a origem. Mais exatamente, *entre* a mãe e a criança. (GREEN, 1980/1988, p. 244)

Sendo assim, a partir de sua dimensão da cena primária e do Complexo de Édipo, Green postula uma teoria de um primeiro tempo da inscrição no psiquismo da bissexualidade: uma bissexualidade pré-genital. Sobre esse primeiro tempo psíquico de organização da bissexualidade psíquica, Green recorre não só à ideia da presença paterna desde a origem como também à dimensão paradisíaca de um feminino originário³⁴, faz, no entanto, suas próprias reflexões sobre o papel da dimensão maternal no psiquismo, resgatando a sexualidade materna, sua consequente sedução sobre o seu rebento, e a construção da própria fantasia pessoal, mediada pela fantasia parental e pela fantasia do sexo que nos é privado.

É momento de concluir, ainda com André Green, que nos lembra da origem etimológica da palavra “sexo”: ela advém do latim, *secare*, que significa separar/cortar (1973/1988, p. 234), o que, claramente, implica, perda, falta, ferida narcísica, enfim, evoca a dimensão traumática da sexualidade humana – é sangue que jorra...

34 Essas ideias serão discutidas adiante pela perspectiva de Paulo de Carvalho Ribeiro, psicanalista brasileiro, a partir de seu conceito de identificação feminina primária e seus desdobramentos.

4. Da bissexualidade ao desabrochar da feminilidade: as reflexões de Jacqueline Godfrind

Resgatamos, aqui, através do olhar da psicanalista belga Jacqueline Godfrind, seu pensamento a respeito da bissexualidade e seu papel na constituição da feminilidade. Ainda que o “tornar-se mulher” não seja o nosso objeto central de pesquisa, acreditamos que, a partir das reflexões acerca dos desafios em busca da constituição da feminilidade, Godfrind nos presenteia com suas dimensões da bissexualidade primária, o que nos permite um novo olhar para a ideia freudiana de uma bissexualidade constitucional. A ideia de uma bissexualidade não constitucional, mas constituída a partir de vivências primitivas, já foi abordada nessa dissertação partir da ótica de André Green e sua noção da presença incontornável de um terceiro desde o início da vida psíquica entre mãe e bebê – eis a bissexualidade primária.

A autora nos permite compreender a constituição da bissexualidade em dois tempos: a bissexualidade primária e secundária (GODFRIND, 1997). Nosso trabalho se debruça, sobretudo, na dimensão de uma bissexualidade primária, onde é necessário pensar em uma sexualidade em potencial, abstrata e indiferenciada. No horizonte do conceito de bissexualidade psíquica, está a identificação com os aspectos femininos e masculinos, tanto no que se refere às identificações primárias, relacionadas a objetos parciais, antes do que denominamos autoerotismo, quanto às identificações secundárias que se desenrolam na travessia edípica e são estruturantes no sentido de organizarem as identificações do conflito edípico; nesse segundo momento, atualizam-se as identificações primárias de modo a ressignificar as identificações femininas e masculinas do processo edípico.

Amplamente discutida na própria obra freudiana, a bissexualidade secundária ou o desenrolar da trama edípica é cenário mais conhecido e explorado. Faz-se necessário compreender, portanto, os primórdios da experiência que pavimentam nossas identificações e contornos mais definidos de nossa bissexualidade. A essa missão, nos próximos capítulos, convidamos uma série de autores que também colocam luz sobre esse fenômeno: Paulo de Carvalho Ribeiro e seu pensamento ancorado na obra de Jean Laplanche e Dianne Elise que centra grande parte de sua teoria na noção de bissexualidade. Vamos à teoria de Jacqueline Godfrind.

4.1 Entre mulheres: a vivência homossexual

Grávida de uma menininha, eu me aventurava pelos textos de Jacqueline Godfrind, sonhava com essa dissertação, mas, sobretudo, me interrogava sobre a constituição de minha feminilidade e a herança que deixaria impressa no corpo de minha filha. Heranças cruzadas, corpos unidos por um laço visceral, similitudes e semelhanças...

... Um mar para desbravar e um perigo: o de afundar – essa é a sensação ao ler os textos da autora belga, pois a transmissão da feminilidade, de inconsciente para inconsciente, é “como uma joia de família que passa da avó para a mãe, da mãe para a filha, tendo em mente uma situação favorável; ou uma ‘feminilidade mortífera’, em uma condição desfavorável”, nos conta Marina Ribeiro (2011, p. 88) em um capítulo de seu livro “De mãe em filha: a transmissão da feminilidade”, dedicado ao pensamento de Jacqueline Godfrind sobre a noção de homossexualidade primária e secundária.

Godfrind parte da premissa de que a homossexualidade, como um componente intrínseco ao desenvolvimento da feminilidade, isto é, da organização psicosssexual da mulher, é tema pouco referenciado na literatura psicanalítica: “Mas – e eu insisto – o termo ‘homossexualidade feminina’ aparece raramente nessas considerações. Tudo faz crer que existe um ponto cego aqui, sobre o que, na relação mãe/filha, é revivido no encontro mulher/mulher” (2006, p. 102).

O termo homossexualidade primária é retomado por Godfrind a partir do olhar de Fenichel e do posterior desenvolvimento dessa noção por Denis (1982, 1984). Para a autora, esse conceito abarca a complexidade das trocas entre a mãe e seu rebento antes de uma diferenciação sexual, isto é, o laço que nos une à mãe primitiva, nos libidiniza e que tem por missão acordar nosso corpo erógeno.

De acordo com a psicanalista, esse termo é ainda mais valioso no que diz respeito às trocas entre mãe e bebê menina, trocas que marcarão para sempre o destino de sua filha, como também a endereçarão a ele – nessa relação de carinhos e carícias estão as “raízes do prazer sensual” (GODFRIND, 2006, p. 103). Essa capacidade preciosa de libidinizar o outro, a mãe usará para os bebês de ambos os sexos. Entretanto, Godfrind está convencida de que a similitude entre os corpos e a bagagem da mãe enquanto mulher, no encontro com seu bebê/mulher em devir, marcarão essa relação de maneira única.

Tão única que funcionará como um imã. A homossexualidade primária exercerá um fascínio que atrairá a filha aos braços da mãe, e por vezes esse fascínio terá um colorido de rivalidade, de ódio: “o ódio, como sabemos é necessário para levar à separação – ‘o objeto nasce do ódio’” (GODFRIND, 2018, p. 124). Em uma tentativa desesperadora de separação, de uma constituição de uma certa singularidade, mas, por detrás das marcas de hostilidade, há uma paixão desenfreada: uma cripta que resguarda a relação primitiva com a mãe, uma espécie de “pacto negro” (2018, p. 124) que nos lança a uma alienação dramática com a mãe das origens.

Essa posição, a de estar em uma aspiração fascinada pela mãe, aprisionada aos seus tentáculos, é metaforizada pelas pacientes da psicanalista em sonhos e falas que expressam uma dissolução em um abismo de “buraco a buraco” (2018, p. 125), o acoplamento de dois buracos que esvaziam e sugam a feminilidade; nesse sentido, vivenciar a feminilidade é um risco, uma subversão perigosa, uma possibilidade de aniquilamento: “como é possível se libertar dessa mãe, de sua ascendência mortal, que dificulta o desenvolvimento de uma identidade feminina?” (2018, p. 125).

Por outro lado, se uma “mãe suficientemente boa sedutora” (RIBEIRO, 2011, p. 87), ou seja, uma mãe, ancorada em sua “capacidade de *reverie*”, for capaz de auxiliar sua filha na apropriação de sua feminilidade, dando espaço para a inscrição de sua singularidade criativa na apropriação da herança transgeracional entre as mulheres, se abrirão brechas para o terceiro. Aqui a brisa sopra de maneira mais arejada, é sinal de mudança de objeto: o alcance do pai – mas vale ressaltar que a mãe estará sempre lá, fazendo sombra a esse encontro entre pai e filha.

Na busca de se tornar uma mulher amada e apreciada pelos homens, a menina lança mão de seu potencial identificatório com a mãe, em uma tentativa de acesso a uma feminilidade que será vivenciada em uma relação genital com um homem. Aqui, nos deparamos com a noção de homossexualidade secundária, a vertente negativa do complexo de Édipo, que é fundamental para o processo de “tornar-se uma mulher”.

Unha, pele, cabelos, vestimenta... Do cheiro da mãe às fragrâncias, dos braços da mãe para a construção de uma segunda pele: a maquiagem, o batom, os cremes, as roupas. É o erotismo materno que circula entre mãe e filha, de mulher a mulher, que está por detrás da aparente futilidade feminina. O que se busca é ser mulher aos olhos de um homem em uma partilha saborosa entre mulheres – a sublimação da homossexualidade primária. A secundarização da homossexualidade acontece, portanto, também entre mulheres, mas de uma maneira a buscar o gozo com um homem, etapa fundamental para o desabrochar da feminilidade.

Se, entre mulheres, partilha-se os segredos da feminilidade, não podemos deixar de pensar na rivalidade entre nós, fêmeas, que também pode ser resquício de uma bipolaridade fundamental, abordada por Godfrind: a proximidade, a similitude com o risco sempre iminente de uma “cilada narcísica” (BIDAUD, 1998) ou de uma “ilusão simbiótica” (HALBERSTADT-FREUD, 2001), o que levaria a um distanciamento expresso em uma rivalidade precoce, tal qual a mãe que vê na filha uma possibilidade de desabrochar feminino que possa vir a funcionar como uma ferida em seu narcisismo, assim como a filha que, alimentada de inveja, se depara com o potencial criador da mãe expresso em sua capacidade de gerar, de aleitar, de ser mulher.

A coloração entre mãe e filha é intensa, a tecitura dessa relação é complexa, mas, por sorte, sairemos ilesas e com um senso de feminilidade que permeia nossas entranhas e nos dá uma possibilidade de existência. E, também por sorte, a mãe, nos adverte Godfrind, não está sozinha na aventura da construção identitária de uma menina, ao lado dela está marcada a presença do pai, responsável por “carregar a identificação masculina, necessária à construção da bissexualidade” (2018, p. 125).

É à presença paterna, ao lado da mãe, na construção de uma bissexualidade harmônica no seio da feminilidade, que dedicamos os próximos itens. Mas vamos além: Godfrind aborda não só o papel da figura paterna na constituição da feminilidade, como também os arranjos bissexuais dos pais em uma interação do casal que se expressa na criação da pequena menina sob a forma de paz ou de guerra.

Seguimos...

4.2 O papel do pai na construção da bissexualidade e o encontro entre os sexos

Uma paciente me relata um sonho de infância recorrente, da época em que a mãe optou por se separar de seu pai: elas estão em um apartamento novo, o mesmo em que elas foram viver depois do divórcio dos pais, diante de uma enorme janela de vidro. Mãe e filha avistam, então, um homem que vem pronto para atirar, a mãe tenta proteger a filha, em vão. Ambas recebem o tiro, que atinge mãe e, depois, a filha, o que resta é um enorme buraco em seus corpos.

Quando essa moça, no auge de seus 18 anos, chegou ao consultório, ela repetia os passos da mãe, em uma identificação adesiva. Ela cultivava um relacionamento violento com um amigo que a agredia por não conseguir ter uma ereção; antes desse rapaz, havia namorado por dois anos com um menino que ela nunca amou. Passo a passo na estrada da mãe, que fora vítima de violência doméstica no primeiro casamento e se casara com o pai de minha paciente cultivando com ele uma relação de amizade, mas não de amor, o que é extremamente doloroso para ela: imaginar que não foi fruto de uma história apaixonada.

“Minha mãe é meu esteio, eu preciso dela”, “meu humor oscila conforme o humor da minha mãe”, “meu desafio na minha terapia é aprender a viver sem minha mãe, já tenho quase 20 anos!” e, assim por diante, ela revela o medo de se afogar no oceano materno, se perder nesse buraco que a ausência de uma figura masculina representa: “é o vazio que a ausência do meu pai deixou dentro da gente”, conta a paciente emocionada ao lembrar que não pôde expressar dor alguma com a separação dos pais, mas apenas pediu: “continuem amigos” e, diz ainda: “quando minha mãe diz que meu pai é um banana eu sempre me certifico: mas você gosta dele, né mãe?”.

Aos poucos, com o decorrer do processo analítico, o cenário online se modifica, “Gabi, hoje estou na casa do meu pai!”, ou ainda, uma história de amor nova, cheia de paixão: um namorado com quem ela se imagina casando e construindo uma família, “não quero me casar três vezes como minha mãe!” e, por fim, sua indignação: “eu conheço minha mãe, ela não sabe dar valor para os homens que ela tem, ela largou meu pai que não é cafajeste, não é vagabundo, é respeitoso, ele deu a vida pela minha mãe, pagou suas dívidas, acolheu as filhas dela, ela acha que existem um milhão desses no mundo?”. Ela também se refere ao padrasto que a acolhe e a ama como filha, mas com quem a mãe também ameaça recorrentemente se separar.

Esse breve relato de caso revela o papel do pai, ao lado da mãe, na constituição de uma feminilidade autônoma, independente, com riscos menores de fusão com a mãe, assim como a necessidade da internalização de um casal parental amoroso que respeite as potencialidades um do outro para a emergência de uma bissexualidade harmônica, a necessidade imperiosa da paz entre os sexos para a emergência da feminilidade.

De acordo com Godfrind (2006), é o pênis paterno que salva a menina da ameaça de destruição diante da aproximação da homossexualidade primária; para além do acoplamento de buracos,

imagens fálicas começam a emergir, vermes, canetas, golfinhos que se levantam orgulhosos do mar, enfim o pênis salvador que possibilita “a saída do corpo oceânico da mãe, graças à identificação com o pênis do pai e depois com seu corpo. São figuras clássicas da filha para se desprender da mãe com o apoio do pai” (p. 108). Essa identificação primária com o pai em busca de um refúgio do corpo oceânico da mãe é parte estruturante da bissexualidade psíquica e mais: de uma bissexualidade primária, anterior ao jogo de identificações com objetos totais referente ao Complexo de Édipo.

A necessidade imperiosa de separação explica, por exemplo, a presença em nossos consultórios de relatos apaixonados das filhas no que se refere aos seus pais – onipotentes e poderosos. Segundo Godfrind, essa figura paterna idealizada seria um “antídoto forte” ou um “antídoto fálico” (2018, p. 128) contra a fusão com a mãe, o “buraco narcísico” (2018, p. 128). As características tidas, culturalmente, como masculinas participariam, assim, de um processo de individualização, protegendo a filha da mãe primitiva, o que leva a autora a se perguntar se isso não seria o que promove um certo conluio entre algumas mulheres e os preconceitos de uma sociedade falocêntrica.

Como se sabe, a identificação com o pênis é a marca do terceiro que propicia a fundação da psiquê e o nascimento da capacidade de simbolização. É, assim, fundamental que a imagem de um “pênis salvador” emergja entre mãe e filha, de modo a libertá-la e a introduzi-la a uma bissexualidade harmônica. Nesse ponto, não podemos deixar de abordar uma temática freudiana que suscita paixões e polêmicas sobretudo entre nós, mulheres, – uma de minhas pacientes, estudante de Psicologia, me disse: “eu estava amando psicanálise, mas depois de aprender sobre a ‘inveja do pênis’ eu passei a odiar...”.

Nas reflexões de Godfrind, a inveja do pênis ganha um colorido especial, diferente da perspectiva freudiana que sustenta um amargor que a menininha estaria condenada a lidar eternamente diante da impossibilidade de possuir um pênis. Para a psicanalista (2006), o pênis é um atributo capaz de penetrar o buraco materno, mas também de ir e vir livremente, em um movimento sedutor que pode satisfazer a mãe – a inveja do pênis está, portanto, associada à homossexualidade primária, este canto da sereia que soa em nossos ouvidos.

Além do mais, o excesso de atitude fálicas, presente em algumas mulheres, atitudes que a autora resume como a capacidade de penetrar e violar, além de características como controle, assertividade e domínio – vale lembrar que isso é uma construção psíquica em interface com a representação do corpo e com o cultural –, encontra suas raízes na inveja do pênis e na identificação primária com o pai idealizado.

Outros sofrimentos, no que diz respeito à construção de uma bissexualidade serena, “em paz”, revelam uma culpa intensa da filha em se apropriar dos atributos do pai. Sendo assim, a inveja do pênis pode ser um empecilho para a filha usurpar, transformando-as em posse, as potencialidades masculinas. Godfrind recorre à atitude feminina de “bras droit”, braço direito do pai e dos homens, relatado por Janine Chasseguet-Smirgel (1946), para mostrar o temor de muitas mulheres em tomar para si as capacidades masculinas, que é expresso em uma aproximação tímida dessas potencialidades.

Nesse ponto, outro autor que parece ter compreendido a perspectiva da inveja do pênis de maneira original e profícua à clínica do sofrimento feminino é Thomas Ogden. Ele afirma de maneira muito incisiva que a inveja do pênis deve ser vista como uma “descrição acurada” (1989, p. 130) do resultado patológico do desenvolvimento feminino, mais do que parte do desenvolvimento feminino normal. Ele relata mulheres que se portam de maneira tanto a depreciar a figura masculina, “não há nada que um homem possa fazer que eu não possa”, assim como mulheres que herdaram uma feminilidade vergonhosa, tal qual um defeito.

Uma mulher onipotente e fálica, uma mulher acanhada de seu feminino. Duas facetas de uma bissexualidade não integrada, heranças psíquicas do que Godfrind nomeou como guerra, em que não há espaço para um apaziguamento, um balanço entre potencialidades masculinas e femininas. São necessários, assim, uma trama pré-edípica e um romance edípico saudáveis para que a garotinha não só se sinta genuinamente amada, como sinta que nada lhe falta, ela é plena em seu feminino.

Essa plenitude – sempre parcial e com riscos de se desfazer – termo utilizado por Godfrind, advém da “paz entre os sexos” (2018, p. 131), isto é, da introjeção de um encontro harmônico entre os sexos, um pai humano, modesto em seus atributos, de “carne e osso”, e a liberação progressiva das correntes que prendem a mulher à mãe. Uma bissexualidade “em paz” diz respeito a uma identidade feminina livre para fazer uso dos atributos de pai e mãe. Essa ideia preciosa de Godfrind revela como os cenários de paz propiciam a constituição de uma bissexualidade integrada e os de guerra promovem sofrimento, encarnado em mulheres que buscam a análise com uma reivindicação: a feminilidade.

Godfrind narra histórias de mulheres que são fruto de encontros frustrados entre homens e mulheres. Em relação às mães, elas se sentem profundamente “mal-amadas”. Pelas palavras da autora, essa mãe é descrita pelas palavras de Godfrind como “impotente”, incapaz de se apropriar de suas funções maternas: “a ferida aberta é a de estar unida pela feminilidade a uma mãe incapaz de amar adequadamente seu bebê do sexo feminino” (1997, p. 137)

No entanto, para além da figura materna, o sofrimento descrito pela psicanalista belga é a de uma angústia pungente que marca as mulheres no desenrolar das gerações: “um encontro heterossexual frustrado” (GODFRIND, 1997, p. 137) ou ainda “um encontro depreciado entre o feminino e o masculino” (GODFRIND, 1997, p. 138). Nesse ponto, recordo-me de uma paciente que afirmava que “as homossexuais certamente são mais felizes”, uma vez que, na sua família, nem ela, nem as mulheres que a antecederam desfrutavam de encontros heterossexuais satisfatórios.

Por detrás desse desencontro entre o masculino e o feminino, há mulheres que alimentam um desprezo pela figura masculina, um gozo que não se partilha com um homem e uma violência contra eles: essas mulheres que vivem um pacto de sangue, “laços homossexuais poderosos cuja função consiste, em larga medida, em manter com as mulheres uma cumplicidade *contra* o macho” (GODFRIND, 1997, p. 137).

As bases fantasmáticas desse sofrimento, um feminino mutilado e mutilador, encontram-se no narcisismo de uma filha marcada por uma cena primitiva frustrada, infeliz entre homens e mulheres. A cena primitiva é, segundo Godfrind, o coração da bissexualidade, seu cerne, a inscrição inaugural da bissexualidade primária; é a cena originária, a matriz do encontro dos sexos, que proporcionará o nascimento da identidade, intimamente relacionada à identidade sexual:

Cena primitiva “de base”, se quisermos “coito internalizado dos pais” para a escola kleiniana, de todo modo, *forma de ser do masculino e do feminino, um em relação ao outro* que exprime a violência do encontro inaugural inscrito no narcisismo de base. (GODFRIND, 1997 p. 140)

Godfrind vê na valoração do potencial do outro sexo a possibilidade de uma bissexualidade integrada, pois na renúncia necessária do desejo de ser os dois sexos para se tornar homem ou mulher está também a tarefa de “atribuir ao outro sexo as qualidades, atributos, privilégios, que as escolhas de vida levam a renunciar” (1997, p. 144). Rancores, rivalidades, mágoas – aqui vive a “guerra dos sexos”, muitas vezes camuflada por uma aparência genitalizada, mas que, na verdade, esconde, conflitos de um lugar originário, a bissexualidade primária, “onde se imprimirá a ferro e fogo a marca da transmissão transgeracional do encontro frustrado entre os sexos” (1997, p. 144):

Percebe-se que fantasmas paternos e maternos se conjugam para tecer, em torno da filha, uma rede de representações que estigmatizam não apenas uma visão narcisicamente “destruída” de cada um dos sexos, mas igualmente dos avatares do encontro dos sexos... E a mulher no divã descobre, com páthos, como a história do casal parental se inscreveu nela, comprometendo com seu selo maléfico a identidade de mulher que ela quer reivindicar. (GODFRIND, 1997, p. 138)

Uma das grandes contribuições de Godfrind é sua teorização de uma bissexualidade primária, tributária da cena originária e que levará a conflitos para além de uma análise clássica, na qual a narrativa é edípica, neurótica, isto é, provenientes de uma bissexualidade secundária; as questões a que se referem nesse item dizem respeito a estados mais primitivos, mais estruturantes da identidade sexual, marcados pelo encontro dos sexos em forma de paz ou de guerra: “tendo em mente que toda paz é uma conquista permanente contra os riscos de guerras, tanto na vida quanto no divã-poltrona” (1997, p. 146).

5. Paulo de Carvalho Ribeiro e suas contribuições ao tema da bissexualidade

5.1 A bissexualidade a partir da ótica do machismo e sua relação com a passividade originária

“Só encontro mulheres de esquerda degeneradas”, diz, em uma sessão cheia de ódio, dirigido, sobretudo, a mim, sua analista. Em outra sessão, ele dá continuidade à repulsa que sente pelas mulheres: “é um amor objetificante, carnal; intelectualmente, nunca nenhuma mulher me agregou porra nenhuma, nunca vi uma mulher que pensava de uma forma que eu falei ‘da hora...’. Eu prefiro homens como objeto de estudo, homem tem mais material intelectual para ir atrás, não teve nenhuma mulher grande na política, mulher na política? Tudo uma bosta. Você vai falar com uma mulher, toda mulher pensa igual, ou é a visão do namorado ou ela é de esquerda, é quase como se elas fossem desinteressantes” e, por fim, “as mulheres cancelam os homens por seus pensamentos políticos e não pensam porra nenhuma por conta própria!”.

Afeiçoada aos discursos de esquerda, aprendiz de minhas pacientes jovens feministas, senti, com dor, o ventre se comprimir. De cabeça baixa, anotei uma a uma as palavras escatológicas de meu paciente e, só a posteriori, pude retomar minha capacidade de pensar: ele havia embotado minha capacidade analítica? Ele havia me transformado exatamente em um ser incapaz de pensar por conta própria?

O desencontro amoroso entre homens e mulheres nunca foi tão expressivo como na contemporaneidade³⁵. A exemplo disso, resgato outro paciente que, desolado, diz que sua namorada em uma briga acalorada introduziu minha figura em busca de sororidade, “pergunte para sua analista se o que você faz comigo, quando me anula, não é tóxico, estou em um relacionamento abusivo!”. A discussão acerca do machismo e de seus efeitos nas relações adentra nossos consultórios de tal maneira que nos leva a problematizar as questões psíquicas que estariam na etiologia do comportamento machista e do conseqüente embate barulhento entre homens e mulheres.

Foi no pensamento do psicanalista brasileiro Paulo César de Carvalho Ribeiro que encontramos uma articulação teórica capaz de compreender o machismo para além de uma construção social e histórica, mas como um comportamento enraizado na situação de passividade própria da sedução originária³⁶, reportando-nos diretamente às origens do psiqüismo. O autor, em seu artigo

35 Essa ideia, à primeira vista categórica, é perceptível e tangível na clínica. Ela é explorada por P. Ribeiro que tem como ponto de partida das suas reflexões sobre o machismo na atualidade uma polêmica crônica de Ruth Manus, escritora e advogada, que viralizou na internet em 2014: “A incrível geração de mulheres que foi criada para ser tudo o que um homem não quer”.

36 A teoria da sedução generalizada (1993) é uma das grandes contribuições de Laplanche à psicanálise. Para o autor, a sexualidade tem uma dimensão traumática e invasiva, uma vez ela está intimamente vinculada à passividade originária de todos os seres humanos. Há, assim, um bebê vulnerável, frágil, passivo que está à mercê do adulto – o que se configura

“Uma questão preliminar às ações coletivas de combate ao machismo” (2015), busca compreender, a partir de um ponto de vista psicanalítico, as “dificuldades encontradas por homens heterossexuais no estabelecimento de relações amorosas e sexuais duradouras, fatores esses conectados direta ou indiretamente ao machismo” (p. 164).

Apesar de não fazer referência direta ao conceito de bissexualidade em seu texto de 2015, em uma *live*, realizada no dia 10 de junho de 2020, intitulada “Sedução originária, recalçamento primário, gênero e formação do eu na teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche”, Paulo Ribeiro, ao responder à pergunta de Marina Ferreira da Rosa Ribeiro sobre o conceito de bissexualidade psíquica e sua articulação ao potencial perverso-polimorfo da sexualidade, articula o machismo a uma bissexualidade intransitiva, mais próxima ao recalçamento e não ao uso livre das posições masculinas e femininas, isto é, a capacidade de usufruir de um potencial andrógino da sexualidade, presente em uma bissexualidade integrada. Haveria, de acordo com o autor, uma bissexualidade mais promissora e outra, caricata e grotesca, expressa nos excessos do machismo, em uma masculinidade tacanha, por exemplo.

Sendo assim, a discussão acerca dos fenômenos do machismo, enquanto uma bissexualidade não integrada, capaz de produzir efeitos devastadores nas relações entre homens e mulheres, revela-se pertinente a essa pesquisa. Além do mais, a polêmica discussão das origens do machismo nos leva à teoria desenvolvida por P. Ribeiro sobre os primórdios do psiquismo – em sua articulação com diversos autores tais como Robert Stoller, Jacques André e, sobretudo, Jean Laplanche –, fenômeno que ousamos relacionar à discussão de uma bissexualidade primária.

No texto de 2015, cujo desafio é revelar as origens psíquicas do machismo, o autor busca ir ao cerne daquilo que é constitutivo do inconsciente e da sexualidade, que não pode ser reduzido a nenhum fenômeno social e a nenhuma revolução sexual. Para isso, P. Ribeiro traça um panorama de suas contribuições à teoria de Jean Laplanche. Dentre elas, uma se revela valiosa a esta etapa do trabalho e dialoga com as ideias de Dianne Elise, desenvolvidas na sequência deste capítulo: a relação entre mãe e criança em duas faces, nas quais não é possível distinguir penetrante e penetrado. O autor concebe a sedução originária como uma relação de penetração, de apagamento de fronteiras corporais, de intrusão violenta em um ser que ainda não possui nenhuma instância de ligação.

O bebê, em um prolongamento da sedução originária, é penetrado pelo corpo da mãe e por suas mensagens enigmáticas³⁷. Ela inocula sua sexualidade inconsciente em seu rebento; é nesses termos que se dá a situação antropológica fundamental³⁸ e onde se assenta a sedução originária:

em uma assimetria que permite a emergência do sujeito, mas, também, os entraves em sua constituição, isso porque o adulto também foi colonizado por um outro e, desse modo, "os adultos, na presença da criança reativam, sobretudo, sua sexualidade infantil" (LAPLANCHE, 2003/2015, p. 169), isto é, seus próprios enigmas.

37 Por outro lado, da mesma maneira que os adultos designam, identificam, invadem, penetram o bebê com suas mensagens enigmáticas, os cuidadores também disponibilizam códigos, sistemas de tradução, ou seja, elementos que auxiliam o pequeno bebê a dar contornos à sua dimensão egóica – parece, assim, que o mesmo adulto que invade também socorre: “a situação antropológica fundamental sugere que, desde a origem da comunicação entre a criança e o adulto, o desequilíbrio provocado pela sedução se acompanha ao mesmo tempo pela singularidade de um sujeito em trabalho de tradução, um hermeneuta” (DEJOURS, 2006, p. 6, tradução nossa)

38 Por situação antropológica fundamental pode-se frisar a assimetria entre adulto e criança e a inevitável situação de

Nossa concepção dessa relação ressalta o fato de que, a partir do momento em que passa a existir a representação psíquica de uma fronteira epidérmica do eu, toda a relação da criança com o outro adquire uma potencialidade de representação em termos de penetração... Ressaltamos ainda a importância das fantasias despertadas no adulto pelo contato corporal com a criança e particularmente a utilização metafórica do bebê como objeto penetrante: o corpo materno envolvente – que ao segurar contra o seio a criança, a transforma num objeto de prazer instalado num espaço metaforicamente interno – mimetiza a boca onde seu mamilo penetra e assegura, assim, um estado de *holding* em que a criança e a mãe são duas faces de uma mesma “penetração”(…) (P. RIBEIRO, 2005, p. 251).

Será “na privacidade de recintos reclusos” (2000, p. 272) que esse movimento essa penetração em duas faces irá ocorrer, o que se dará em um jogo de imitações, tema também caro a P. Ribeiro. O autor defende que a imitação precoce tem um papel fundamental na constituição psíquica, uma vez que a mãe reproduz os gestos e os trejeitos de seu bebê e ele, por sua vez, devolve a própria imagem em uma relação especular, ainda assim assentada em uma passividade radical:

Mais do que um mero jogo de palavras, isso quer dizer que a sexualidade da mãe é inoculada no bebê por meio da imitação que ela (a mãe) faz do infantil, por meio da tradução corporal (gestos, jeitos, toques, sons, afetos) daquilo que o contato com o bebê induz nela e que ela não sabe que é um derivado de sua própria sexualidade recalçada. (P. RIBEIRO, 2000, p. 273)

Essa relação promove uma pergunta que não deve ser respondida, exigindo nossa capacidade de tolerar o paradoxo: quem imita quem? Quem penetra e quem é penetrado? Nesse ponto, a imitação, vizinha da identificação, nos leva mais longe, diretamente à incursão tardia, por Laplanche (2003), da designação de gênero atrelada às vivências passivas iniciais³⁹. Até esse ponto, antes mesmo de identificar as diferenças sexuais que exigem de todos nós uma constante elaboração:

bebês de ambos os sexos já terão sido marcados pela estimulação não de um corpo propriamente dito, mas de uma superfície epidérmica fragmentada e sensível, dotada de órgãos dos sentidos não coordenados entre si, que são expostos a todos os estímu-

sedução que esta última sofre. Além do mais, é dessa situação que se instaurará a pulsão e o inconsciente.

39 Nesse ponto, podemos articular o pensamento de Joyce McDougall ao de Jean Laplanche (2003/2015), uma vez que, para este último, o conceito de gênero também remete à alteridade, já que a designação do gênero é veiculada consciente e inconscientemente pelos pais. A mensagem enviada pelos pais ajuda tanto na organização psíquica – no que tange aos contornos da identidade de gênero, portanto, às exigências narcísicas de totalidade egóica – como também pode contribuir para a desorganização – no que concerne à compulsão à repetição, a dinâmica mortífera que nos leva a repetir o enigmático de nossos pais –, pois essa mensagem comporta “ruídos” que interferem na designação de gênero, nas palavras de Laplanche: “Um pai pode designar conscientemente o gênero masculino ao filho, mas pode ter esperado uma filha ou mesmo desejar inconscientemente penetrar uma filha. É, afinal, muito mal explorado esse campo da relação, inconsciente dos pais com seus filhos; e penso que ele não se infiltra apenas nos cuidados corporais, nas primeiras mensagens, geralmente maternas (mas não necessariamente só maternas). Esses desejos inconscientes também vêm infiltrar-se na designação de gênero” (LAPLANCHE, 2003/2015, p. 169).

los e principalmente a todas as penetrações, sobre as quais nenhum controle lhes é facultado, uma vez que ainda inexiste qualquer instância à qual poder-se-ia atribuir algum tipo de controle, de contenção, de ligação. (P. RIBEIRO, 2015, p. 172)

Concebida como uma relação de penetração, a sedução originária nos transporta para uma das principais características da sexualidade infantil: a dimensão do desligado, do demoníaco e da ausência de oposições – penetrante e penetrado, masculino e feminino e sua relação com o fálico e o orificial permanecem como construções contra as quais o sexual infantil resiste e que só emergirão a *posteriori* de maneira a organizar a dispersão polimorfa (P. RIBEIRO, 2015, p. 172):

Penetrar e ser penetrado, ter e ser o objeto, coalescem, nesse primeiro tempo [o do recalçamento primário], numa experiência única, na qual passivo e ativo, masoquista e sádico não são pares de opostos, mas vivências homogêneas de um gozo sem oposição. O segundo tempo [o do recalçamento secundário] coincide com a descoberta da diferença anatômica dos sexos, sua incidência sobre a diferença dos gêneros e o imperativo de se posicionar perante essas diferenças. (P. RIBEIRO, 2000, p. 257)

Esse segundo tempo do recalçamento se dará, sobretudo, a partir da elaboração da designação de gênero pelo *socius*⁴⁰ familiar do sujeito. Tal designação esta que reforça a passividade radical do bebê em relação à força das fantasias dos seus cuidadores que também, em um movimento de penetração, perfuram a mente de seus filhos, identificando-os nessas categorias que, apesar de, à primeira vista, revelarem-se como binárias e rígidas – é menino! É menina! –, resguardam uma série de ambiguidades e ambivalências: as marcas de nossa dimensão polimorfa. Ser identificado como homem ou mulher causará um efeito de recalçamento e o conseqüente surgimento do eu, que se assentará na construção de oposições que permanecem em constante tensão expressa na negação de um dos polos para a afirmação do outro.

De acordo com o autor, é compreensível que essa tensão se desenrole de maneira a negar o penetrado pela afirmação superlativa do penetrante (2015, p. 176), já que o surgimento do eu está relacionado ao recalçamento primário dessas experiências de penetração, de fragmentação, de desligamento e morte. Por isso, as vivências de penetração são mais propícias para transportar o sujeito ao que P. Ribeiro denominou como “memórias de ninguém”, tempo anterior a qualquer autorrepresentação, inerentemente traumático que carrega a marca da presença invasiva do outro:

Somos conduzidos assim a admitir que gozar com a penetração é o equivalente corporal dos efeitos de alteridade no interior do psiquismo [...] Em suma, todas essas questões me levam a concluir que a situação de ser penetrado sempre irá correr o risco de remeter à alteridade e ao trauma com muito mais propriedade do que a situação de ser o agente da penetração. (P. RIBEIRO, 2015, p. 173)

40 O "socius", em Laplanche, diz respeito à pré-história pessoal e não filogenética como em Freud. Essa pré-história é o outro em carne e osso que libidinizava, cuida, ama e coloniza o bebê com suas mensagens enigmáticas.

A penetração das mentes e dos corpos, segundo o psicanalista, está na origem da lógica fálica que se revela como uma possibilidade defensiva tanto em homens como em mulheres que se defendem da ameaça de uma passividade e de uma vulnerabilidade com o “exercício de um órgão penetrante ou pela negação de um órgão penetrável” (2015, p. 174) ou ainda, como “um superinvestimento fálico de todas as representações penetrantes” (2005, p. 254). Nesse ponto, podemos articular as reflexões de P. Ribeiro a mulheres que aderem à lógica fálica e se tornam cúmplices fiéis do machismo, em uma tentativa de negar a passividade originária em relação à outra mulher.

Além disso, o tempo inaugural do psiquismo e da sexualidade, marcado inexoravelmente pela penetração, não é só vivido como ameaça, mas como desejo – aqui repousa a ambiguidade presente nos desejos sexuais, como, por exemplo, a de um paciente que não consegue se excitar com sua namorada, pois vive com ela “uma relação fraterna”, mas procura, de maneira compulsiva, o que ele chama de “submundo”, atraindo-se por mulheres marcadas pela promiscuidade. Por isso, talvez, na fantasia desse rapaz e de tantos outros, “as mulheres da vida” estejam mais abertas à penetração e à contenção do traumático – ideia esta que será mais bem desenvolvida nos parágrafos que se seguem, mas que é abordada por P. Ribeiro a partir dos textos freudianos reunidos sob a rubrica “contribuições à psicologia do amor”:

Nesses textos, Freud (1910/1996, 1912/1996) reconhece que a liberdade sexual da mulher, ou até mesmo sua promiscuidade, são vistas pelos homens como um fator ao mesmo tempo desejável e condenável, o que os conduz tanto à valorização extrema dessas mulheres quanto ao engajamento no permanente esforço de protegê-las dos perigos advindos de sua conduta sexual. Não é difícil apontar como denominador comum aos textos dessa trilogia freudiana a existência, do lado dos homens, do paradoxal repúdio à castidade e à promiscuidade, concomitante à paradoxal exaltação da virtude e do vício. (2015, p. 174)

Na atualidade, tal como P. Ribeiro nos lembra, apesar de os homens estarem mais abertos a mulheres que não se identificam com os afazeres domésticos e que conquistaram independência financeira, poder e sucesso profissional – o que as coloca em uma posição próxima aos homens, uma vez que elas compartilham o mesmo recalçamento e, portanto, o mesmo temor: a “invasão pelo outro e seus efeitos de fragmentação e morte” (2015, p. 175) –, a questão repousa, no geral, na dificuldade dos homens em lidar com a liberdade sexual das mulheres, isso porque: “entregar-se livremente à penetração pelo outro é tudo o que os homens heterossexuais não podem desejar abertamente para si mesmos nem conseguem tolerar irrestritamente nas mulheres que lhes interessam” (P. Ribeiro, 2015, p. 175).

De alguma maneira, enquanto as mulheres vivem a penetração de maneira egossintônica, pois, a elas, nos diz P. Ribeiro, essa invasão é franqueada, os homens heterossexuais sempre revivem a penetração como traumática, o que levaria a desencontros na esfera amorosa, uma vez que

A dificuldade dos homens com a liberdade sexual das mulheres se origina, portanto, em grande parte, na delegação a elas do esforço de conter a experiência trau-

mática. Assim como a excitação sexual dos homens heterossexuais se vincula à identificação inconsciente com a posição penetrada da mulher, a interdição que lhes é imposta desse gozo também se vincula à identificação inconsciente com a contenção dessa experiência na mulher. Em outras palavras, os homens heterossexuais depositam inconscientemente nas mulheres tanto seu desejo de ser penetrado quanto suas defesas contra esse desejo. (P. Ribeiro, 2015, p. 175)

Concluímos esse item com o mesmo paciente a que nos referimos no início e que me interpela com suas falas conservadoras e machistas. Ele, estudante de Medicina, deseja ser ginecologista, em um mecanismo que pode ser descrito nos termos de uma formação reativa. Ele, com toda sua misoginia escancarada, compromete-se a passar a vida encontrando com mulheres em seu consultório. Talvez, exista, aqui, a tentativa de se apropriar do enigma do feminino, mas de maneira ativa, como detentor de um saber sobre os corpos das mulheres, por uma via concreta ainda dissociada do afeto tal qual ele nos diz em seu “interesse carnal”. Ele fantasia, assim, colocá-las em uma posição passiva, literalmente de pernas abertas, enquanto ele as penetra com seus utensílios, invertendo a situação originária.

Seu repúdio e desprezo pelas mulheres podem estar ancorados em uma inveja profunda da fluidez sexual assegurada ao feminino, pois as mulheres são o símbolo do Sexual, as primeiras sedutoras – o que me remete, enquanto analista, diretamente à figura materna desse paciente, uma mulher a quem ele deve obediência e um certo temor, “afinal é minha mãe”.

Seus conflitos, portanto, nos reportam aos primórdios da experiência humana, à sedução originária vivenciada por ele e suas dificuldades de conter as experiências traumáticas. Certo dia, ele me interpela com uma fala curiosa, polissêmica e na qual podemos ver a presença da cena primitiva, isto é, o coração da bissexualidade: ele me diz que fazer um parto deve ser algo da dimensão do incrível, “imagina? Ser o primeiro a tocar em um bebê?”

Seu devaneio suscita em mim inúmeras perguntas: seu desejo de ser o primeiro a tocar em um bebê será marca de seu ressentimento profundo pela mãe-sedutora? Uma corrida contra a mãe? Um triunfo sobre a mãe que será reiteradamente vivido ao longo de sua vida profissional? Ou será chance de renascer? De elaborar suas vivências primitivas? De vivenciar, no encontro com a profissão e com a análise, um novo enlace entre homens e mulheres? Enfim, uma nova chance para a sedução que uma mãe-analista derrama em seu paciente?

Somos levados à conclusão de que o machismo está para além dos fatores históricos, sociais e culturais, ancorando-se na dificuldade de elaboração de um tempo arcaico, anterior à presença da experiência de um “eu” organizado: a bissexualidade primária que, vista aos olhos da teoria de P. Ribeiro, relaciona-se à origem alteritária da sexualidade e seus efeitos traumáticos representados pela penetração, invasão, fragmentação e morte.

5.2 É tempo de transição: a sexualidade orficial e a penetrabilidade dos corpos

Ainda no que diz respeito à articulação das ideias de P. Ribeiro à bissexualidade, sobretudo à bissexualidade primária, encontramos, na primeira parte de sua obra⁴¹, a dimensão de um recalque essencialmente feminino tanto nos sujeitos quanto na própria teoria freudiana. De alguma maneira, a ideia do feminino ao lado do recalcado já estaria nas entrelinhas do texto freudiano, uma vez que essa dimensão de passivação primitiva e o fato de nossa origem ser feminina por excelência explicaria a opinião de Freud de que a feminilidade seria mais difícil de aceitar em ambos os sexos.

P. Ribeiro (2000), a partir da teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche e do conceito de passividade pulsional de Jacques André e de sua noção de que o sexo feminino seria sempre o outro sexo⁴², propõe que os mais intensos efeitos do recalçamento incidiriam sobre a feminilidade. Para descrever tal fenômeno, o autor articula feminilidade e sedução originária no que concerne à passividade do bebê que estaria à mercê da libidinização constitutiva, porém, traumática. Além disso, P. Ribeiro também se apoia na ideia de que a identificação primária estaria associada intimamente à figura materna, criando, assim, o conceito de "identificação feminina primária".

A ideia de resgatar o papel da feminilidade no psiquismo tanto de homens como de mulheres, tratando o feminino como a marca indelével da psique, associaria o feminino não só às primeiras vivências do sujeito, mas à sua origem – como uma assinatura da alma (SCAPPATICCI, 2018). Levando em conta que a psicanálise foi dominada por um falocentrismo, essas reflexões possuem um papel fundamental no processo de descortinar o feminino, a vagina, o orficial e retirá-los das profundezas do recalcado da teoria psicanalítica.

No entanto, a ideia de uma origem feminina da sexualidade ou a relação articulada por P. Ribeiro entre sedução, alteridade e feminilidade é repensada pelo autor à luz de uma concepção de inconsciente, também baseado na teoria laplancheana, que recupera a descoberta freudiana e a reitera por intermédio da noção de Sexual: o inconsciente seria o lugar do polimorfo, do perverso, do demônio e do desligado. Essa dimensão de inconsciente não abrigaria oposições tais como ativo/passivo e sua articulação com feminino/masculino, pois essas categorias seriam mais próximas dos complexos e de sua capacidade de ligação, o que se contrapõe à ideia de Sexual: “a existência dos complexos inconscientes vem se chocar com a ideia de desligamento” (2016, p.106).

Isso fica mais claro no texto de P. Ribeiro intitulado “O sexual, o fálico e o orficial a partir da teoria da sedução generalizada” (2016), em que o autor destrincha essa noção de inconsciente, atre-

41 Obra que é fruto de sua pesquisa de doutorado, orientado por Jean Laplanche em 1992 e transformado em um livro intitulado “O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária” (2000).

42 Para Jacques André, há uma feminilidade primitiva associada à passividade do bebê, “o ser penetrado feminino” (M. F. R. Ribeiro, 2011, p. 66). Nesse sentido, a feminilidade se torna o recalcado por excelência tanto nos homens quanto nas mulheres, uma vez que ela está atrelada aos momentos originários do psiquismo, marcados, na visão de André, pela violência e penetração generalizada.

lando-a ao recalque originário e secundário. Para isso, ele retoma as reflexões laplancheanas presentes no texto “Curto tratado do inconsciente” (1993) sobre dois níveis do sistema inconsciente. O primeiro nível estaria associado ao recalque originário e outro ao secundário, de tal modo que o recalque originário estaria relacionado ao que Laplanche denominou “império do desligamento”, enquanto o secundário estaria vinculado aos complexos.

Nessa perspectiva, os complexos, tanto o Édipo, “um verdadeiro ‘cimento’ da alma contemporânea” (2016, p. 106), quanto o complexo de castração, “inteiramente fundado na oposição fálico-castrado” (2016, p. 106), seriam elementos organizadores, de “ligação” e, portanto, já marcados por oposições, sobretudo pela lógica binária reiterada pelo complexo de castração, pela designação de gênero impressa pelo pequeno *socius* familiar e ressignificado *a posteriori* pelo sujeito.

A partir dessas reflexões, P. Ribeiro, ao resgatar a teorização de Jacques André e sua influência nos desdobramentos de sua própria teoria, acredita que, apesar de J. André ter trazido à tona uma questão fundamental à clínica e à psicanálise, dar cores femininas ao recalcado seria, talvez, equivocado, pois essa dimensão pode resguardar uma noção essencialista, na qual feminilidade e passividade estariam atreladas e seriam indissociáveis, o que se revela uma articulação frágil e até mesmo perigosa. P. Ribeiro, então, propõe “em lugar de ‘feminilidade orifical’, uma sexualidade orifical” (2016, p. 110).

Retomando, porém, a presença do sexo em suas composições binárias e sua influência sobre o Sexual desde os tempos pré-históricos, o autor faz uma afirmação que nos reporta tanto à situação antropológica fundamental em que a posição penetrada evoca uma situação traumática de base, como a um corpo penetrante, isto é, um corpo possuidor de orifícios e de apêndices corporais:

Que a feminilidade seja, desde épocas imemoriais, associada à posição penetrada, pode significar apenas a existência de um vício de tradução que, em algum momento histórico, passou a ser usado como instrumento de poder e dominação dos homens sobre as mulheres. O mesmo pode-se dizer da associação da posição penetrante com a masculinidade. (2016, p. 111)

O autor, ao nosso ver, busca compreender o que seria passível de universalização e de ser aproximado da condição intrínseca do ser humano de vulnerabilidade diante de outrem, independentemente da influência, ainda muito decisiva, das categorias binárias, oriundas do patriarcado, que, um dia, podem ser reduzidas “a uma diferença tão pouco importante para os seres humanos como, por exemplo, as diferentes conformações do lobo da orelha” (2016, p. 112).

Em 2017, em seu texto “Gênero, Sexo e Enigma no Sexual de Jean Laplanche”, P. Ribeiro dá continuidade às suas reflexões de modo a considerar que, ao se articular feminilidade e passividade e situá-las ao lado do recalcado, podemos nos manter em uma lógica binária e em “uma genealogia discursiva capaz de fabricar e impor identidades, como sustenta Judith Butler (1997)” (P. C. RIBEIRO, 2017, p. 116). Além disso, a ideia de que passivo e feminino são indissociáveis, assim como masculino e penetrante, privaria os homens de uma modalidade de gozo sexual e de fantasias ligadas à posição penetrada e passiva:

Jacques André, com certeza, estava convencido, assim como eu também estive, de que avançava no sentido da superação do recalçamento vigente na teoria psicanalítica e no psiquismo das pessoas ao falar das origens femininas da sexualidade e denunciar o poder recalçante que a ideia de castração exerce sobre o valor sexual, excitante, dos orifícios da suscetibilidade à penetração. Mas será que ele teria se dado conta de que, ao associar, a posição penetrada e a excitação orificial ao feminino, uma vasta área de refúgio, de proteção contra o Sexual, era assegurada do lado masculino? (p. 120)

Sendo assim, a dimensão das vivências originárias e primitivas estariam mais próximas da noção de passividade e de penetrabilidade, associadas à ideia de Laplanche de que todos nós, um dia, sofreremos a penetração invasiva, sedutora e violenta do corpo de outrem e de suas mensagens enigmáticas:

O mais prudente seria, então, falar de uma associação entre a posição penetrada e a sedução originária, entre a passividade e a penetração do corpo do infante pelas ações/mensagens dos adultos, entre o ser penetrado e as origens passivas da sexualidade e, finalmente, entre a situação antropológica fundamental e a exposição passiva à penetração do psicossoma do infante pelas ações/mensagens dos adultos. (P. C. RIBEIRO, 2017, p. 116)

Nesse sentido, P. Ribeiro, ao reafirmar sua tese de que penetração e sedução originária seriam categorias intrínsecas, aproxima-se de uma dimensão que resgata e reforça a sexualidade perverso/polimorfa em que as oposições – “fálico/castrado, masculino/feminino, ativo/passivo, penetrante/penetrado” (2017, p. 122-123) –, no processo de recalçamento do gênero pelo sexo, não conseguem dominar um resto, presente em todos nós, coercitivo e excitante, “isto é: Sexual” (2017, p. 123).

À guisa de conclusão, P. Ribeiro nos permitiu um movimento precioso: o início do descolamento da bissexualidade das dimensões de feminilidade e masculinidade. Isso porque pudemos nos aproximar do conceito de bissexualidade psíquica por um outro vértice: a ideia da penetrabilidade, o que pode ser vislumbrado a partir de sua associação entre a posição penetrada e a sedução originária, além de seu apontamento da dimensão de uma sexualidade orificial e passiva para além de sua frágil articulação com a feminilidade (P. C. Ribeiro, 2017). Do mesmo modo, sua acalorada discussão sobre o machismo não só revela uma bissexualidade não integrada como também suas raízes na passividade originária e na penetração intrusiva, inerente à constituição do psiquismo e da sexualidade.

Na próxima etapa deste trabalho, abordaremos as ideias de Dianne Elise que, por um caminho epistemológico distinto, debruçou-se, assim com P. Ribeiro, sobre os primórdios do psiquismo e sobre as relações primitivas, isto é, o que denominamos, a partir de Jacqueline Godfrind, como bissexualidade primária. Elise e P. Ribeiro chegam a conclusões passíveis de aproximação.

Dianne Elise também abordará a dimensão da penetrabilidade, mas mais próxima do que de-

nominamos como interpenetração entre os corpos e mentes, movimento esse que se revela inerente ao conceito de bissexualidade psíquica em sua interface com a relação primitiva entre mãe e bebê, o que Elise (1998) nomeia como “*nursing couple*”.

Parece, assim, que esses autores podem não só nos ajudar a dar contornos ao conceito de bissexualidade, mas também, nesse percurso, acabam por ressignificar as noções de masculino e feminino, transcendendo-as em suas múltiplas versões.

Parte II.

Para além da feminilidade e da masculinidade: a bissexualidade e a interpenetrabilidade de corpos e mentes

6. A bissexualidade e a díade penetrante e penetrado

Masculinidade e feminilidade – termos que suscitam uma série de preconceitos. Com o frutífero e necessário debate acerca dos gêneros, uma turbulenta e espinhosa discussão aproxima-se desses termos de maneira apaixonada: masculinidade e feminilidade passam a ser vistos de maneira rígida, atrelados a uma biologia reducionista que defende a binariedade dos corpos. Nesse sentido, essas dimensões passam a se esgotar e a cegar o debate.

Assistimos, desse modo, ao clamor pelo binarismo, pelas dicotomias homem/mulher, homo/hétero, masculino/feminino em defesa de uma identidade sexual variada, plural – um resgate do polimorfismo da sexualidade. Parece necessário, então, adotarmos uma forma de pensar que amplie a capacidade de reflexão, dialogue com o debate pós-moderno da diversidade de gêneros e que nos liberte⁴³ dessas noções pregnantas e poderosas que nos enfeitiçam: o masculino e o feminino. Poderíamos transcender essas categorias ao abordar o conceito de bissexualidade psíquica, aproximando-o de uma linguagem capaz de revelar o potencial polimorfo da sexualidade?

Ancorando-nos, sobretudo, em Dianne Elise, psicanalista norte-americana que pesquisa o tema da feminilidade, estudos de gênero e a dimensão criativa e erótica do campo analítico, e na sua busca de revisitar de maneira original o conceito freudiano de bissexualidade psíquica, sustentamos a ideia de corpos interpenetráveis, isto é, a habilidade – aprendida e apreendida na relação íntima com os cuidadores, sobretudo com a mãe na visão da autora – de penetrar e ser penetrado.

Essas seriam as duas facetas da bissexualidade que acreditamos se aproximar da dimensão do ilimitado da sexualidade. Ao nosso ver, tais facetas vão além das noções de feminilidade e masculinidade, ao se descolarem das noções de feminilidade atrelados à passividade, ao masoquismo, à vagina e da masculinidade vinculada à penetrabilidade e sua dimensão ativa e fálica.

43 Será possível? Não temos a pretensão de responder a essa provocação, mas a pós-modernidade parece apontar para uma certa urgência na revisão dessas noções a fim de amenizar sofrimentos, possibilitar o enriquecimento da identidade de gênero e, claro, da vivência da sexualidade!

A díade penetrante e penetrado, enfatizada por Elise, vai além da anatomia, fazendo-nos pensar se os conceitos de masculinidade e feminilidade devem ser sustentados pela psicanálise contemporânea, uma vez que parecem ser indissociáveis de uma cultura patriarcal opressora. No pensamento de Elise, por exemplo, há um importante deslocamento, instaurando, talvez possamos dizer assim, uma dimensão matriarcal na Psicanálise: a mãe, em sua teoria, é a primeira penetradora, o que retira o pênis do lugar de principal penetrador.

Penetrar e ser penetrado se tornam, assim, capacidades psíquicas herdadas do contato erótico com a mãe e que são essenciais para o desenvolvimento da mente, da sexualidade e da criatividade. Em um capítulo de seu livro a respeito do pavor de homens de serem penetrados ou de viverem a penetração como violação (2019), Elise traz com clareza essas ideias:

Na sexualidade adulta, o desejo erótico idealmente seria baseado na interpenetração mútua e mistura dos parceiros (Kernberg, 1991). O cruzamento de barreiras corporais e psíquicas envolve a capacidade de múltiplas identificações, inclusive com incorporação ativa e penetração e com a experiência receptiva de penetração. A identificação simultânea com cada possibilidade apaga temporariamente os limites do eu e tem sua base na interação mãe-bebê; a sexualidade adulta revisita o erotismo materno. (2019, p. 134)

Dianne Elise não está sozinha em suas reflexões a respeito da interpenetrabilidade dos corpos e sua íntima relação com o conceito de bissexualidade. No mesmo ano de seu principal texto sobre a noção de bissexualidade, “Gender repertoire: Body, mind and bisexuality” (1998), Monique Cournut-Janin, psiquiatra e psicanalista francesa, também estudiosa da sexualidade feminina, escreve um texto intitulado “A feminilidade e o feminino” (1998), publicado no livro “*Reading French Psychoanalysis*” (2010), em que a autora aborda o tema da bissexualidade nos mesmos termos que Elise.

Nesse artigo, ao discorrer sobre as fantasias femininas em torno do estupro, ela revela que essas fantasias estão relacionadas a uma “atividade receptiva”, seria, assim, uma elaboração da cena primitiva sádica como também, afirma a psicanalista, aproximando-se de nossos interesses: “as fantasias em torno desse tema também permitem a riqueza total das identificações bissexuais: penetrar, ser penetrado” (COURNUT-JANIN, 1998, p. 627).

No mesmo livro de 2010, um de seus organizadores, o psicanalista Alain Gibeault, ao introduzir a seção denominada “Sexualidade masculina e feminina” que abriga o artigo de Cournut-Janin, dedica parte de sua introdução ao tema da bissexualidade. Gibeault aborda as reflexões de Christian David e de André Green sobre o tema e conclui com a ideia de que a bissexualidade psíquica seria uma “metáfora da experiência corporal em termos do desejo de penetrar e ser penetrado” (p.559).

Barbara Stimmel (1996), psicanalista americana, uma referência importante do pensamento de Dianne Elise, propõe que pensemos a bissexualidade em seu sentido amplo, assim como Freud propôs pensar a sexualidade. Afirma, ainda, que recorrer às noções freudianas da bissexualidade pode

parecer à primeira vista “*metapsychological old-hat*” (1996, p. 206), no entanto a autora continua a missão freudiana na contemporaneidade: a eterna busca de uma linguagem apropriada para pensar a sexualidade humana. Sendo assim, diz a psicanalista, pensar em termos mais aceitáveis do que masculinidade/feminilidade e passividade/atividade pode ser necessário no intuito de se aproximar da mente e da experiência humana em sua interface com a sexualidade.

Stimmel, que nos parece uma leitora atenta do pensamento freudiano, afirma que a célebre frase “anatomia é destino” talvez possa ser lida de modo a compreender como a mente se constitui em relação à percepção do corpo de si e do outro, e o conseqüente desejo bissexual de completude, “for everything” (1996, p. 191)! E a mente se revela tal qual o corpo: com suas bordas, fronteiras, aberturas, protuberâncias, vazios... E, assim, afirma Stimmel, a partir de um caso clínico, podemos encontrar múltiplas versões da mente como “um órgão receptor e um órgão de penetração” (1996, p. 198) – podemos estender a reflexão da autora a respeito da mente de sua paciente à compreensão do funcionamento mental de todos nós, como faz Elise.

Dianne Elise, em seu mergulho nas origens psíquicas dessa experiência de interpenetrabilidade dos corpos e mentes com a mãe, leva o conceito de bissexualidade “até as últimas consequências”. Como veremos, ela associa a bissexualidade e as habilidades de penetrar e ser penetrado com a constituição de uma mente sexuada e com a criatividade. Essa reflexão parece nos colocar no caminho para responder a indagações a respeito do papel da bissexualidade e sua relação com a sexualidade perverso-polimorfa. Uma controvérsia se impõe e a colocamos em relevo aqui: o polêmico conceito de bissexualidade seria um redutor/organizador do perverso-polimorfo ou uma noção capaz de resguardar esse potencial polimorfo?

Considerando a abrangência do conceito e os múltiplos vértices pelos quais podemos investigá-lo, perguntamo-nos: será que as duas leituras podem ser feitas? A depender do uso do conceito de bissexualidade? Podemos encará-lo, por exemplo, mais próximo às polaridades masculino e feminino ou, ainda, à sua integração, o que revelaria uma organização e até mesmo uma certa harmonia da identidade sexual. Aqui, teríamos a presença do recalque, da sublimação, do acúmulo/integração das experiências de masculinidade e feminilidade. Nesse sentido, essa plasticidade, adquirida através da integração, não denotaria o poliformismo da sexualidade, no entanto, de algum modo, revelaria seu potencial – a marca do perverso-polimorfo.

Se retomarmos a definição de perverso-polimorfo, em suas múltiplas leituras, da norma à riqueza e variabilidade, a concepção que mais nos interessa é aquela que abriga a marca de uma sexualidade sem limites, próximas às dimensões do selvagem, do bárbaro, do polimorfo e do pulsional da sexualidade perversa. Estaríamos, assim, próximos à sexualidade infantil em estado bruto, na qual não existe reconhecimento da proibição do incesto, do recalque, nem mesmo da sublimação (ROUDINESCO, 1998, p. 585).

Nossa hipótese vai além da bissexualidade e sua faceta organizadora: acreditamos que a bissexualidade psíquica, em sua interface com a dualidade penetrante/penetrado, poderia ser encarada

como constitutiva do psiquismo e que essa díade permitiria o desdobramento em uma sexualidade ilimitada-polimorfa. Ela seria, portanto, uma metáfora do potencial do corpo e da mente em seu desdobramento para as infinitas possibilidades. Ao nosso ver, se olharmos com atenção para os caminhos percorridos por Freud, André Green, como também por Joyce McDougall e Dianne Elise, eles parecem intuir que a bissexualidade resguardaria uma dimensão polimorfa ou um potencial pansexual.

Freud, por exemplo, pontua que o ato sexual é um evento a quatro, e os estudos transgeracionais elevam quatro ao infinito das gerações anteriores. André Green, em seu retorno a Freud com o intuito de colocar o sexual “em seu devido lugar”, recorre ao conceito de bissexualidade como uma premissa fundamental para entender o potencial da sexualidade humana. Já, com McDougall, podemos compreender sua afirmação de que no inconsciente somos todos bissexuais como o desejo imperativo de ser e possuir tudo: o nosso e o outro sexo. E, por fim, Elise, ao discutir o tema da feminilidade, chega a descrever a matriz bissexual como um “potencial ilimitado de gênero” (1997, p. 489), o que poderia conviver lado a lado com um “senso de feminilidade” ou de “masculinidade”.

Em um artigo de 1996, Dona Bassin, psicanalista norte-americana, autora citada por Dianne Elise, utiliza em seu texto *“Beyond the He and the She: toward the reconciliation of masculinity and femininity in the postoeidial female mind”* uma série de vocábulos e afirmações que tentam dar contornos ao conceito de bissexualidade psíquica, distanciando-o do normativo, do binário e do rígido para aproximá-lo de um universo da multiplicidade e da diversidade.

Logo no início, já no resumo (1996, p. 157), a psicanalista acredita que o “domínio” das dimensões masculinas e femininas, a “maestria” da reconciliação entre os termos dessa dualidade, promoveria uma “expansão” de nossos limites. Ela se refere especialmente à identidade e à sexualidade femininas, mas expande essas reflexões para todos nós (p. 181).

Adiante, Bassin enfatiza que o conceito de bissexualidade psíquica está a serviço de “mitigar” a rígida polarização de identidade de gênero (p.158), ou seja, a reconciliação entre masculinidade e feminilidade poderia “transcender” “posições sexuais normativas”, “rígidas” e de “conformidade de gênero” – mantenho entre aspas palavras utilizadas pela autora. E, a partir de seu arcabouço teórico, a autora por fim afirma: “A ideia da bissexualidade certamente ameniza a ansiedade de castração de ambos os lados e proporciona, como sugere Blos (1979, 1985), a ideia de possibilidades ilimitadas” (1996, p. 159).

Ainda assim, a autora reconhece que “as limitações de nossa linguagem forçam a categorizações que nivelam as complexidades das experiências não lineares” (p. 173), seria assim com os termos “masculinidade” e “feminilidade” e sua “indevida” associação com atividade e passividade. Essas noções, no entanto, quando revisitadas, parecem iluminar não apenas a identidade de gênero, mas aquilo que a autora chama de “saúde psíquica”, de “integridade ego-corpo” – estamos aqui no terreno da constituição psíquica e da essência do funcionamento mental.

Bassin não chega a trabalhar diretamente com o conceito de bissexualidade e a interpenetrabilidade dos corpos como metáfora da mente, mas se aproxima disso em diversos momentos ao afirmar, por exemplo, que as experiências corporais tais como “agarrar”, “receber”, “penetrar” e “inserir” (p. 158) desenvolveriam metáforas psíquicas que não propriamente pertencem a um gênero específico.

Por fim, a autora conclui: “o domínio e o uso simbólico das identificações cruzadas entre os sexos contribuem para a habilidade de *“play”*/tocar/brincar além das estruturas normativas de gênero, como a capacidade do músico de improvisar após dominar a técnica musical básica”. E acrescenta: “o dançarino deve respeitar a gravidade e o espaço, mas não está amarrado a eles” (p. 187). Aproveitando-nos da metáfora da autora, retomamos nossa pergunta norteadora deste trabalho: seria a feminilidade e a masculinidade unidades básicas de um potencial perverso-polimorfo? Uma dualidade que nos permitiria compor, dançar, improvisar de maneira livre?

Ilimitado. Expansão. Transcendência. *Mea-culpa*, é importante admitir que, quando decidimos nos debruçar sobre o conceito de bissexualidade psíquica, mal sabíamos de sua história controversa (PERELBERG, 2018) e das múltiplas camadas e leituras que o texto freudiano nos permite. Deparamo-nos até mesmo com autores que defendem sua extinção⁴⁴, uma vez que a noção de bissexualidade psíquica poderia não ser uma aliada das reflexões da diversidade de gênero, mas um conceito reforçador da binariedade, além de fazer parte de uma psicanálise “clássica”, construída em uma Viena patriarcal. A bissexualidade, se vislumbrada a partir de uma ótica que não permite o desdobramento do conceito ou o esgotamento dele e de todo seu potencial, não transcende a binariedade – seria, por assim dizer, um termo politicamente incorreto (ELISE, 2000, p. 63).

No entanto, Elise (2000) adverte que não só a diferença sexual é uma das maiores e mais poderosas descobertas infantis, como, também, as conotações de feminilidade e masculinidade ainda fazem sentido e ressoam na constituição de nossas identidades. Entendemos, desse modo, que a autora considera apressado jogar fora essas categorias, a exemplo disso ela afirma de maneira irônica: “Da última vez que olhei, o mundo estava *dividido* em masculino e feminino. Nossa tarefa como analistas é estar ciente do que as pessoas fazem consciente e inconscientemente com esse fato da vida” (p. 63).

Elise não se julga presa à teoria psicanalítica tradicional ou defensora de uma psicanálise que não rende mais bons frutos. Pelo contrário: a tensão entre as teorias da diversidade de gênero e a psicanálise clássica é motivadora ao seu trabalho – e, nesse ponto, enfatizamos que é um caminho necessário e que devemos nos encorajar a percorrer, pois essa tensão, entre o novo e o velho ou, talvez, os alicerces daquilo que desabrocha com frescor, é rica à expansão da psicanálise.

Nesse sentido, nossa proposta é ler as entrelinhas do texto freudiano, captando sua intuição, e expandindo-a de modo a aproveitar com prazer e bem “o caldo da fruta”. O prefixo “bi” poderia, assim, ser lido de maneira mais polissêmica para além da binariedade, relacionado, por exemplo, à ideia do encontro entre mentes, isto é, a bidirecionalidade, ou, ainda, à ideia de alteridade, ou seja, a

44 Faço referência ao instigante texto de Dianne Elise intitulado “Bye-bye’ to bisexuality? Response to Lynner Layton” (2000).

existência de dois sexos, o meu sexo e o outro sexo (ELISE, 2000, p. 64) e, por fim, ele poderia apontar para uma dualidade que leva a composições infinitas para o desenho de nossa identidade de gênero.

Dessa forma, a noção de bissexualidade poderia revelar mais uma importante díade à psicanálise ao lado de amor-ódio, pulsão de vida-pulsão de morte: a relação entre penetrar e ser penetrado. Lado a lado com a dimensão alteritária eu-outro, implicada no conceito de bissexualidade, estariam as capacidades de penetrar e ser penetrado, atreladas à libido que permeia mente e corpo do indivíduo e que se consagra no encontro, no *entre*.

A autora vê na noção de bissexualidade a possibilidade do enlace com a criatividade e com o erotismo materno e analítico. Para ela, afeto e interpenetração se conectam, resultando no que ela chama de erotismo analítico. Ela encarna o erotismo nas relações objetais, mas não só: o maior objetivo de sua obra é o resgate da dimensão erótica do campo analítico, que tem suas raízes em uma matriz erótica materna, descrita em palavras ternas e sensuais que nos devolvem aos braços da mãe:

Cada um de nós começa com nossa mãe. O fato de existirmos é porque ela é uma criatura sexual. A sexualidade dela não para com a concepção. Ela continua concebendo (de) nós em sua imaginação (erótica): ela espera por nós, como um amante, ansiosamente antecipando nossa chegada. Aqui estamos nós: magníficos! Se as coisas forem bem, ela nos adora, nos ama, nos consome eroticamente, nos consome. Começamos envolvidos em uma relação erótica *à deux*. Em seus braços, chupando seus seios, somos seu amante e ela é nossa – erotismo materno. Somos só nós dois (acreditamos). Ignorância é uma verdadeira felicidade. (2019, p.4-5)

Suas principais ideias estão reunidas em seu recente livro “As dimensões da criatividade e do erotismo no campo analítico” (2019), comentado por Thomas Ogden e Giuseppe Civitarese em sua abertura. Nesse livro, ela assinala um importante movimento contemporâneo de trazer o novo para a psicanálise e para o campo analítico: ironicamente o novo abarca o paradoxo da relação entre tradição e inovação, a novidade é Freud e sua teoria da libido – enfim, Eros!

Pode-se dizer que estou adicionando um elemento freudiano à teoria do campo analítico em minha atenção aos aspectos libidinosos da vida psíquica incorporada. Como venho identificando, reconhecer que a psicanálise tem uma natureza erótica – que o paciente e o analista estão libidinosamente engajados – pode ser preocupante. A paixão pode desestabilizar o senso de si mesmo – tanto em um analista quanto em um paciente – no entanto, esperamos uma abertura para a vida, rica de experiências e significados. A energia erótica é fonte de criatividade. Criatividade é excitante. Podemos brincar com a sexualidade; podemos nos engajar nos jogos eróticos? (2019, p. 11)

No próximo item, nosso objetivo é a explanação de suas principais ideias – a matriz erótica materna, a criatividade e o erotismo, sua crítica ao complexo de Édipo freudiano e o medo masculino da penetração. Mantemos, no entanto, a ênfase no coração do trabalho: a noção de bissexualidade.

6.1. O erotismo materno: a interpenetração afetiva

"Uma coisa é clara: a desejamos, e das formas mais eróticas: corpo e alma. Nossa luxúria é total, abrangente. Ela precisa ser nossa. Posse é essencial. Mas ela é tímida, nem sempre disponível, fazendo-nos esperar, jogando, "difícil de conseguir". Onde é que ela vai? (Ainda não sabemos nos perguntar – muito doloroso – "Com quem (mais) ela está?") Cada um de nós é um amante ingênuo com a possibilidade de infidelidade. Ela é certamente nossa..."
(DIANNE ELISE, 2019, p. 5)

Seio, mamilo, leite que jorra, lábios que sugam, boca que morde, nariz que cheira, dedos na superfície e nos orifícios, colo que acolhe, olhos que penetram, mente que perfura – uma mãe e seu rebento, a imagem visceral do encontro entre os corpos e as mentes, de onde a vida se origina e se expande. Essa cena, desenvolvida por Dianne Elise (1998) na tentativa de apreender a relação de nutrição da alma, da psique, dos corpos, constitui-se como uma metáfora que a autora cria para conviver lado a lado com as metáforas da cena primária e dos pais combinados: a de *"nursing couple"*.

Para ela, essa metáfora, que encontra suas raízes em Winnicott, consagra o lugar das identificações bissexuais no sentido de que ela circunscreve as primeiras relações entre penetrante e penetrado. Temos aqui uma dimensão de corpo e de psiquismo que ultrapassa a dicotomia atividade/passividade e sua articulação com masculino/feminino, pois, nessa perspectiva, a psicanalista articula a dimensão de corpo e mente fixos, fechados, herméticos *versus* as noções de corpo penetrável e de fronteiras psíquicas permeáveis.

A ideia de bissexualidade nos levaria, assim, direto à essência humana, isto é, ao movimento humano de interpenetração: uma mente que penetra, uma mente que é penetrada, sempre bidirecional, relativo ao encontro das mentes. Para a autora, a ideia de *"nursing couple"* consagra esse movimento, pois é na relação íntima de nutrição que estariam as raízes das habilidades de penetrar e de ser penetrado – necessárias a uma plasticidade da mente e das relações:

Antes da cena primitiva e dos pais combinados há uma mais primitiva – o "casal de amamentação", Winnicott "combina" mãe-bebê. A mãe penetra o bebê com seu mamilo e com seu fluxo de líquido leitoso. Além disso, o handling da mãe (mulher) domina e penetra o corpo de seu bebê. Suas mãos e dedos estão ao redor e em todos os orifícios do bebê: o bebê entrega seu corpo à mãe. A mãe deita o bebê de costas e faz "tudo" com o corpo do bebê, inclusive, com as pernas do

bebê levantadas e separadas, abrindo e expondo a área genital. Estas são as primeiras formas de penetração e excitação receptiva. (DIANNE ELISE, 1998, p. 362)⁴⁵

O bebê, nos adverte Elise, também alimenta o desejo de penetrar o corpo da mãe, aqui estaria a base da curiosidade e da criatividade que trataremos mais adiante pela perspectiva da psicanalista. Para ilustrar tal fenômeno, a autora faz uso de uma linda citação de Winnicott que descreve uma mãe que amamenta e um bebê que coloca os dedos em sua boca: o corpo da mãe é experienciado como penetrante, mas também é vulnerável à penetração de seu bebê.

A criativa relação com o seio contém elementos básicos da bissexualidade, pois, a partir do seio, que é fonte infinita de vida, podemos usufruir de ambas as posições: a de penetrador e a de penetrado. Segundo a autora, o bebê, recipiente da penetração materna, a partir da identificação com a mãe, passa a adquirir a capacidade de penetrar. O céu é o limite! “Todos temos bocas e dedos” (1998, p. 361), bocas em forma de vagina no menino e na menina, o clitóris como um pequeno mamilo na menina, pênis em forma de mamilo no menino – desenham-se cenários eróticos, todos oriundos da primitiva relação com o seio que se constitui como o protótipo do movimento da mente, do corpo e de toda e qualquer relação sexual, enfim da bissexualidade.

A relação com o seio funcionará, de acordo com Elise, como uma ponte para a elaboração e a compreensão da cena primitiva, isto é, da interação sexual dos pais. É por intermédio da experiência da amamentação que a mente do bebê se transporta para a cena primitiva e para os pais combinados, ideia fundamental da teoria kleiniana. Por conseguinte, a imagem dos pais acasalados sustenta a fantasia grandiosa de ter e possuir os dois sexos, o que leva à capacidade de manter duas ideias contrastantes, contraditórias e paradoxais simultaneamente, e que possibilitaria, por fim, a potência criativa.⁴⁶

Para a analista, o erotismo (sobretudo, no campo analítico) – que repousa na noção de bissexualidade vivenciada com a sensualidade materna – e a criatividade mantém uma relação indissociável, é o que ela defende no capítulo 3, “Criatividade bloqueada e transferência erótica inibida” (2019, p. 75). É a presença de Eros que nos faz gozar e gozar da vida, procriar e criar, vincular e amar. Muitas vezes, essa intensidade erótica é banida dos nossos consultórios, os escudos? Teorias rígidas e uma defesa da neutralidade revelam o medo da intimidade e do erotismo. Resistente aos anseios eróticos de nossos pacientes, muito se fala da transferência erótica como uma resistência ao tratamento, no entanto pouco se fala da resistência à transferência erótica, ao desejo erótico e ao amor romântico pelo analista; pois sim, somos de carne e osso. De acordo com Elise, a resistência à transferência erótica tem paralelos com a inibição da criatividade.

Segundo a autora, a psicanálise contemporânea explora cada vez mais o uso da contra-transferência na clínica como recursos intuitivos, mas pouco se diz da ansiedade em relação aos

45 Tradução nossa.

46 As ideias de Dianne Elise sobre a criatividade dialogam com a teoria desenvolvida por Joyce McDougall a respeito da relação entre bissexualidade psíquica e criatividade.

desejos eróticos do analista. Honesta e divertidamente, Elise nos conta da experiência vivida com uma paciente lésbica, que suscitou desejos ardentes na analista. “Você parece uma garota da ilha grega” (2019, p. 78), diz a paciente. Elise sentiu-se convidada a ser “garota”, vulnerável e passiva, além de intuir um convite para viajar para as ilhas gregas com a paciente. Esse chamado sensual foi ainda além, penetrou os desejos da analista: “me perguntei com espanto como ela poderia ‘saber’ tanto sobre mim nesse nível romântico: eu adoro ilhas e queria ir pra Grécia desde a adolescência” (p. 79), ela nos conta que sonhou e planejou por duas vezes uma viagem à Grécia com seus parceiros amorosos, mas isso nunca se realizou:

Esse sentimento intoxicante de ser “conhecido” permeia as interações e a experiência subjetiva de novos amantes; agora esse sentimento estava permeando o campo analítico com “sinais do campo” (Baranger e Baranger, 2008; Ferro e Civitarese, 2015), disparando fogos de artifício. (2019, p. 79)

Essa paciente se perguntava se mulheres mais velhas – representantes da mãe de acordo com Elise – iriam para cama com ela, e tinha certeza de que, no caso da analista, ela preferiria um homem entrando na sala. Com seus desejos edípicos rejeitados de maneira humilhante, a paciente não se sentia atraente e potente sexualmente. Mas... Certa noite, Elise lembra “de sobranceiras levantadas”: sonhara que ela e sua paciente estavam noivas, a paciente está deitada em cima da analista e elas chegavam ao orgasmo juntas! Elise pensou, imediatamente, em André Green que, ao nosso ver, veio socorrê-la – vislumbramos nesse ponto que a autora não está apenas às voltas com seus desejos eróticos pela paciente, mas também pela própria psicanálise que, intermediando essa intensa relação, vem salvaguardá-la: “Pensei que André Green (1996) havia exortado os psicanalistas a trazer a sexualidade de volta à psicanálise; bem, aqui estava, embora eu não tenho certeza na forma que Green tinha em mente.” (2019, p. 82).

A paciente, escritora como Benedicte, colocava-se sempre em posição de dependência de maneira pejorativa em relação à analista: sempre em desvantagem, inibida e até mesmo incapaz, “eu não estou em posição de... aplicar para esse trabalho/escrever essa peça/entrar em contato com essa pessoa” (p. 82). No entanto, no sonho ela estava em uma posição tida como ativa, por cima! Revelando que, na análise, nesse encontro, nesse casamento analítico, ela poderia viver seus desejos eróticos de maneira mais ativa, libertando seu potencial criativo.

O próprio divã, nos diz Elise, favorece essa dimensão erótica. Parece que a falta de consciência dessa transferência erótica poderia estar sendo fomentada por um fenômeno iatrogênico do campo e não por mera falta de imaginação da dupla. Imaginar, processo esse indissociável da criação, mas, afinal, o que amor erótico e criação têm em comum? De acordo com a psicanalista, são três as principais características que permeiam essa relação: 1) o senso de transgressão – no que diz respeito ao erótico, todo ato sexual não deixa de ser transgressor, uma vez que realizamos parcialmente nossos desejos edípicos, e a arte, por sua vez, é também uma combinação transgressora, duas coisas que não combinam juntas, às vezes proibidas, provocando desconforto e até raiva – “Criatividade exige coragem” (p. 89); 2) um estado afetivo altamente carregado, como o do orgasmo ou poderíamos sim-

plesmente dizer: como o da paixão; e, por fim, 3) uma experiência de exposição de um sentido central do *self*, delicado e vulnerável, o que Winnicott denominou como verdadeiro-self.

Uma partilha sexual adulta sempre nos leva à cena primária e aos nossos desejos edípicos, estamos simbolicamente possuindo nossos pais, sendo nossos pais – enfim, somos bissexuais: na carne e na fantasia! “É preciso ser capaz de se imaginar criativamente como participante da cena primitiva (Bion, 1959; Meltzer, 1973; Britton, 1989; Feldman, 1989), capaz de ser sexual e (pro)criar com cada um dos pais (Aron, 1995).” (2019, p. 87). Ou, como nos diz Elise, precisamos imaginativamente participar do “incestuoso Eros” (p. 88).

Se nos sentimos excluídos da cena primária, impedidos de nos imaginar nela, ficamos em uma posição passiva, um olhar passivo para a criação dos outros e nos sentimos incapazes de criar. É necessária a riqueza das identificações bissexuais para criar: receber o prazer, estimulá-lo, excitar, ser excitado – penetrar e ser penetrado:

É preciso ser capaz de se colocar na imagem, não apenas como o que é criado (um bebê), mas como um dos criadores – capaz de fazer sexo em vez de ser resultado dele, criando (verbo/ativo/sujeito) em vez de ser a criação (substantivo/passivo/objeto). Considero essa relação mental como uma imagem inconsciente e interna de qualquer união sexual onde duas pessoas se misturam em gratificação recíproca. O uso de Bion (1959) da conexão mamilo/boca como protótipo da relação sexual (ver Elise, 1998) ilustrou que esse conceito não precisa se limitar à sexualidade pênis-na-vagina. Conforme elaborado no próximo capítulo, o conceito de bissexualidade psíquica pode ser utilizado para descrever uma dialética sobre o penetrante e o penetrado na vida psíquica. Eu considero que as capacidades psíquicas penetrantes e penetradas como essenciais para a liberdade criativa. (2019, p. 88)

Lembrando que, em sua concepção, a mãe é a primeira penetradora, e o intercuro erótico com o bebê propiciará o modelo que permite as identificações bissexuais. Nessa perspectiva, Elise faz não só uma releitura da criatividade, mas da ideia de inveja do pênis. A inveja do pênis seria, assim, fruto da capacidade do pai de penetrar livremente o corpo da mãe, projeta-se no pai, na verdade, uma capacidade materna: a de penetração. E mais: o pai penetra e sai ileso, sem ser engolfado por uma mãe onipotente. Para defender-se dessa mãe onipotente, idealiza-se o falo, símbolo do pênis, quando na verdade, por trás do pênis, há o seio. Na tentativa de defender-se da potência materna, desenvolve-se uma cisão de gênero: a habilidade de penetrar passa a ser vista como inerentemente masculina – o que explicaria a origem de categorias binárias, fonte de rigidez, preconceitos, sofrimentos, sobretudo no que diz respeito aos homens, pois surge uma imagem quase indestrutível de um pai que não pode ser “fodido” (1998, p. 363), afinal o pai do patriarcado não pode ser passivo, invadido, penetrado.

Aqui, estariam as origens do medo de sucumbir à feminilidade e a perda, consequente, da masculinidade, até mesmo do embotamento emocional talvez mais presente nos homens que seriam, supostamente, “menos sensíveis” pelas lentes do senso comum, enfim menos penetráveis! O homem

que não suporta ser penetrado se distancia das reminiscências de sua vida infantil, de sua situação de passividade diante da figura materna. Elise afirma que a bissexualidade seria mais fácil de ser integrada nas mulheres, uma vez que a capacidade de penetração seria uma operação de “adição” e não de “subtração” (p. 365).

Isso porque a capacidade de penetração das mulheres tem como base a identificação com a mãe fálica, sendo, assim, um “*plus*” às suas habilidades, além da conhecida capacidade de ser penetrada atrelada à sua anatomia; enquanto. Para os homens, por sua vez, “essa hipérbole defensiva” (p. 365) e naturalizada culturalmente de que ele é o violador, o penetrador, impede-o de deixar suas fronteiras mais permeáveis à penetração; talvez, aqui, a ideia de penetração se assemelhe à castração. Sendo assim, a relação rígida entre essa dualidade e a anatomia suscita uma série de dificuldades, sobretudo aos homens, no que diz respeito à integração da bissexualidade e, por conseguinte, ao alcance de uma liberdade de usufruir dessas habilidades na vida, na mente, na cama.

A autora afirma, ainda, que a ideia de um “senso de feminilidade”, termo que ela prefere à “feminilidade primária” (1997), e de “senso de masculinidade” não elimina a matriz bissexual⁴⁷ que representaria o elemento perverso e polimorfo em todos nós, a marca do ilimitado. Dessa forma, Elise aponta para as múltiplas combinações que podem conviver no universo intrapsíquico e para o fato de que elas podem não estar relacionadas ao sexo anatômico dos parceiros ou até mesmo à identidade de gênero nuclear de cada um.

O curioso, afirma a psicanalista, é que, apesar do reconhecimento da identidade de gênero nuclear de si e do outro ser um importante teste de realidade, não é necessário que haja conformidade entre gênero e anatomia, o que revela os truques da mente e a riqueza das múltiplas possibilidades de identificações e de arranjos sexuais. A mente não gosta de restrições, nos adverte Elise, e, por isso, alimenta fantasias de completude bissexual de si e dos outros. Nesse sentido, a autora considera que o conceito de bissexualidade é poderoso, sobretudo em relação à sua capacidade de iluminar a variedade infinita e criativa implicada em nossos desejos: “pode-se dizer que a criatividade é a relação estimulante do penetrante com o penetrado e que não se deve ser questionado quem faz o que a quem” (1998, p. 369) – tal qual a imagem winnicottiana do bebê que coloca os dedos na boca da mãe ao ser amamentado.

Considerando que o movimento de interpenetração é do humano e que o conceito de bissexualidade envolve esse movimento, Elise recorre ao seu conceito de “*nursing couple*” não só para demonstrar as origens primárias da bissexualidade psíquica, mas para resgatar as relações objetais primitivas e sua interface com a sexualidade. De acordo com a autora, esse resgate é essencial, uma vez que o Édipo ficou como a fase que resguarda a “verdadeira/genital sexualidade” (1998, p. 364). Valendo-se dos estudos de Otto F. Kernberg sobre as perversões, ela afirma que as relações objetais primitivas não são nem mais profundas do que a sexualidade nem desprovidas de sexualidade, pelo contrário, “os primórdios da sexualidade repousam aqui” (1998, p. 367), isto é, nas relações primitivas/objetais.

47 A noção de uma matriz bissexual presente em todos nós conversa intimamente com as ideias de Joyce McDougall de que, no inconsciente, somos todos bissexuais, imortais e onipotentes.

Nessa etapa de seu texto, a psicanalista responde à crítica de André Green, amplamente discutida no capítulo 3. Para a pesquisadora, a teoria de Green se oporia à relação entre sexualidade e a dupla mãe e bebê unidos pelos cuidados primitivos, pois retiraria, diminuiria, suavizaria e, por fim, colocaria em segundo plano a importância dada ao pai na psicanálise, importância esta frisada por Freud. O tom de Green, em seu retorno a Freud, é, segundo a autora, o de “um pai ciumento” (p. 367), excluído da dinâmica erótica vivenciada pela mãe e seu bebê: “Green busca reestabelecer a posição (sexual) do pai na cama e na teoria psicanalítica” (1998, p. 268). As críticas, aqui, parecem repousar na concepção da primazia do Édipo em Green desde os primórdios em contraponto à relação paradisíaca mãe e bebê.

Elise, assim como Green, concorda que a sexualidade deve recuperar seu papel preponderante na psicanálise, mas acredita que o autor faz isso frisando a relação heterossexual e a propriedade fálica da penetração. A autora tece uma poderosa crítica ao complexo de Édipo, pois ela acredita que a trama edípica, ancorada em uma bissexualidade, transforma-se em uma heterossexualidade masculina dominante: a mulher sempre como receptora e o pai, pronto para penetrar o outro (1998, p. 364).

Essa crítica é mais bem explanada no capítulo “Recuperando amores perdidos. Transcendendo desejos não correspondidos” (2019, p. 145), no qual a autora mostra seus esforços em reabilitar o conceito do complexo de Édipo, tentando afastá-lo de uma série de preconceitos, sobretudo de uma formulação heteronormativa. Ela acredita que o complexo de Édipo, ancorado na bissexualidade, resguarda uma riqueza e uma variabilidade dos desejos, mas que foi reduzido a uma “representação do desenvolvimento heterossexual baseado em uma presumida psicologia do menino” (p. 146). A corrente homossexual seria, assim, “negativa”, “relegada a um segundo plano, um obscuro inverso, uma fase passiva na direção de uma ‘saúde’ normativa” (p.146).

Elise acredita que uma das tarefas da análise é libertar o paciente da vergonha e da angústia dos desejos eróticos vivenciados em relação a ambos os pais, pois esses sentimentos são vividos em análise como profundas feridas de rejeição. Além disso, a inibição desses desejos, que não encontram limites apenas geracionais, mas também em relação à vivência da excitabilidade pelo mesmo sexo, leva a consequências “fatais” para os nossos desejos eróticos e nossa vida criativa.

Nosso potencial “bi/pansexual” (2019, p. 148) seria canalizado em uma sexualidade singular, muitas vezes vividas como inerente, natural e inquestionável. No entanto, a trama edípica não é linear, nossa primeira orientação sexual é “matrissexual”, direcionada à nossa mãe, a “patrisexuality” vai se desenhando, em camadas, sobre essa fundação maternal. Essa leitura do complexo de Édipo pode parecer inovadora, mas mantém suas raízes na ênfase de Freud à centralidade da bissexualidade para a compreensão dos fenômenos da sexualidade.

Bem-humorada, a psicanalista afirma que, em nossos formulários de “consentimento para o tratamento”, deveria constar um aviso: “a análise pode resultar em orientações sexuais inesperadas” (p. 148). Isso porque a bissexualidade não é apenas o alicerce/*bedrock* do complexo de Édipo, mas um choque/shock! Para as pessoas que viveram uma certa conformidade entre seus desejos sexuais e experiências sexuais ao longo da vida, a bissexualidade, inerente a todos os humanos, pode ser desorganizadora, profundamente perturbadora.

A tarefa de todos nós, diante dos obstáculos edípicos, é reconhecer os limites geracionais sem abrir mão de um “self desejante” (p. 149). Apesar dos sucessivos lutos e perdas, nossa herança edípica é o poder de *Éros* – a ligação, o vínculo, a paixão e até mesmo a transgressão, pois sexo e criação sempre são transgressores, já que se realizam de certa forma os desejos incestuosos.

Em um dos casos clínico explorados no capítulo 5 de seu livro, “Bissexualidade psíquica e criatividade, repertórios de gênero” (2019, p. 105), Elise ilumina sua afirmação apresentando um fragmento clínico: uma mulher bissexual que se enriqueceu de suas experiências com ambos os sexos, encontrando na experiência homossexual maiores condições de usar criativamente suas capacidades bissexuais.

A psicanalista, a partir de sua experiência clínica, nos mostra não só que, através de lentes não patologizantes, a homossexualidade pode muito nos ensinar sobre nossa condição bissexual, como também que há possibilidades de variações no sentido do self quando o gênero do parceiro muda: “o corpo sexuado e a mente sexuada do amante podem reforçar a experiência restrita de gênero ou podem promover um ‘repertório’ de gênero rico e variado” (1998, p. 368).

A autora prossegue com uma de suas importantes hipóteses a respeito dos obstáculos à constituição psíquica dos homens que será mais bem aprofundada no capítulo 5 de seu livro, “Medos masculinos de penetração psíquica” (2019, p. 125). Sua paciente diz, por exemplo, que é possível desnudar um homem fisicamente, mas que sente que isso é mais difícil com suas mentes. Uma metáfora utilizada por sua analisanda parece explicitar esse fechamento hermético dos homens à penetração:

É como se alguém te cumprimentasse na varanda com a porta fechada atrás dele. Eles saem, rapidamente visíveis. Você vê e fala com eles, mas você não vai para onde eles vivem; eles mantêm o controle do que você vê e faz isso saindo para conhecê-la – isso são homens! É muito diferente de bater em uma porta que a pessoa abre de pé, dentro, talvez um pouco timidamente, para deixá-lo entrar – isso são mulheres! (2019, p. 110)

Os homens, assim como as mulheres, têm a experiência primordial com suas mães como penetradoras de seus corpos e mentes, mas eles tendem a se distanciar dessa experiência, perdem o acesso à sua receptividade, à sua abertura, de modo que a penetração de seus corpos e mentes seria incompatível com seu senso de masculinidade. A isso, Elise nomeia como “complexo de cidadela” (2001, 2019), traçando um paralelo com o que Freud chamou de “complexo de masculinidade” nas mulheres.

“Cidadela” diz respeito às fortalezas que dominam e protegem uma cidade, necessárias, sobretudo, em caso de lutas armadas. A penetrabilidade de seus corpos e almas pode ser vivida como ameaça à uma identidade heterossexual e ao próprio senso de integridade egóica como ser separado, diferenciado, seguro em suas identificações rígidas. O caso de Ben, ilustrado por Elise, filho de pais depressivos e que não puderam sustentar a eroticidade dos vínculos, e que insiste que a análise é apenas um vínculo burocrático, “isso é uma relação profissional e ela não se preocupa realmente comigo” (2019, p. 127), transportou-me diretamente para um dos meus primeiros pacientes.

Ele me dizia, insistentemente, no início de sua análise, “eu pago e você me ouve, é uma relação profissional, como uma puta”. Eu, reduzida a uma analista “da vida”, tateava os muros de uma relação que viria a se tornar, talvez, a mais íntima e afetuosa que já vivi na clínica. Fomos envolvidos em uma transferência de maré revolta – é nesses termos que a transferência erótica é sensual e intensamente descrita por Elise como risco de afogamento e, portanto, de morte:

Os analistas geralmente entendem que a única maneira de passar pela transferência erótica é mergulhar nela. No entanto, como uma maré, é preciso “relaxar” (enquanto temo pela vida!), deixar a maré te levar, antes de então poder nadar de lado e eventualmente voltar para a costa (esperançosamente). Analistas, assim como os pacientes, podem decidir permanecer “em terra”. (2019, p. 152)

Tempos depois de se dizer apaixonado, me chamar de “fértil como uma coelha” por engravidar, esse paciente revelou a potência desses mares revoltos, enamorou-se por uma oriental, viveu uma linda história de amor, mas também se decepcionou profundamente. Manteve-se, no entanto, firme em sua esperança de futuros encontros amorosos para além de sua mãe que o sufocava eroticamente em seus seios – “minha mãe, na rua, olhava para os lados e, quando ninguém nos olhava, ela dava o aval: eu afundava a cabeça em seus seios” – e de mim, sua analista, que nadou, não sem medo, pelo mar revolto: “minha futura esposa tem que ser uma mistura sua, de minha mãe e de minha primeira namorada”.

Perder-se no erotismo materno, reproduzido intensamente no campo analítico – essa é a ameaça vivenciada pelos homens. Eles, por vezes, sentem com suas analistas o risco de serem penetrados, invadidos e, talvez, por isso, busquem penetrá-las concretamente de antemão, afastando-se da intimidade erótica analítica que demanda a interpenetrabilidade de mentes. Nosso papel, como analistas, é reacender os alicerces bissexuais vividos com a mãe e, para isso, é importante nos permitir ir além da burocracia, da relação prostituída daquela que é penetrada fisicamente, mas não se deixa penetrar em sua alma. Muitas vezes, a mente/alma se mantém cindida na experiência sexual das prostitutas, e, do mesmo modo, elas não parecem ter acesso à mente de seus clientes.

Esse risco, o de sucumbir ao erotismo materno, cuja defesa é o recurso à penetrabilidade, seria, segundo Elise, uma destruição da linguagem maternal, um movimento perverso, em que Eros é transformado em Thanatos, a libido vital torna-se morte (2019, p. 128)⁴⁸. A missão seria ajudar o paciente a revisitar a vulnerabilidade, a receptividade, a permeabilidade psíquica que “repousa no potencial criativo das identificações bissexuais que permitem fluidez e multiplicidade em um senso seguro de *self*” (2019, p. 129-130). Nesse sentido, as cidadelas se fariam desnecessárias, permitindo rever a noção de masculinidade associadas ao erigir de defesas contra a penetrabilidade:

48 Nesse ponto, percebemos, nas entrelinhas das ideias de Dianne Elise, concepções freudianas tais como a ternura que é vista por Freud, em “Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa” (1912), como a corrente mais antiga, ligada aos cuidados parentais e associada a desejos sexuais. Em “Psicologia do grupo e análise do ego” (1921), Freud mostra como a ternura se originaria de aspirações sexuais incestuosas que serão recalçadas a posteriori. Talvez, no que diz respeito ao “complexo de cidadela”, parte da experiência seria uma vivência sexual dissociada da ternura?

Eu considero uma estrutura da masculinidade nos termos de “cidadela” como uma dependência de ser o único a penetrar e evitar a todo custo a experiência de ser penetrado. Tal definição de masculinidade requer, assim como obscurece, o sacrifício emocional e a dor psicológica de uma dura separação da mãe, dos sentimentos e das conexões íntimas com os outros. Os meninos são frequentemente encorajados a “jogar através da dor” – para serem ativos e orientados diante de experiências dolorosas que são pressionados a manter submersos. Real (1997) referia-se a essa definição de masculinidade – resistindo à dor física e emocional – como uma forma de “amputação emocional” (p. 133). A masculinidade é definida no negativo, como aquilo que não é feminino. (ELISE, 2019, p. 134)

A constituição da masculinidade, em uma sociedade machista e patriarcal, estaria assim intimamente relacionada à desaprovação e não a uma conquista, ser homem é não ser feminino. Isso tem consequências drásticas à constituição da masculinidade como rígida, pouco criativa, pouco fluida e ao encontro amoroso e sexual. Em relação a este último, a autora chega, por exemplo, a relacionar a frieza feminina à dificuldade de alguns homens de se abrirem às suas mulheres. Elise nos lembra que extinguímos as lágrimas da experiência masculina, o que revela a tentativa de fechamento de suas mentes (2019, p. 139).

De alguma maneira, esse movimento não estaria também na literatura psicanalítica? Isso é vislumbrado em perspectivas clássicas da psicanálise, como, por exemplo, a descrição do homem que supostamente seria receptivo à penetração como um homossexual latente ou abertamente homossexual, ao passo que uma mulher “penetrante” seria acusada de alimentar inveja do pênis ou com complexo de masculinidade (1998, p. 359). Enquanto a passividade é confundida com feminilidade e homossexualidade, a masculinidade seria construída sem a possibilidade de integração de aspectos femininos e correntes homossexuais.

Homens sentem a penetração como um balão invadido, prestes a explodir. Mas o fenômeno que Elise ilumina é de outra ordem, uma “afetiva interpenetração”, ancorada no erotismo materno ou no que ela denominou como “nursing couple”, no qual estariam as raízes do “erotismo analítico” (2019, p. 140). Essa dimensão, de uma afetiva interpenetração, é diferente da sensação de um balão perfurado e esburacado que irá estourar e se desintegrar (p. 141), quando estamos nessa dimensão, trata-se de uma resposta à patologia da mãe.

Mantendo-se fiel às suas origens winnicottianas, a autora se distancia de Laplanche e sua sedução inerentemente traumática. Em alguns momentos, podemos achar que Elise tem suas raízes na teoria laplancheana da sedução generalizada, mas não. Ela bebe de Kristeva e de sua teoria do erotismo materno, aliando essa dimensão às noções winnicottianas de *holding* e às bionianas de contenção materna, isto é, aos seus conceitos de *reverie* e de continente-contido. Para a autora, o erotismo materno é o melhor dos mundos: “a interpenetração afetiva – o que eu coloco em termos de erotismo analítico – idealmente não só estaria livre de ansiedade indevida, mas seria imbuído de excitação incorporada, uma ‘faísca’ erótica de contato emocional genuíno” (2010, p. 140).

Em 1905, Freud chocou a sociedade puritana com a ideia de que o bebê, satisfeito de sua mamada, teria sensações e feições semelhantes a um orgasmo. No entanto, ao chamar a mãe de “primeira sedutora”, Freud não estendeu essa sedução ao analista, tornando-o uma figura paternal, anti-libidinal, neutro, abstinente e distante. Serão Winnicott, Bion e os pós-winnicottianos e pós-bionianos que colocarão a mãe no centro da experiência analítica: “o uso de uma metáfora materna de Winnicott e Bion proporcionou aos analistas uma conceituação muito diferente de nossa abordagem técnica, mas com a libido drenada em vez de sujeita a restrições” (2019, p. 4).

Parece, assim, que Elise faz uma revisão minuciosa e rigorosa de noções paradigmáticas da psicanálise e todas elas gravitam em torno da noção da bissexualidade psíquica, como um cerne fundamental de grande parte de sua teoria. A masculinidade, como vimos, é descrita por Elise para além da capacidade fálica da penetração, a feminilidade é destituída de uma passividade, assim como a inveja do pênis, por sua vez, também transcende uma falta humilhante e ressentida. E, por fim, o Édipo ganha um resgate de sua “complexidade”.

As reflexões de Elise nos levam a pensar o conceito de bissexualidade atrelado à ideia de uma sexualidade ampliada, desse modo as identificações bissexuais parecem dizer respeito a elementos de uma sexualidade polimorfa presentes em todos nós que transcendem a noção engessada de masculino e feminino e que exigem que essas categorias sejam revistas, ressignificadas para além do binarismo, libertando-se da anatomia, da convenção, da dicotomia para ganhar asas: rumo ao ilimitado.

Além disso, a dualidade envolvida na interpenetrabilidade de corpos e mentes, herança do contato genuíno, amoroso e apaixonado com a mãe, resguarda não só as identificações bissexuais de gênero, mas nos lembra que o psiquismo tem um chão, o corpo, e a mente funciona de maneira análoga a esse corpo e, talvez, o mais importante: para nos tornarmos mente e corpo, precisamos da alteridade apaixonada.

Parte III.

Sobre a androginia da mente – bissexualidade e funcionamento mental: aproximações possíveis?

7. Freud em Bion, Bion em Freud?

"... nascer bissexual é tão normal quanto nascer com dois olhos; um homem ou uma mulher sem o elemento da bissexualidade seria tão desumano quanto um ciclope"
(FREUD, 1967, p. 64)

"A verdade não está nos objetos, mas na relação entre eles" (BION, citado por Bléandonu, 1993)

“O casal é feito de duas pessoas andróginas!”, me ensina uma jovem paciente ao discorrer sobre as fantasias de penetrar o namorado com uma cinta peniana. Ela divide suas fantasias com o companheiro que confessa o medo de se sentir vulnerável, o que levanta a ira da minha paciente: “por que se sentir vulnerável? Eu sou submissa toda hora no sexo, ele é o ativo... É, não sei, talvez não muito, nosso sexo é bem bagunçado!”. E daí em diante, ancorada nos discursos feministas, ela me diz, “sempre que você se coloca em um espaço de feminilidade é ruim: joga que nem uma mulher, uma mulherzinha... Espaço de homem? É sempre uma conquista! Eu quero conquistar coisas! Não vou me rebaixar! Pra ele é difícil, porque ele é tipo homem golden retriever...!”.

... Pensei em um golden, brincalhão e doce, de barriguinha para cima recebendo carinho. Pois bem, a passividade vale ouro, é potente e corajosa porque envolve a capacidade de se deixar penetrar na alma. Em todas as sessões, minha paciente chega com uma lista de assuntos e sonhos a relatar, fala rapidamente e, ao final de cada tópico, ela me pergunta: “quer comentar?”. Um dia me segreda que tem sucessivos orgasmos, quase sem fim, que uma hora seu corpo não suporta, se cansa. Penso que nossa transa psíquica também é assim, uma voracidade infinita, um dedo na tomada, sucessivos choques, às vezes falo com ela em pensamento “desliga, relaxa, se entrega, saboreia a nossa horinha!”.

No namorado e na analista, minha paciente projeta características de sua outra metade cindida: a sensibilidade, a vulnerabilidade, a dependência, a abertura para (nos) receber – enfim, a capacidade de ser penetrada. Ela me remete a um mito, conto a ela a história, gostaria de niná-la, de seduzi-la, ela não recusa, mas, altiva e ativa, pesquisa no Google enquanto narro e me interpela: “É sobre o amor!”.

A história é de fato sobre o amor e é contada em um pequeno livro chamado “O Banquete” (427-347 a.C./2009). Vamos ao mito. Nele, Platão retrata a reunião de alguns convivas na casa de Agatão que comemoravam sua vitória no concurso de tragédias. Em um dado momento do Banquete, decide-se que todos deveriam fazer um elogio a *Éros*, deus do amor, que, até então, não havia recebido nenhum elogio à altura.

O discurso de Aristófanes, dentre os sete discursos, foi o que mais se popularizou. Talvez por ser comediante e não se preocupar com a possibilidade de ser ridículo, Aristófanes trata de *Éros* de maneira tão original e acaba por tocar em questões fundamentais de maneira a se distanciar das abstrações e se aproximar da dimensão visceral da sexualidade. Sua fala aborda temas pertinentes a todos nós: o amor, a origem do desejo sexual, o destino de nossos desejos e até mesmo a questão de gênero.

Aristófanes narra o mito do andrógino. Seu discurso se inicia com a exaltação do poder de *Éros*, muitas vezes subestimado: “E todavia é o mais humanitário dos deuses, o que mais ajuda os homens, sarando-os de tudo que os impede de atingir a suprema felicidade” (PLATÃO, 427-347 a.C./2009, p. 43).

E assim, Aristófanes inicia a narrativa do mito, revelando que, no princípio, havia três gêneros: masculino, feminino e o andrógino. Além do mais, os homens seriam completos, de formato esférico, portando duas cabeças, dois sexos, quatro pernas, quatro braços, o que permitia a eles um movimento circular muito rápido. Poderosos, bem desenvolvidos e insolentes, almejavam, portanto, enfrentar os deuses. Subiram aos céus e travaram uma luta. Zeus venceu a batalha e resolveu castigá-los por sua rebeldia. Tomou na mão uma espada e cindiu todos os homens, dividindo-os em dois: “do mesmo modo que com um fio de cabelo se dividem os ovos para temperá-los com sal”. (PLATÃO, 427-347 a.C./2009, p. 45). Zeus ainda pediu ao deus Apolo que cicatrizasse o ferimento, materializado no formato de um umbigo que os recordaria para sempre de sua vulnerabilidade. Pediu, ainda, que Apolo virasse a face dos homens para o lado da fenda para que não se esquecessem do poder de Zeus e de sua fragilidade.

Dessa forma, os homens caíram na Terra novamente e, desesperados, cada um saiu à procura de sua outra metade, sem a qual não viveriam. Assim, o ser que antes era completo homem-homem buscava sua outra metade; da mesma forma, o ser mulher-mulher e o andrógino também buscavam a parte que lhes faltava. *Éros*, imperativo, parece ser a comunhão com nossa própria natureza.

O que antes formava um todo perfeito passou a ser partes imperfeitas vagando pelo mundo. Os humanos, sem suas metades, ao tentarem se fundir sem sucesso, sucumbem à fome: “Consumada essa separação, cada parte desejou unir-se à metade de que se desligara. Quando depois se encontravam, atiravam-se nos braços uma da outra, enlaçavam-se tão fortemente que, pelo desejo de se fundirem, se deixavam morrer de fome, inertes, sem desejo de nada empreender cada uma em separado” (PLATÃO, 427-347 a.C./2009, p. 45).

Apiedando-se dos homens, Zeus dará um sentido para *Éros*, fazendo do desejo sexual o resgate das partes separadas. Para tal, ele transpõe para frente os órgãos genitais, pois, antes localizados na parte de trás, os sexos não se encontravam, não concebiam e não geravam juntos. E nossa espécie, assim, pôde habitar a Terra...

... É sabido que a Psicanálise nasce enredada à filosofia e à mitologia, apropriando-se de suas capacidades de expressar a essência da vida e do funcionamento mental. Não é diferente com a potência do Banquete e do mito do andrógino. Freud irá recorrer ao elogio a *Éros*, mais especificamente ao mito proferido por Aristófanes, para abordar a dimensão instintual e a variabilidade envolvida na escolha de objeto, mas, surpreendentemente, não relaciona a noção de bissexualidade à figura do andrógino.

Ao discorrer sobre *Éros e Thánatos* em “Além do princípio do prazer” (1920/2010), Freud, depois de recorrer às ciências da natureza, sobretudo à Biologia, acaba por abandonar o discurso científico e se vale do mito do andrógino para compreender a dimensão instintual:

O que na ciência encontramos sobre a gênese da sexualidade é tão pouco, que o problema pode ser comparado a uma escuridão em que nem o raio de luz de uma hipótese penetrou. É em outro lugar que deparamos com uma tal hipótese, de natureza tão fantástica, porém – é antes um mito que uma explicação científica –, que eu não ousaria apresentá-la aqui, se ela não satisfizesse justamente uma condição que procuramos satisfazer. Pois ela faz derivar do instinto *da necessidade de restauração de um estado anterior*. (1920/2010, p. 230)

Freud também vê no mito a possibilidade de abordar não só a origem do instinto sexual e sua tendência a restaurar um estado anterior, como também a sua importante variação relativa ao objeto (1920/2010, p. 230). Nessa etapa de sua obra, a relação entre a bissexualidade, a androginia e a dimensão libidinal de *Éros* não é abordada.

No entanto, no manuscrito de 1931, texto dirigido ao público leigo e pensado como a introdução a um estudo da personalidade de Woodrow Wilson, Freud novamente recorre a Platão para que possamos compreender o que a psicanálise denominou como libido e não só: ele relaciona *Éros* à dimensão da bissexualidade ao mostrar como esse conceito revelaria a maneira de se relacionar e se vincular aos objetos⁴⁹, estendendo feminilidade e masculinidade a qualidades psíquicas.

O descolamento da anatomia, ou seja, a ideia de que masculinidade e feminilidade são elementos psíquicos pode ser o embrião das ideias de Bion segundo as quais masculino e feminino são inerentes ao funcionamento mental. Tais ideias estão expressas nas noções de continente-contido, assinaladas como símbolos da masculinidade e da feminilidade, ♀♂, postos um ao lado do outro de modo que podemos inferir uma relação dialógica que será mais bem explanada adiante, mas que já está expressa na epígrafe desta seção: “A verdade não está nos objetos, mas na relação entre eles”. Nesta etapa do trabalho, a fim de traçarmos possíveis pontes entre bissexualidade e funcionamento mental, entre Freud e Bion, transcendemos a discussão a respeito da noção de gênero e, para tal, remontamos à origem, isto é, a Freud – que parece ser sempre ponto de partida e de chegada.

Em Bion, encontramos os alicerces que nos permitem supor que a mente possui um funcionamento bissexual. Entendemos, porém, que o psicanalista inglês faz isso ancorado no pensamento

49 Nesse ponto, podemos considerar que a bissexualidade, já em Freud, não só aponta para um funcionamento intrapsíquico como um acoplamento entre mentes – relação e vínculo.

freudiano, sobretudo no conceito de bissexualidade que abarca a tentativa de Freud de colocar masculinidade e feminilidade em constante relação.

Vamos às possíveis aproximações. Em uma descrição minuciosa do complexo de Édipo, Freud, didaticamente, explicita as teses em que se ancora sua teoria. Uma de suas teses é a dimensão da libido, o instinto sexual que atua desde o início da vida psíquica, a que ele nos dá a licença poética de compreendê-la a partir da “palavra polissêmica ‘amor’. Sua extensão coincide aproximadamente com o conceito de *Éros* em Platão” (FREUD, 1931/2017, p. 35).

Em seguida, Freud recorre à sua segunda tese, a da bissexualidade que, apesar de tratada como uma premissa fundamental e indiscutível da psicanálise, é, por essa mesma razão, pouco explorada pelo próprio autor. A nosso ver, o médico-psicanalista tece uma descrição que nos permite apreender em suas digressões ora à biologia, ora à vida psíquica, assim como à anatomia e a independência dela, não um conceito nebuloso, mas complexo, pois pode ser vislumbrado por diversos vértices sem ser esgotado porque, acreditamos assim!, é profícuo à psicanálise: “A verdade é que o mundo é algo bastante complicado” (1930/2017, p. 49), nos diz Freud ao nos alertar que não busquemos simplificar as noções de feminilidade e masculinidade.

Sem mais, vamos às suas palavras:

Nossa segunda tese afirma: todos os seres humanos são constituídos em dupla camada, são bissexuais. Cada indivíduo singular, seja homem ou mulher, é composto por elementos de masculinidade e elementos de feminilidade. Esse fato é tão certo para a psicanálise como é certo, por exemplo, para a química o fato de que em todos os corpos orgânicos se encontram os elementos oxigênio, hidrogênio e carbono, entre outros. (1930/2017, p. 39)

Nessa citação, ao se referir de maneira tão convincente a “elementos de masculinidade e feminilidade” em todos nós, podemos avistar, ainda de maneira longínqua, a androginia da mente? Aqui estariam os rastros que nos permitem aproximar a ideia freudiana da bissexualidade aos conceitos bionianos de continente-contido, ♀♂? Acreditamos que caminhar em direção a Bion pode nos ajudar a dar novos contornos à dimensão da bissexualidade psíquica, pois, ao nosso ver, será Bion que levará as noções de masculinidade e feminilidade às últimas consequências, tornando-as dimensões abstratas e que nos dão sinais de uma mente edípica primordial.

Mas, antes de Bion, voltemos a Freud. No manuscrito de 1931, ele, nos diz, então, que a libido teria três destinos: o narcisismo ou o que ele chama de “amor-próprio”, além das tendências masculinas e femininas. Essas últimas seriam, portanto, maneiras de o sujeito se relacionar com os objetos, isto é, de maneira ativa ou passiva. Desse modo, Freud nos revela, como já discutido na primeira parte deste trabalho, a maneira como as dimensões de feminilidade e de masculinidade, em sua essência, não estão relacionadas à dimensão anatômica, são posições psíquicas, que nos permitem vincular com os objetos, nos possibilitando amar e sermos amado, sofrer, mas também subjugar.

Bion, nesse sentido, dará um importante passo, pois, além de maneiras de se relacionar com o objeto, masculino e feminino, no que se articulam às noções de penetrado e penetrante, poderiam revelar o funcionamento andrógino da mente. Além do mais, Bion também nos ensina sobre a androginia da mente no que também se relaciona ao gênero quando insiste que, como norte, devemos almejar a realidade psíquica pura – porém, paradoxalmente, inexistente –, de tal maneira que feminilidade e masculinidade, em uma perspectiva bioniana e, de antemão, freudiana, estão radicalmente dissociadas do que se convencionou chamar homem e mulher.

Quando um paciente nos procura, talvez de maneira defensiva, podemos nos ater a elementos que nos distanciam da linguagem onírica, isto é, nos impedem de alucinar a sessão. Gênero, idade, ocupação, classe social, dentre outros dados que nos remetem à realidade. Todas essas realidades tão evidentes a olhos nus escondem o que o terceiro olho da mente, a intuição, pode captar. Se é um homem ou uma mulher, uma criança, um adulto, um velho, um rico ou um pobre – tudo isso é lugar de partida, mas não de chegada⁵⁰.

Como nos disse Joyce McDougall, no inconsciente somos todos bissexuais; na mente, nos conta Dianne Elise, brincamos de ilimitado! Um dia, mergulhada no tema da bissexualidade, sonho que minha orientadora me diz: “você escreve como um homem”, sinto-me, então, capaz de me apropriar da potência de penetrar o mistério e, simultaneamente, manter-me ancorada em uma feminilidade que me permite gestar minha dissertação.

Ao me encontrar com uma mulher, me pergunto: onde está o homem? Do mesmo modo, ao me deparar com os excessos da masculinidade, posso ver uma figura feminina, seios gigantes e o pavor da dependência – a bissexualidade como função analítica. Mas, afinal, voltemos à pergunta que norteia esta etapa do trabalho: a bissexualidade, além de iluminar as questões de gênero, pode colocar luz sobre o funcionamento mental?

Para responder essa pergunta, pode ser proveitoso resgatar nossos resultados de pesquisa apresentados neste trabalho para posteriormente nos valer de conceitos bionianos que podem iluminar nossas hipóteses a partir de novos vértices: 1) a ideia de que o conceito de bissexualidade pode contribuir com as discussões acerca do gênero, uma vez que pode se configurar como uma importante intuição freudiana que antecipa a discussão acalorada dos estudos de gênero; 2) a bissexualidade, pilar da noção do complexo de Édipo, quando revisitada por inúmeros autores, pode nos transportar para a ideia da singularidade radical: o gênero é único e intransferível, como uma digital; 3) e, por fim, a bissexualidade, enquanto uma dualidade, poderia ser vista para além da redução do perverso-polimorfo, mas também como solo de onde emerge o polimorfismo.

50 Sandler (1997) nos diz que muitas afirmações, às vezes muito difundidas no meio psicanalítico, revelam não só superficialidade, falta de rigor científico, mas fantasias de cunho sexual, rivalidade e superioridade: “o paciente X seria melhor analisado caso o analista fosse homem, ou uma mulher”, “as mulheres, por princípio, são mais talhadas para o ofício de analista do que os homens” (e vice-versa), “analistas mais jovens são menos adequados para analisar as pessoas”, “pacientes idosos são menos analisáveis”. Essas afirmações desprezam a plasticidade da mente, a ideia fundamental à psicanálise de se considerar a singularidade. E, no que diz respeito à bissexualidade, a pergunta que fica é se cada analista, seja ele homem ou mulher, se deixa permitir transitar entre as suas potências femininas e masculinas.

Masculinidade e feminilidade, quando olhadas pelo vértice da capacidade humana de penetrar e ser penetrado, elaboradas na segunda parte dessa dissertação, constituiriam o chão básico do perverso-polimorfo – capacidades humanas descobertas e desenvolvidas na íntima relação com o outro, sobretudo, com a mãe (DIANNE ELISE, 2019). Ao nosso ver, masculinidade e feminilidade poderiam ser encaradas como uma díade não diferenciada, uma vez que não são encontradas em suas formas puras, mas podem ser vislumbradas de um ponto de vista espectral – noção também desenvolvida por Bion (1948/1980).

Arnaldo Chuster (2021), psicanalista brasileiro, estudioso da obra de Bion, acredita que o modelo espectral como uma maneira de vislumbrar os processos mentais proporciona uma mudança de paradigma, rumo à complexidade da mente humana. Para o psicanalista, vislumbrar a mente por essa perspectiva revela que só podemos ter acesso a uma parcela dos fenômenos psíquicos, posto que há pontos de indecibilidade em um espectro, de fusão, de incerteza. Se os conceitos da psicanálise buscam se aproximar do funcionamento mental ou se constituir como uma metáfora da mente, vislumbrar um conceito a partir de um ponto de vista espectral parece uma proposta promissora.

Quando se pensa em um espectro que abriga masculinidade e feminilidade, haverá, portanto, um ponto de indecibilidade: eis a bissexualidade – dois em um! Estaríamos, assim, próximos ao que Bion denominou como “O”, a origem. Aqui, vale a pena destacar a essência do que podemos apreender sobre a mente: seu constante movimento de oscilação – de um infinito vazio e sem forma para os desenhos de nossas fantasias, do indiferenciado para o diferenciado e vice-versa.

O que está em jogo aqui é essa dupla como a potencialidade do uno, assim como uma gônada embrionária que tem a capacidade de se diferenciar, mas que, originalmente, é indiferenciada. De algum modo, para compreender a hipótese de que a bissexualidade poderia ser vista como o potencial de onde se origina o polimorfismo, é necessário superar a clivagem, recurso do qual lançamos mão quando paradoxos são intoleráveis, e transcender, portanto, a ideia de binariedade.

O mergulho nas nuances da masculinidade e da feminilidade nos transportou diretamente ao conceito de bissexualidade primária (HABER, 1997; GODFRIND, 1997). Este conceito revisita a afirmação freudiana de uma bissexualidade constitucional de tal modo que nos aproxima dessa noção como uma construção, fruto das vivências arcaicas, primordiais – marcos da constituição psíquica⁵¹

51 Em “O eu e o id” (1923), Freud se refere às “identificações primárias”, relacionando-as, timidamente, à bissexualidade constitucional, aqui ele parece situar a bissexualidade constitucional próxima ao que ele denomina como narcisismo primário, isto é, às vivências das “identificações iniciais, sucedidas na idade mais tenra” (1923/ 2013, p. 38); estamos aqui em solo que exige abstração: o outro indiferenciado, antes do amor objetal. No manuscrito de 1931, do mesmo modo Freud tangencia o que acreditamos ser uma íntima relação entre narcisismo primário e o que ele denomina bissexualidade constitucional, ele afirma, por exemplo, que só “quando a fase primária do narcisismo puro é superada e os investimentos objetais passam a desempenhar seus papéis, resultam três tipos de abrigo para libido: além do narcisismo, temos também as tendências masculinas e femininas” (1931/2017, p. 40-41), antes disso, feminilidade e masculinidade poderiam ser descritas da maneira que fazemos aqui: potencialidades indiferenciadas. Carneiro e Lazzarini (2020) são autoras que apostam na ideia de que não se trata de uma bissexualidade constitucional, mas de uma bissexualidade primária: “bissexualidade, para além de uma disposição constitucional, inscreve-se no psiquismo originário através da relação do sujeito com seus objetos primários e tem função organizadora nos processos de subjetivação, na medida em que abre caminho para a coexistência desses objetos na vida psíquica” (2020, p. 15

–, o que levará o sujeito ao seu destino: suas identificações, fantasias e escolhas de objeto. Além do mais, quando estamos no terreno de uma bissexualidade primária, nos transportamos diretamente à constituição da sexualidade antes do que diz respeito a um fechamento, com contornos identitários mais delimitados – o que já diria respeito a uma bissexualidade secundária, genital.

Não há representação alguma, mas há potencialidade para inúmeras representações. A indiferenciação é a própria potencialidade. É, portanto, uma díade indiferenciada que se constitui como o substrato primordial da mente humana. Seria, por assim dizer, uma mente edípica primordial que se revelaria na fertilidade do encontro entre masculinidade e feminilidade ou, ainda, na abstração que permitiria o começo do desenho da sexualidade. Talvez, me permitindo ousar, a bissexualidade poderia ser o carbono do polimorfismo.

Bion pode vir ao nosso encontro e iluminar essa discussão com seu conceito de cesura (1977). Sua inspiração advém de Freud, da sua ideia de cesura do nascimento expressa em “Inibição, Sintoma e Angústia” (1926): “há muito mais continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do nascimento nos permite acreditar” (FREUD, 1926). Bion, com esse conceito, ilustra a dimensão da ruptura e da continuidade, em um paradoxo indissolúvel:

Investigar a cesura; não o analista; não o analisando; não o inconsciente; não o consciente; não a sanidade; não a insanidade, mas a cesura, o vínculo, a sinapse, a (contra-trans)-ferência, o humor transitivo-intransitivo. (Bion, 1977/1989, p. 56).

Vemos, assim, de um lado a vida fetal, do outro a pós-natal e na terceira margem do rio, a continuidade entre elas. O encontro entre dois rios⁵²: a masculinidade e a feminilidade – há mais coisas entre o céu e a terra... E nesse encontro entre o céu e a terra, avistamos a bissexualidade por outro vértice: a do funcionamento mental e do fazer clínico. Pensemos na interpretação como um gameta e o paciente como um continente, capaz, ou não, de ser penetrado... Pensemos na capacidade analítica de ser permeado, atravessado, pelos conteúdos do analisando. Pensemos no vínculo e no conceito de cesura, no encontro entre as mentes em que há, no melhor dos mundos, encontro, expansão e celebração: é *Éros*, pulsão de vida, emergência de sentido.

Sou acariciada pela minha mãe, cuidada, manuseada, penetrada – aqui, carinhos e carícias podem se fundir, assim como cuidado e violência. Eu, sem titubear, tateio seu corpo: miro, cheiro, sugo, possuo⁵³. É assim a festa do encontro e da vida. Nossa primeira pesquisa científica são as cur-

52 Essa imagem é inspirada no artigo de Marina Ribeiro (2022), “Sobre intuição psicanalítica: a afetação enigmática”, em que a autora se vale de uma imagem poética do encontro entre os Rios Negro e Solimões, na Amazônia, e um boto que emerge das profundezas para exemplificar o conceito bioniano de cesura e a emergência da reverie que se dá, de acordo com autora, entre cesuras.

53 Freud, no manuscrito de 1931, em uma síntese didática de seu pensamento, revela, novamente, as ancoragens do pensamento de Jean Laplanche e de sua ideia nomeada como “situação antropológica fundamental”, que envolveria a passividade traumática em relação aos cuidadores. Essa ideia é corroborada por Paulo de Carvalho Ribeiro que defende uma passividade radical, mesmo em sua teoria da imitação. Dianne Elise, por sua vez, parece se aproximar ainda mais da

vaturas de nossa mãe, encontro erótico, mas, também, busca abstrata: a mente materna. E, vejamos, novamente a dimensão da cesura, cá estamos, mas lá também permanecemos: no colo materno.

Para essa festa, abro este capítulo de minha dissertação com um convite: explorar a relação entre pensamento e (bi)sexualidade. Com a ajuda de uma série de autores que se alimentam das ideias de Bion, pretendemos abordar a sua teoria do pensar e relacioná-la com a dimensão da bissexualidade estendida ao funcionamento mental.

A noção de continente e contido, central à teoria do pensar, resguarda a condição bissexual da mente expressa em uma linguagem matemática, biológica e poética. Representados como ♀♂, continente-contido nos levam diretamente para a condição natural da mente, sua estruturação edípica e sua capacidade, no encontro fértil entre feminilidade e masculinidade, de gerar a vida psíquica ou, podemos dizer, de gerar humanidade – o que nos remete às palavras de Freud que abrem essa seção, ou seja, o além do desumano, representado, por Freud, pelo gigante de um olho só.

7.1 O conceito bioniano de continente-contido e sua interface com a bissexualidade

"Para que $1+1=3$, o sinal de mais precisa não só ser sexualizado mas também significar intercurso sexual com intento de gerar crianças em condições adequadas entre pessoas adequadas" (BION, 1958/1979, p. 145)

Há tempos encaro essa passagem de Bion, perguntando-me: de ele que fala ao equiparar a adição ao intercurso sexual? De que fala Bion ao revelar que onde acreditamos dois, há, na verdade, sempre três? Pois bem, poderíamos pensar em uma mente edípica primordial⁵⁴, capaz de gerar uma

dimensão freudiana, uma vez que o bebê, inicialmente penetrado pela mãe, passa a se identificar com ela e a almejar o desejo de penetrá-la. Seguem as palavras freudianas: "Os primeiros objetos humanos com os quais a criança se depara são sua mãe e seu pai, ou os seus substitutos. As primeiras relações com essas pessoas são do tipo passivo: a criança é cuidada por eles, acariciada por eles, direcionada pelas suas ordens e castigada por eles. Sobre essas relações, então, a libido da criança se lança de início. É possível observar agora que gradualmente se instaura na criança uma reação. Ela quer retribuir aos pais aquilo que estes fazem com ela, de sua parte quer se tornar ativa em relação a eles, acariciá-los, dominá-los e vingar-se deles". (1931/2017, p. 46-47)

54 Nos textos de Arnaldo Chuster, encontramos a referência a uma mente edípica, tridimensional, no seu sentido

infinidade de filhos: nossos pensamentos-sonho que enriquecem e possibilitam a vida psíquica. Também podemos encontrar aí o casal analítico que, quando fértil, as mentes podem ser capazes de pensar juntas ou, em outras palavras, de parir, procriar – enfim, gerar sentidos.

O desafio desta etapa do trabalho é mostrar a intimidade entre sexualidade e processos mentais. Nosso recorte, como já expressei, está na aproximação entre a noção bioniana de continente-contido e o conceito freudiano de bissexualidade psíquica. É no coração da teoria do pensar de Bion que podemos alocar o conceito continente-contido, de tal modo que podemos equiparar essas dimensões com o próprio pensamento (SANDLER, 2021, p. 202).

As raízes dessa teoria estariam na noção kleiniana de identificação projetiva (1946), considerada, já por ela, não só como um mecanismo de defesa, mas como um modo de relação primitiva que, ao possibilitar a comunicação entre as mentes, instaura e mantém os vínculos. É importante frisar que Bion estenderá esse funcionamento primitivo à relação analítica, isto é, dessa marca originária, marcada pela dependência, percebemos a necessidade vital de duas mentes para a expansão da vida psíquica no início e reinícios de nossa existência – seja no colo da mãe ou no divã do analista. Mas, antes de alcançarmos a relação analítica, voltemos à construção de sua teoria do pensar cujos gérmenes estão na riqueza do conceito kleiniano.

Em “Ataques à ligação” (1959/1994), Bion reitera que “existe um grau normal de identificação projetiva” (p. 119), que será o “principal método” (p. 123) de que dispõe o bebê para lidar com suas emoções e que, exatamente por isso, aqui se assenta o desenvolvimento normal. Adiante, o psicanalista estende o conceito kleiniano ao casal analítico: “portanto, o elo de ligação entre o paciente e o analista, ou entre o bebê e o seio, é o mecanismo de identificação projetiva” (p. 121).

E, por fim, revela os desafios da relação entre mãe e bebê, analista e analisando, ao descrever que o bebê/paciente, invadido por “sentimentos vigorosos demais para serem contidos no interior de sua personalidade” (p. 123), direciona esses sentimentos, via identificação projetiva, à mente de outrem, de modo que o sujeito possa investigar seus conteúdos turbulentos com a ajuda de uma outra mente.

Os desafios, nos conta Bion (1959/1994), são inúmeros, o bebê, sedento, invejoso, invadido pelo ódio, pode atacar o vínculo e a potência do seio, assim como a mãe pode se recusar – recusa é a palavra usada por Bion – a ser um “receptáculo” (p. 123) desses sentimentos. Essa recusa estaria assentada em uma mãe que não teria desenvolvido a sua capacidade de continência ou, como explicitaremos mais adiante, a sua função-alfa. Os riscos a que pode sucumbir seu bebê estariam atrelados a uma “parada no desenvolvimento” (p. 124), o que, talvez, tenha sido a mesma vivência de sua mãe: a ausência de uma mãe-continente, apta a conter e metabolizar seu mundo interno.

mais radical, em que não haveria humanidade sem a triangulação. No mais, para o psicanalista, o bebê e sua busca ativa pelo seio e pela mente materna já revelam o triângulo edípico, isto é, desde os primórdios, estamos mergulhados no cenário edípico. No entanto, foi em suas conferências, no decorrer do ano de 2022, na Sociedade do Rio de Janeiro, que pude ouvir a ideia de uma “mente edípica primordial”, que, ao nosso ver, revela a condição edípica da mente e, portanto, bissexual.

Em 1962, em “O aprender com a experiência”, Bion nos alerta que aquilo que denominamos como pensamento foi, em sua origem, a identificação projetiva. No entanto, na teoria bioniana, o conceito de pensamento transcende a lógica e a razão, aproxima-se do sonhar e abarca a experiência emocional que, por ser perturbadora, exige e engaja o pensamento (OGDEN, 2005/2010). Além de explicitar a origem do pensamento, o que o mobiliza e sua natureza, Bion busca compreender, sobretudo, *como* pensamos. É nesse ponto que a teoria do continente-contido abarca os processos envolvidos nessa capacidade humana – a mais recente da espécie e, talvez, a mais surpreendente.

Nessa etapa de sua obra, Bion tece considerações didáticas sobre sua teoria a respeito das noções continente-contido e como ambas se relacionam, evidenciando que há uma relação dialética entre elas. De acordo com o psicanalista, essa teoria expressa a relação primeira e arcaica com a mãe, no que tange aos objetos parciais, e por isso mesmo Bion enfatiza o par “boca-seio”⁵⁵ que resguardaria essa dimensão ainda inicial e primitiva. Esse par tem suas origens na noção kleiniana que aponta o seio como fonte básica de gratificação e frustração, o que se evidencia em sua teorização acerca do seio bom, seio mau.

Bion propõe, como é de seu estilo, signos abstratos que possibilitam transcender o fenômeno visceral da boca que suga e do seio que penetra. Desse modo, revela que, para muito além de uma dimensão pré-genital, de uma fase do desenvolvimento instintivo, estamos no terreno dos alicerces da constituição psíquica e mais, encontramos aqui a metáfora, a abstração, que nos permite vislumbrar o cerne do funcionamento mental: “Por constituir relacionamento de objeto parcial, se diz ser reação boca-seio. Em termos abstratos é entre ♀♂ (como proponho se usem tais signos)” (BION, 1962/1991, p. 125).

Será do encontro entre seio e boca, ou seja, entre mãe e bebê, que o bebê poderá introjetar o que Bion chama de dispositivo ♀♂. Esse dispositivo se conecta a outros conceitos cruciais na obra de Bion, tais como a função-alfa que opera, concomitantemente, às noções de continente-contido. A função-alfa, por sua vez, possibilita a formação e o uso dos pensamentos oníricos de maneira a transformar os elementos-beta, representantes da brutalidade da experiência emocional, culminando, então, na criação do sentido, isto é, em uma linguagem que dê conta da experiência emocional.

O bebê, nesse sentido, se valeria da função-alfa da mãe para lidar com a violência de seu próprio psiquismo, isto é, os pensamentos não organizados ou, na linguagem bioniana, os elementos-beta que acarretam uma intensa turbulência emocional, pois seriam “aspectos da personalidade vinculados por um sentimento de catástrofe” (BION, 1963/2004, p. 53). Mais adiante, em “Elementos de Psicanálise” (1963), Bion relaciona a sua teoria do pensar, sinteticamente representadas pelo

55 De acordo com Bion, o bebê teria uma pré-concepção do seio que se tornaria uma realização à medida que a mãe disponibiliza a fonte de amor e de alimento. Duas associações podem ser feitas aqui. A primeira delas refere-se às criaturas divididas ao meio de Platão em busca pela parte que lhes faltam, tal qual o bebê que sabe que precisa de uma outra mente para se desenvolver. Do mesmo modo, ancorados em Sandler (1997), podemos afirmar que a intuição e a procura do bebê acerca do seio materno revela a fusão instintual da masculinidade e da feminilidade, ou seja, a bissexualidade psíquica: “a procura potente (masculinidade) por um seio não é separável do intuir (feminilidade) tanto a necessidade interna como a existência de um seio” (SANDLER, 1997, p. 470-471)

dispositivo ♀♂, ao interjogo entre as posições kleinianas em relação, revelando a complexidade do funcionamento mental que ele descreve:

O mecanismo de identificação projetiva capacita a criança a lidar com emoção primitiva, contribuindo assim para o desenvolvimento de pensamentos. O interjogo entre as posições esquizoparanóide e depressiva também está relacionada ao desenvolvimento dos pensamentos e do pensar. (BION, 1963/2004, p. 51)

Desse modo, poderíamos dizer que, ao mamar o leite, o bebê mama seu aparato de pensar ou poderíamos dizer que o pequeno cientista introjeta seu “método” de pensar, de sonhar, enfim de transformar a brutalidade da vida emocional em sentido⁵⁶. O bebê empreende uma busca epistemológica, sua busca por conhecer a mente da mãe: “o bebê introjeta a atividade de dois indivíduos que descrevo, de modo a nele se instalar o dispositivo ♀♂ como parte do aparelho de função-alfa.” (BION, 1962/1991, p. 125).

Podemos dizer que a mãe, solidária, empresta sua capacidade de pensar e, assim, o bebê, em posse desse empréstimo, pode, paulatinamente, desenvolver a capacidade de pensar os seus próprios pensamentos. Bion, nesse ponto, ilumina os primórdios da constituição psíquica a partir da ótica da intersubjetividade⁵⁷.

Esses seriam os primeiros passos de Bion no desenvolvimento de seu conceito de “contenente-contido”, que está intimamente relacionado à urgência psíquica de processar e elaborar a experiência emocional. O psicanalista levou aproximadamente nove anos para dar contornos à sua teoria nos moldes que conhecemos hoje (SANDLER, 2021). Poderíamos dizer que se, inicialmente, continente-contido seria uma forma de relação expressa pela boca e pelo bico do seio, caminhamos para o desenvolvimento dessa dupla para uma complexa teoria que se inter-relaciona com vários outros conceitos fundamentais da obra Bion.

De maneira sintética: 1) o dispositivo ♀♂ passa a ser considerado uma função psicanalítica da personalidade (1962), teoria surpreendente de Bion que enfatiza que o ser humano pode dispor de uma potencialidade para realizar trabalho psíquico que leve ao crescimento emocional; 2) posteriormente, ♀♂ estariam atrelados a um elemento da psicanálise (1963) ou, em outras palavras, a uma partícula elementar do psiquismo até, por fim, ser equiparado ao próprio processo do pensa-

56 Temos aqui um bebê ativo: para além de uma mãe suficientemente boa, o bebê também carrega disponibilidade para mamar e para explorar o mundo. Bion, nesse sentido, diz que o bebê tem a pré-concepção do seio, o que significa dizer que ele carrega consigo expectativas em relação à vida extra-uterina, concepção essa que se ancora no mistério do inato e do filogenético (SANDLER, 2021). Do mesmo modo, também encontramos bebês que negam o seio e são até mesmo inapetentes. Aqui, moram os mistérios que cada um carrega consigo em seu nascimento.

57 Vale aqui ressaltar que o conceito de “holding” de Winnicott também coloca no palco da teoria psicanalítica a dimensão do outro para promover o nascimento da vida psíquica, o que está em germen na teoria freudiana e kleiniana. Em seu texto “Sobre sustentar e conter, ser e sonhar” (2010), Ogden diferencia o conceito winnicottiano de “holding” da noção de “continente-contido”, mostrando que eles não estão em uma condição de oposição, mas seriam “posições estratégicas” (p. 121) para apreender a experiência emocional.

mento; 3) e, nesse sentido, por ♀♂ estar relacionado à própria constituição do aparelho de pensar, estaria vinculado diretamente à função-alfa. No que diz respeito ao item 3, encontramos em Bion:

Os signos ♀♂ desenvolvendo-se fornecem base do aparelho para aprender com a experiência. O reexame dos parágrafos 5 a 17 mostra que, dos pensamentos e do desenvolvimento dos pensamentos, origina-se o aparelho para pensar os pensamentos. (BION, 1962/1991, p. 127)

Ou mais adiante:

A configuração ♀♂ representa a realidade emocional do aprender, cada vez mais complexo à medida que, de contínuo reaparece através do desenvolvimento mental. (BION, 1962/1991, p. 128)

É bonito observar que Bion põe lado a lado a dimensão emocional e o conhecer, revelando que não se fala de uma capacidade cognitiva esvaziada de sentimentos, pelo contrário estamos no terreno da experiência emocional. A esse respeito Anne Alvarez (1997, p. 165-166), ao tecer comentário sobre a teoria do pensar de Bion, nos dá uma descrição primorosa da experiência emocional turbulenta que é ser um ser pensante:

A mente é um vasto panorama de sentimentos sobre os quais se pensou e pensamentos sobre os quais se sentiu, constantemente em interação uns com os outros. Eles são dinâmicos e energéticos. Os pensamentos têm a sua própria força de existência: podemos pensar sobre eles, podemos ir atrás deles se sentirmos que vamos perdê-los; nós os seguimos até onde podemos. Podemos excluí-los ou afastá-los. Algumas vezes, eles se voltam contra nós e nos perseguem e apoquentam. Algumas vezes conseguimos pôr dois deles juntos, outras eles se juntam por si mesmos, sem a nossa permissão. Algumas vezes eles nos assombram, muitas vezes nos escapam.

É no encontro, atravessado pelas infinitas emoções, entre a mãe e seu bebê que se origina a mente ou, em uma concepção bioniana, poderíamos equipará-la ao próprio aparelho para pensar, que, por sua vez, pode promover crescimento, expansão e vínculo. Não sem desafios, uma vez que Bion aponta a capacidade de pensar atrelada à vivência emocional, isto é, ao despertar do amor e do ódio, por isso mesmo, quando conjugados ou em um movimento de impregnação, podem levar ao crescimento, mas também à destrutividade, ao ataque, à ruptura da própria capacidade de pensar.

Mais especificamente, em “Uma memória do Futuro” (BION, 1975), o psicanalista britânico se refere à mente como um peso muito grande: “A experiência que ainda não chegou a uma conclusão é se o animal humano vai sobreviver a uma mente enxertada em seu equipamento já existente. Você acha que pode aguentar um pouco mais?”. Se respirar e digerir são sucessos bem-vindos, pensar é a conquista mais recente de nossa espécie, sobre isso nos alerta ironicamente Bion em uma de suas

palestras em São Paulo: “...então um alegre dinossauro, de repente começou a se transformar em um mamífero, e então o pobre mamífero começou a desenvolver uma mente” (BION, 1978, p. 152).

Pobres mamíferos e pobres de nós, analistas, – esses coitados (FREUD, 1937/2006), tal qual enfatiza Figueiredo em “A mente do analista” (2021) –, que têm de se haver com a mente humana. Nossos pensamentos seriam, de acordo com Bion, “obras-primas” (1978, p. 152) e, no entanto, como qualquer obra de arte subversiva, elas incomodam. Bion ainda aproxima os nossos pensamentos aos nossos filhos, analogia que também nos remete ao desafio e à ambivalência: pois não seriam os filhos que nos tiram amorosa e dolorosamente de nossos lugares narcísicos?

Se os pensamentos são nossos filhos e, portanto, nos alerta Bion, devemos estar capacitados a cuidar e protegê-los, poderíamos pensar que o psicanalista britânico infere que o pensar é fruto de uma fertilidade mental. Nessa direção, nos perguntaríamos: seria o casamento entre ♀ e ♂ que aproximaria a (bi)sexualidade e o pensamento – seria *Éros* um tecelão de pensamentos⁵⁸?

O aprender depende da capacidade de ♀ⁿ permanecer integrado e todavia diminuir a rigidez. Este, o fundamento do estado mental do indivíduo que mantém conhecimento e experiência e ainda disposto a reconstruir passadas experiências de molde a estar receptivo para a ideia nova (BION, 1962/1991, p. 127)

Como uma mãe que carrega em seu ventre um feto em crescimento e, portanto, do mesmo modo que seu útero está em constante expansão, também está sua mente que se abre a fim de criar espaço para chegada de uma nova vida. O bebê, por sua vez, que se prepara para buscar/conter o seio, a mente da mãe e, portanto, sua existência psíquica já começa inexoravelmente edípica, pois há três elementos imprescindíveis à constituição da humanidade: o bebê, o seio e a mente da mãe. Sobre isso, Chuster (2019) é categórico, correndo o risco de parecer radical ao afirmar que “não pensamos que exista o humano fora do mental, e o mental é sinônimo de edípico. O pré-edípico não é humano” (p. 57). O casamento edípico, em termos abstratos, é o movimento da vida mental e dos encontros humanos:

Trata-se da relação continente/conteúdo que se desdobra infinitamente. O bebê que foi contido pelo continente uterino ao nascer tem de conter a mãe, que por sua vez tem de conter o bebê nascido e que irá conter a mãe que o conteve, e assim infinitamente. (CHUSTER, 2019, p. 57)

A recepção ao novo só é possível quando temos uma abertura ao mistério, o que se dá, como exposto acima, na espera paciente de uma mãe por um filho e de um filho por sua mãe. Do mesmo modo, no que diz respeito ao conhecimento e sua evolução, Bion discorre sobre o místico ou gênio (1970/2007) e o desmantelamento do que Bion chamou de *Establishment*, nos ensinando que a teoria é fértil quando revela um movimento de abertura ao novo.

58 Fazemos referência aqui ao texto de Sapienza e Junqueira Filho (1996): “Eros tecelão de Mitos” (1996).

Essa abertura, essa recepção do novo, implica em um mergulho na dimensão do desconhecido, o que é a própria essência do movimento de ♀♂, isto é, do próprio pensamento que, ao invés de estar atrelado à lógica e à razão, está vinculado à coragem de ir em direção ao mistério. Aqui estaria o que Bion chamou de capacidade negativa (BION, 1977), conceito que evoca a capacidade de tolerar frustração atrelada ao pensamento como potencialidade. Nas palavras de Chuster (2021), enfrentar a tensão psíquica só é possível por intermédio de uma capacidade negativa, “o que significa utilizar mais a **intuição** ou tolerar o tempo cego de observação cuidadosa até o ponto que essa pode ligar-se a um **conceito** que dará espaço para o desenvolvimento da observação”⁵⁹

Desse modo, a capacidade humana de penetrar e ser penetrado em um movimento de interpenetrabilidade de corpos e mentes ganha estatuto não só de potencialidade humana de dar desenhos à identidade sexual como também de uma outra, suprema, potência: a do pensamento ou, em outras palavras, a do próprio funcionamento mental. Todos somos, assim, psiquicamente portadores de vaginas e pênis, tal qual nos diz Sandler (2021, p. 211-212) ao defender a natureza bissexual da mente expressa pela dinâmica ♀♂:

Ou seja, o seio pode ser o continente do bebê, mas o bebê também é continente do seio. Em termos de funções, não há mãe em *abstractio*, ou uma mãe-em-si. A entidade “mãe” existe porque há um bebê que propicia um ambiente para “maternagem” (*motherness*). (Winnicott é o autor que percebe isso). O mesmo pode ser dito de pênis e vagina, como existem em qualquer pessoa, independentemente do sexo concreto biológico ou sensorial. Pode-se dizer que, do mesmo modo que existe PS ↔ D, ♀♂ possui em seu interior um funcionamento que é uma constante mudança.

Sandler articula o conceito de bissexualidade às dimensões de continente-contido em seu dicionário “A linguagem de Bion” (2021). No entanto, podemos encontrar as raízes de seu pensamento em um texto de 1999, em que ele defende que feminilidade e masculinidade estão em constante interação e seriam “funções da personalidade” (p. 459). Há, de acordo com o autor, um exercício da feminilidade ↔ masculinidade, tanto no que diz respeito à dimensão intrapsíquica como também na relação analítica.

Para Paulo Sandler (1999), o conceito de bissexualidade psíquica revela uma das observações binoculares de Freud. Se entendermos a ideia de visão binocular de Bion como a capacidade de confrontar e correlacionar distintos vértices, de integrar e não recorrer à clivagem, de tolerar paradoxos e não se apressar a resolvê-los, estamos na direção da complexidade dos processos mentais que nos ensina a compreender os fenômenos psíquicos como coexistentes em uma constante relação e oscilação – a parte psicótica e não psicótica da personalidade, o consciente e o inconsciente, o infantil e o adulto e, claro, a masculinidade e a feminilidade.

59 O texto a que fazemos referência aqui não está paginado, pois se encontra no blog de Arnaldo Chuster: www.arnaldochuster.com.br

Desse modo, a ideia de um contínuo exercício feminilidade ↔ masculinidade se manifesta, por exemplo, em uma relação comensal entre continente e contido (♀♂), em que prevalece o crescimento emocional, sem danos para a dupla, diferente de outros modos de relação que Bion denomina como parasítica e simbiótica, nas quais há prevalência de destrutividade e dependência, conluíus com a mentira de modo a erigir barreiras contra a verdade emocional (BION, 1962/1991).

Sendo assim, esse constante movimento entre ♀ e ♂ ou, como nos propõe Sandler, feminilidade ↔ masculinidade, representaria uma permanente movimentação entre polos e não uma clivagem. Sandler (1999, p. 468) acredita que essa oscilação estaria mais próxima a um monismo, ao uno – a “O”. Nesse sentido, se “O” é o marco zero, a origem ou o incognoscível, nas palavras de Bion, podemos equiparar essa complexa noção bioniana à metáfora da gônada embrionária, onde há todo o potencial para a diferenciação, ponto de partida e de origem, mas que se apresenta, para nós, como um terreno desconhecido que resguarda o mistério – assim como as cores de um espectro que nossos olhos não podem captar.

A complexidade do conceito de bissexualidade, quando iluminado pelo modo de pensar bioniano, parece transcender a ideia de binariedade e se aproximar da representação de um “casal criando” (SANDLER, 1999, p. 468), férteis e enamorados – tal qual as criaturas de Platão quando se encontram em cópula. Mas, afinal de contas, o que almejaria esse encontro amoroso? Esse movimento da mente expresso na interpenetrabilidade entre ♀♂? De acordo com Bion, o que é evidenciado em sua releitura original do mito de Édipo, descrito em seu texto intitulado “Sobre Arrogância” (1957/1994), essa busca se ancora na mais urgente e vital necessidade humana: a mente se lança em busca da Verdade. A mente, nesse sentido, se alimenta da Verdade, de uma verdade emocional: “... um desenvolvimento mental parece depender de verdade do mesmo modo que o organismo vivo depende de alimento” (BION, 1965/2004).

Bion, desse modo, resgata o Édipo, levando-o à saturação, a sexualidade estaria a serviço da busca da Verdade. Por esse vértice, a sexualidade é periférica. No entanto, olhemos mais de perto, o que enxergamos bem ali no horizonte? É Freud em Bion, Bion em Freud! Todo o olhar freudiano para a histeria e sua etiologia sempre sexual é uma forma de alcançar a verdade. Há, na teoria bioniana, uma radicalização ou uma abstração suprema das ideias edípicas, pois Bion propõe uma mente edípica tridimensional, já que onde parecem existir dois, há três: a mente da mãe, o bebê e o seio (CHUSTER, 2022), isto é, onde parece haver uma relação dual, há sempre três – $1+1=3$:

Em outras palavras, em Bion ocorre uma radicalização das ideias sobre o **complexo de Édipo** originadas em Freud e desdobradas por Klein. Em Bion, a configuração edípica coincide com o humano a mente humana é edípica e por isso é desde sempre uma organização tridimensional. Em outras palavras, somos seres condenados a uma existência mental. (CHUSTER, 2022)

Em uma perspectiva bioniana, é o que defendemos aqui, pensar e todo e qualquer processo criativo é edípico e, portanto, sexual. Além do mais, o objetivo analítico é nada mais, nada menos que a criação de si próprio, isto é, o desafio é tornar-se mais si mesmo – sendo assim, não teríamos

aqui sempre presente um triângulo edípico? Uma cópula? Um nascimento? A teoria bioniana parece derramar sexualidade por outras vias, mais abstratas, mais próximas aos fenômenos mentais, afinal de contas a mente não estaria no terreno da abstração?

Nesse ponto, vale introduzirmos aqui, uma série de artigos publicados pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, no livro “Bion em São Paulo” (1997), sobretudo aqueles que se propõem a pensar a intimidade entre sexualidade e pensamento, o que nos ajudará a construir pontes entre bissexualidade e continente-contido.

Leopoldo Nosek, psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, em um texto intitulado “Pensamento e sexualidade” (1996), presente na coletânea de artigos supracitada, resgata o texto de André Green intitulado “*Has sexuality anything to do with psychoanalysis?*” (1995) e, de maneira provocativa, Nosek se pergunta, por exemplo, se o retorno bioniano à primeira tópica freudiana em seu resgate da teoria do sonho e do sonhar que o levará à equação pensamento-sonho e se a abstração bioniana expressa em uma “poética econômica e emblemática” (1996, p. 210) dos símbolos ♀♂ representariam uma dessexualização e uma descorporização da teoria. Nas palavras do autor: “Abstração cientifzante ou susto? Seria Bion um valoroso soldado mais corajoso na guerra que no assombro da sexualidade?” (1996, p. 210).

Na visão de Nosek, “não há estados dessexualizados de mente” (1996, p. 201) de tal modo que a personalidade se organiza tal qual o sintoma, portanto, abarca a sexualidade. No entanto, na teoria bioniana, segundo o autor, o “caráter sexual adquire um caráter minimalista, reduzindo-se a um elemento poético ideogramático: masculino e feminino (♂ e ♀)” (1996, p. 201). Para o psicanalista, continente-contido ganham um estatuto relacionado à dimensão pré-genital, o par boca-seio, que afasta a teoria bioniana da complexidade do encontro genital, isto é, da genitalidade. Seria, por assim dizer, um recurso defensivo.

Acreditamos, porém, que, ao aproximar o par boca-seio de uma pré-genitalidade, o intuito bioniano seja o de resguardar, nessa dupla de objetos parciais, o berço da vida mental, a nascente do psiquismo. Talvez valha a pena resgatar o pensamento de Dianne Elise (2021) que, ao nosso ver relaciona a ideia de genitalidade ao encontro entre mãe e bebê de uma maneira mais próxima do que vem sendo exposto.

Ela vê a genitalidade como a potencialidade do encontro entre corpos e mentes entre mãe e seu rebento. Ela explicita a dimensão erótica avassaladora entre mãe e bebê, o que fica evidente em suas descrições que vão além do terno e alcançam cenas ardentes, reveladoras do movimento de interpenetração. Será que Bion também não tinha a devida clareza do potencial do encontro desse casal originário? E de que, aqui, estaria o berço dos nossos futuros encontros sensuais, sexuais e que almejam a vivência de uma sexualidade plena ou de uma genitalidade? Além da emergência da própria subjetividade, expressa na própria noção de genitalidade? Acreditamos que sim.

As provocações de Nosek – como respostas ao furor causado pelo texto de Green (1995) que denuncia uma psicanálise que prescinde de sua nascente, a sexualidade – vão além e nos brindam com reflexões valiosas, em um retorno a Freud e, portanto, à dimensão da sexualidade. O psicanalista discorre sobre a intimidade entre bissexualidade psíquica e a teoria do pensar ou, ainda, sobre a bissexualidade como função analítica.

No mais, em um movimento parecido com Dianne Elise (1998) que também reage ao movimento denunciado por Green (1995) de dessexualização da teoria, Nosek e Elise acreditam que as raízes de uma teoria psicanalítica que marginaliza a sexualidade estariam no medo da sexualidade do analista. O ponto é que, assim como Elise acredita que Winnicott não negligenciou a dimensão da sexualidade, pensamos que Bion também não a tenha negligenciado, mas dado a ela um novo estatuto que permite uma abertura para pensar o funcionamento mental e a clínica – um novo paradigma? Rumo a uma terceira tópica?

Nosek faz uma série de perguntas que caminham no seguinte sentido: o que fazer com a sexualidade inevitável do analista? É possível colocar a sexualidade para fora da sala de análise? O perigo, nos adverte, é reduzir o fazer analítico à bondade, o que pode carregar uma série de defesas relativas à necessidade premente de elaborar nosso modo de se relacionar sexualmente com nossos pacientes – enfim, a resistência ao encontro entre duas genitalidades.

Até mesmo nosso tom de voz acolhedor, nos diz Nosek, é convidativo, dando licença à oralidade, mostrando que a voz é terreno onde se pode gozar. O analista penetrante, resistente a ser um receptáculo, por sua vez, se assentaria em necessidade de poder, preso em seu falicismo, carregado de componentes sadomasoquistas. E o que dizer do analisando como continente das questões do analista?

Parece, assim, que a clínica nos exige criatividade, capacidade de transitar na multiplicidade das posições sexuais que uma relação a dois possibilita, em outras palavras ou, melhor, nas palavras de Nosek: “nossa formação deveria permitir não somente uma sexualidade, como também um polimorfismo” (1996, p. 213). É necessário coragem para encarar nossas correntes homossexuais e heterossexuais ou habitar estados sexuais de mente, muitas vezes, inexplorados. E, portanto, fala-se aqui de capacidade de lidar e perlaborar nossa própria bissexualidade: “nesse movimento de subjetividades, estão presentes o intercâmbio de papéis e a bissexualidade tal como definida por Freud. É bastante sugestiva a imagem de quem em cada relação estão presentes no mínimo quatro participantes” (1996, p. 214). Mais adiante: “note-se como é fundamental a oscilação da posição na função analítica. Há no caso o início da elaboração do Édipo invertido. Bissexualidade necessária para o pleno uso da potência” (1996, p. 219).

Nesse sentido, Nosek segue, em seu texto, em uma tentativa de aproximar as ideias bionianas de conceitos freudianos, sobretudo da bissexualidade e da psicosexualidade, a fim de que possamos vivenciar a “interação fértil da genitalidade” (1996, p. 2015), ampliando a noção de genitalidade – o que já é uma proposta freudiana – para além da “concretude da ação sexual” (1996, p. 2015), movimento fundamental em prol da ética da psicanálise. Do contrário, estamos no terreno da doença, da sexualidade em ato, fenômeno psicótico, ou do terror do encontro das subjetividades que expande a

humanidade:

Vou definir masculino-feminino, continente-contido em seu aspecto genital como o movimento de uma subjetividade lançando-se sobre outra, perdendo nesta movimentação sua identidade, tornando-se fundida à outra e retornando à si, prenhe de significado. Nesse movimento, a urgência da aquisição de sentido (que é a própria vida psíquica) se mistura com a urgência ou desejo de doação de sentido. Considerem-se os riscos de investimento libidinal, o medo de perder-se de si, do não retorno, etc. (1996, p. 214)

Parece, assim, que a proposta que encontramos em Nosek caminha em duas direções: 1) um diálogo entre a teoria da psicosexualidade e as concepções bionianas, de modo que possamos compreender que o que se impõe na ideia de continente-contido é o próprio intercurso sexual; 2) a prática analítica livre e ética, na qual o analista possa expressar sua sexualidade e permitir que o paciente também o faça, impedindo conluios psicóticos que não abrem espaço para a emergência do sentido ou, em uma linguagem freudiana, para a representação. É imprescindível que nós, analistas, possamos, em nossas análises e com nossos analisandos, elaborar nossa bissexualidade e reconhecer o prazer que habita nosso modo de ser, sempre sexual, pois há gozo em sermos “acolhedores, férteis, penetrantes” (1996, p. 220).

Cada ser sexual propõe uma forma de se relacionar e cada dupla encontra sua maneira de se vincular; dessa cópula de mentes, nascem bebês que muito exigem da dupla: cuidar, proteger, compreender, transformar – “Quantos filhos se geram numa análise? E depois de seu surgimento é por vezes preciso uma existência para desenvolvê-los” (NOSEK, 1996, p. 216).

De modo semelhante, Antônio Sapienza e Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho (1997), psicanalistas também em busca de compreender a proximidade entre sexualidade e pensamento, abordam a intimidade sexual entre analista e analisando⁶⁰, para isso tecem considerações pertinentes sobre a dupla boca-seio e sobre o casal analítico:

A disponibilidade para a interpenetração e intensa complementaridade exporá o casal analítico à mútua aprendizagem com dor mental. Dessa experiência emocional emanam conhecimentos e intuição analiticamente bem equilibrada, que dão conforto genuíno ao existir. Essa é a permanente aposta que o par analítico renova a cada sessão e que Bion denomina Ato de Fé: ampla entrega e interdependência dos parceiros, sem perder os referenciais de funções diferentes, com vantagens mútuas que favorecerão sanidade e maturação mental para ambos. Evoca o funcionamento de cópula sexual, onde as duas partes em conjunção obtêm satisfação e realização de modo compartilhado: a) ao sugar o seio o bebê obtém alimento,

60 A fim de aproximar pensamento e sexualidade, recorrem, antes de Bion, à Melanie Klein e sua contribuição à compreensão da inibição intelectual que estaria ancorada em uma fantasia inconsciente do coito dos pais como hostil. Por fim, fica claro, para os autores, que o conceito de continente-contido teria suas raízes aqui, isto é, onde Klein relaciona a intelectualidade ao modo como se relacionam e se vinculam os objetos internos da criança.

prazer e amor, ao mesmo tempo que colabora nas gratificações da mãe em exercer e ampliar suas funções; b) o mesmo acontece no coito amoroso e na união ardente homem e a mulher. (1997, p. 188)

Assim como Nosek, a dupla de psicanalistas propõe, ancorados no pensamento bioniano, que, na análise, a verdadeira fome do casal analítico deva ser por sentido, sobretudo, pela transformação do “mar sensorial” da sexualidade concreta em “terra firme de representações emocionais” (1997, p. 195). Pensamos que percorrer o caminho inverso também deve ser encorajado a ser percorrido em uma análise, isto é, se um casal analítico pode se enlaçar, gozar do encontro de duas subjetividades, o paciente pode vir a desfrutar de um pleno uso de sua potência sexual na vida – “da terra firme de representações emocionais” para um “mar sensorial”.

De algum modo, acreditamos que, quando a análise é um coito fértil capaz de produzir, procriar e parir, estamos diante de uma experiência obstétrica que permite ao paciente tornar-se mais si mesmo, ou seja, exercitar mais a sua potencialidade diante da vida; nossos analisandos encontram, assim, maneiras criativas de se relacionar sexualmente, afetiva e amorosamente. Da mesma maneira, quando não há em análise um intercuro fértil – ou, em outras palavras, quando um integrante da dupla pode se apresentar agradável demais para que não haja uma relação genuína, erótico demais para intimidar a capacidade de pensar da dupla, racional demais para não se entregar à turbulência de um encontro – no geral a vivência do ato sexual é da ordem do pavor: penetrar ou ser penetrado é destruir/ser destruído, invadir/ser invadido; aqui a lógica inconsciente é matar ou morrer.

Talvez, o paradoxo mais temido da psicanálise seja o que envolve sexo carnal e sexualidade enquanto ato psíquico, pois sexo e sexualidade são indissolúveis, mas inconfundíveis. A confusão se dá, por exemplo, nas transferências eróticas pouco elaboradas que revelam um ataque à experiência analítica, uma vez que o filho de uma relação analítica é em última instância o renascimento da própria psicanálise, uma psicanálise “sob medida” para aquela dupla, ambos fechados em uma sala, vulneráveis e entregues um ao outro – a intimidade psíquica é, na maioria das vezes, mais ameaçadora do que o ato sexual, e será este vínculo extremamente íntimo que libertará o paciente para vivenciar o sexo e a sexualidade.

Nesta linha de reflexão, um encontro sexual pode ser compreendido em seu sentido amplo, em que se coaduna intimidade psíquica e experiência sensorial, isto é, para além de corpos que se interpenetram, a mente, a alma e o coração também estão mergulhados. Na relação sexual e na sexualidade, corpo e mente, sensorial e não sensorial, revelam-se como duas facetas indiferenciadas, não se sabe bem o que é carne, o que é mente.

Sendo assim, a sexualidade também pode ser vista por intermédio de um espectro, ela é corpo e ela é abstração, trânsito contínuo entre esses polos. Quando o prazer explode, há um desfalecimento do sujeito no outro, o que pode promover o renascimento e a reinvenção de si próprio – uma transformação em “O”. Não à toa, os franceses chamam o ápice erótico de “*le petit mort*”, momento narrado lindamente por Eduardo Galeano em seu poema intitulado “A pequena morte”:

Não nos provoca riso o amor quando chega ao mais profundo de sua viagem, ao mais alto de seu voo: no mais profundo, no mais alto, nos arranca gemidos e suspiros, vozes de dor, embora seja dor jubilosa, e pensando bem não há nada de estranho nisso, porque nascer é uma alegria que dói. *Pequena morte*, chamam na França a culminação do abraço, que ao quebrar-nos faz por juntar-nos, e perdendo-nos faz por nos encontrar e acabando conosco nos principia. *Pequena morte*, dizem; mas grande, muito grande haverá de ser, se ao nos matar nos nasce.

Depois de nos deixarmos levar por pela inspiração de autores contemporâneos, podemos afirmar que sexo e sexualidade habitam a teoria bioniana de um modo original e promissor, uma vez que a sexualidade se impõe nos processos mentais descritos por Bion, revelando que a dimensão freudiana da sexualidade habita sua teoria. Mais do que isso: ela é, inclusive, elevada, a uma potência extraordinária quando percebemos que, de acordo com Bion, a mente é edípica e, portanto, assim também é o funcionamento mental. Dessa perspectiva, a sexualidade está a serviço da Verdade emocional do sujeito; ela seria, por assim dizer, um continente para a investigação dos processos mentais do paciente.

Nas palavras de Antonino Ferro, a sexualidade não é apenas sobre o que, “em quase sua totalidade”, orbita as narrações na sala de análise. Na mesma direção dos outros autores, para Ferro, ela está no cerne do funcionamento mental: “para ‘mim analista’, a sexualidade é a ‘qualidade’ e a ‘modalidade’ de encontro do elemento beta com a função alfa, administração dos pensamentos e sua comunicação através das funções PS ↔ D e ♀♂” (1997, p. 179).

Acreditamos que os movimentos de resgate da sexualidade, feitos por Nosek e Elise, inspirados e impulsionados pela denúncia de André Green, podem ser valiosos. A sexualidade está na abstração dos funcionamentos mentais, mas ela apenas ganha esse estatuto por ser também o vislumbre das potencialidades do corpo. Já nos dizia Freud que o aparato psíquico é intrínseco às funções biológicas do corpo – não há mente que não se ancore em um corpo sensual. Sendo assim, sexualidade, quando diz respeito à psicanálise, está sempre no terreno da psicosexualidade e, portanto, é ato psíquico e designa humanidade, em um eterno retorno à alteridade que nos funda, ou seja, à relação emotiva-afetiva-sexual com o Outro.

Parece, assim, que a aproximação entre a bissexualidade psíquica de Freud e as noções de continente-contido de Bion revela que em ambos os conceitos está em jogo a díade penetrante/penetrado – e suas variáveis: fora/dentro, dar/receber, ter/oferecer – como potencialidades do corpo e da mente. Por esse vértice, pois há outros tantos que a psicanálise nos brinda, é possível vislumbrar as relações primordiais com o Outro, a consequente arquitetura do aparelho mental e o funcionamento andrógino da mente – que evoca sexo, gravidez e nascimento.

À guisa de conclusão...

"Camarada, isto não é um livro,
 Quem toca nisto, toca em um homem,
 (É noite? Estamos sozinhos?)
 Sou eu que seguras, e que te segura,
 Eu salto das páginas para teus braços — a morte me chama."
 (WALT WHITMAN, *Folhas na relva*, 1855)

"O verbo ler não suporta o imperativo. É uma aversão que compartilha com outros: o verbo amar... o verbo sonhar... É evidente que se pode sempre tentar. Vejamos: 'Ama-me!' 'Sonha!' 'Lê!'. 'Lê, já te disse, ordeno-te que leias!'"
 (DANIEL PENNAC, 1996)

A imagem poética de Walt Whitman rompe as barreiras entre concreto e abstrato, entre sensorial e não sensorial, iluminando a profundidade do ato de ler, sobretudo o modo de ler em psicanálise, que se revela íntimo, visceral e carnal – deliciosa e perigosamente sensual. Em cada fonema, em cada palavra e em cada sentença, há carne e osso, há proposta de encontro e flerte, há abertura e penetração, há, enfim, bissexualidade em ação.⁶¹

Nesse movimento, a morte é sempre risco e promessa. Assim como na explosão mortífera do gozo que nos renasce, o encontro entre autor e leitor sempre promete renascimentos permeados por um misto de dor e prazer. Quando há fertilidade, semelhante é o movimento entre analista e analisando que, juntos, leem histórias – antes, talvez, letras sem vida na psiquê –, em uma chance de ressignificar passados, reavivar personagens e se enlaçar em novos enredos; eis o coito entre masculinidade e feminilidade.

Ainda assim, *ler*, *amar* e *sonhar* não suportam imperativo. Cada um desses verbos carrega o movimento espontâneo do fluxo de rio em rio, do desaguar de mente em mente – dança vital, mas que apenas se instaura quando somos impelidos à busca constante pelos mistérios da mente de outrem... Por isso mesmo, não é conquista garantida, nem decreto de plenitude, pois a marca do outro insiste em esmorecer e desvanecer, e nos lançamos novamente e incansavelmente na busca pelo encontro que, como diz o poeta, “ao nos matar, nos nasce”.

No coração da noção de bissexualidade, a alteridade encontrou o seu lugar. A bissexualidade não é só a inscrição primitiva no psiquismo, tal qual o produto das relações com o outro, tanto no

61 Cecília Orsini (2012), psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise, lança mão desse poema para nos mostrar que não há fronteiras rígidas entre teoria e clínica. Ao lermos Freud, ela nos diz, tocamos nele e nos homens e mulheres por ele analisados.

que concerne à conflitiva cena primária quanto ao pai de relance no olhar materno, mas ela também carrega o potencial para o encontro entre mentes e corpos, mais próxima à dimensão do primordial, isto é, da origem e do início – talvez, por esse viés, possamos compreender e ressignificar a premissa freudiana de uma bissexualidade constitucional.

De algum modo, a bissexualidade, neste trabalho, revelou-se ponto de partida, lugar originário e misterioso, de onde eclode o polimorfismo como uma capacidade exclusivamente humana de vivenciar algo próximo ao ilimitado. Ela é, também, no decorrer de nossa apropriação subjetiva e identitária, lugar de harmonia sempre em risco, de resistência, de entrelaçamento e de conflito – aqui, o árduo caminho é o de aceitar a diferença, o limite, o proibido, o impossível, isto é, a dimensão alteritária.

Ainda no caminho do encontro com a alteridade, a bissexualidade nos ensinou que o outro representa limite, barreira e diferença, assim como é propiciador da expansão da mente e do encontro com o infinito – isto é, com o inconsciente e sua configuração espectral infinita. Aqui, estamos em terreno bioniano, sua teoria do pensar e sua íntima relação com o movimento bissexual contínuo entre continente ↔ contido / ♂ ↔ ♀, tanto no que diz respeito ao universo intrapsíquico como no acoplamento entre mentes.

Nesse sentido, a pré-concepção, por exemplo, é um conceito bioniano que resguarda a ideia de que a criança está capacitada para o encontro com a mente de seus cuidadores, seria uma certa expectativa esperançosa de que o outro nos aguarda, pacientes, para estimular nosso crescimento mental. Sendo assim, esse é um conceito essencialmente edípico, uma espécie de guardião do mito de Édipo privado de cada um de nós (BION, 1963/2004). Desse modo, a pré-concepção condensa o espectro que abriga masculinidade ↔ feminilidade e representa a bissexualidade como uma potência monista: de um lado, a intuição receptiva do seio e, de outro, a busca ativa por outra mente (SANDLER, 1999). Ela é, pois, a janela para a vida, o arcabouço procriador da mente. Sua potencialidade? A de gerar vida mental.

O conceito de bissexualidade – de Freud a Bion, e, entre os dois, todos os autores que nos levaram a traçar essa ponte – nos remeteu à tensão constante entre corpo e mente, desejo carnal e desejo mental. Um rebento que se impulsiona para a busca do peito e, concomitantemente, procura guarida na mente de sua mãe. Encontro esperado e desejado, mas que deixa cicatrizes, pois se assenta na linha tênue do carinho e da carícia, assim como da continência e da frustração.

Essa dualidade entre carne e mente expressa na noção freudiana de psicosexualidade, é resgatada por André Green que, em um elogio à Joyce McDougall, Jean Laplanche e outros autores, nos lembra que a sexualidade é nascente da psicanálise e rio onde ela desagua. Além de uma teoria autoral sobre o conceito de bissexualidade, Green acende o fósforo ao dizer que Freud é o que há de mais novo na teoria psicanalítica (1995), o fogo se espalha e estimulados pelas provocações de Green, outros autores, como Dianne Elise (1998), nos Estados Unidos e Leopold Nosek (1996), no Brasil, retomam o conceito de bissexualidade, retirando-o das sombras e da marginalização – movimento que acaba por pleitear um lugar para a bissexualidade no corpus teórico da psicanálise.

Dianne Elise, tão provocativa, é autora que nos obriga a manter a chama acesa para o erotismo pleno – faísca genuína de amor e calor. Eu, nesse momento prenha de sonhos e grávida de um menininho, releio suas linhas, toco em seu ventre fértil e me pergunto: sem o colorido traumático é possível a existência? Será a psicanálise, de um modo geral, uma teoria sobre a dor? Eu não sei. A teoria de Elise é idílica e, nela, a bissexualidade ganha relevo como potencialidade humana do corpo e da mente, é forma de agarrar, receber, penetrar e investigar.

A originalidade laplancheana vai por outros caminhos ao narrar a situação antropológica fundamental na qual se assenta a sedução originária e toda a nossa história, de saída, traumática. Nesse ponto, como nos ensina Paulo C. Ribeiro, passividade e invasão estão lado a lado da constituição psíquica. Estamos sempre à mercê dos enigmas que nos são colocados pela esfinge encravada em nossos cuidadores, herança que pode ser vital e mortal. E esses enigmas, ao nosso ver, podem carregar os conflitos bissexuais de nossos pais e de gerações anteriores.

Joyce McDougall, por sua vez, vê, assim como Laplanche, a constituição identitária e sexual permeada pelo traumático – nos constituímos graças a uma certa submissão em relação ao outro. Ela nos presenteia com uma teoria a respeito da (in) fertilidade do encontro entre masculinidade e feminilidade, de onde nascem a criatividade e seus entraves, dando sinais do funcionamento bissexual e, portanto, edípico da mente (CHUSTER, 2022). O anelo bissexual é, segundo a autora, tanto uma espécie de privilégio que possibilita uma vida rica de identificações e de fantasias, como também de pesadelo, porque o encontro com a diferença pode ser lugar de violência e morte de nossas ilusões de onipotência.

Se consideramos que a mente, no melhor dos mundos, é marcada pelo encontro fértil entre os sexos, em um acordo frágil de paz no qual repousa sempre um risco iminente de guerra (GODFRIND, 1997), e que, na bissexualidade, repousam as origens da criatividade que se dá no livre trânsito entre nossas identificações masculinas e femininas, entrego essa dissertação, produto de tantos encontros ternos, com uma esperança fecunda de inseminar meus interlocutores. Enfim, “eu salto das páginas para teus braços — a morte me chama”. Morrer para renascer, sempre.

Referências Bibliográficas

ALVAREZ, A. (1997). Falhas na vinculação: ataques ou deficiências?. In: Bion em São Paulo: Ressonâncias. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.

AYOUCHE, T. (2014). A diferença entre os sexos na teorização psicanalítica: aporias e desconstruções. Revista brasileira de Psicanálise, vol. 48, n. 4, 58-70.

_____. (2015). Psicanálise e homossexualidades: teoria, clínica, biopolítica. Curitiba, PR: CRV.

BASSIN, D. (1996). Beyond the he and the she: Toward the reconciliation of masculinity and femininity in the posttoedipal female mind. J. Amer. Psychoanal. Assn., 44/Supp.: 157-190.

BIDAUD, E. (1998). Anorexia mental, ascese, mística: uma abordagem psicanalítica. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

BION, W. (1948/1980). Experiencias en grupos. Barcelona: Paidós.

_____. (1957). Sobre a arrogância. In: Bion, W. (1994). Estudos psicanalíticos revisados (Second thoughts). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1958 e 1979/2000). Cogitações. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1959). Ataques à ligação. In: Bion, W. (1994). Estudos psicanalíticos revisados (Second thoughts). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1962/1991). O aprender com a experiência. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1963/2004). Elementos de Psicanálise. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1965/2004). Transformações – do aprendizado ao crescimento. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1970/2007). Atenção e Interpretação. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1975). A memoir of the future – The dream. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1977/1989). Caesura. In W. R. Bion, Two papers: the grid and caesura (pp. 51-56). London: Karnac.

_____. (1978/2020) Bion em Nova York e em São Paulo. São Paulo: Blucher.

BREEN, D. (1993). Introdução geral. In: Breen, D. (org). (1998). O enigma dos sexos: perspectivas psicanalíticas contemporâneas da feminilidade e da masculinidade. Rio de Janeiro: Imago. Cap. XI.

CARNEIRO, C. & LAZZARINI, E. (2018). A bissexualidade psíquica na constituição do sujeito: sobre suas origens e destinos identitários. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 25, n. 3, p. 585-612.

CHASSEGUET-SMIRGEL, J. (1993). Freud e a sexualidade Feminina: uma reflexão sobre alguns pontos obscuros da exploração do "continente negro". In: Breen, Danna (org). (1998). *O enigma dos sexos: perspectivas psicanalíticas contemporâneas da feminilidade e da masculinidade*. Rio de Janeiro: Imago. Cap. IV.

CHUSTER, A. (2021). Considerações sobre o modelo espectral-Narcisismo-Social-ismo. Disponível em: <https://www.arnaldochuster.com.br/post/rozšiřujte-svoji-komunitu-na-blogu>

_____. (2022). *Psicanálise Contemporânea: identidades e diferenças causadas pelo tempo*. Disponível em: <https://www.arnaldochuster.com.br/post/psicanálise-contemporânea-identidades-e-diferenças-causadas-pelo-tempo>

CHUSTER, A.; STUMER, A.; RIBEIRO, C.; VACK, R.; CHINAZZO, S.; TIMMEN, V. (2019). *Capacidade Negativa: um caminho em busca de luz*. São Paulo: Zagodoni Editora.

COURNUT-JANIN, M. (1998). The feminine and femininity. In: BREEN, D.; FLANDERS, S. & GIBEAULT, A. (2010). *Reading French Psychoanalysis*. London and New York, Routledge.

DAVID, C. (1975). The beautiful differences. In: (2018). PERELBERG, R. *Psychic Bisexuality: a British-French Dialogue*. London and New York: Routledge.

DEJOURS, C. (2006). Por una teoría psicoanalítica de la diferencia de sexos. Introducción al artículo de Jean Laplanche. Disponível em: <https://revistaalter.com/revista/por-una-teoria-psicoanalitica-de-la-diferencia-de-sexos-introduccion-al-articulo-de-jean-laplanche/934/>

DELOUYA, D. (2003). A Bissexualidade no eixo da escuta psicanalítica: considerações teóricas acerca da clínica. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 6(2), 205-214.

ELISE, D. (1997). Primary femininity, bisexuality, and the female ego ideal: a re-examination of female developmental theory. *Psychoanalytic Quarterly*, LXVI: 489-517.

_____. (1998). Gender repertoire: Body, mind and bisexuality. *Psychoanalytic Dialogues*, 8: 379-397.

_____. (2000). "Bye-Bye" to Bisexuality? Response to Lynne Layton. *Studies In Gender na Sexuality*, 1(1): 61-68.

_____. (2019). *Creativity and the erotic dimensions of the analytic field*. London and New York, Routledge.

FERRAZ, F. (2000/2010). *Perversão*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

FERRO, A. (1997). Sexualidade como gênero narrativo ou dialeto, na sala de análise. In: Bion em São Paulo: Ressonâncias. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.

FIGUEIREDO, L.C. (2006). A clínica Psicanalítica a partir de Melanie Klein. O que isto pode significar?. *Jornal de Psicanálise*, 30(71): 125-150, dez.

_____. (2019). Figuras da sedução em análise: a vitalização necessária. *Percurso*, 63, p. 51-60, dez.

_____. (2021). *A mente do analista*. São Paulo: Escuta.

FILHO, L.C; Sapienza, A. (1997). Eros tecelão de Mitos. Bion em São Paulo: Ressonâncias. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.

FREUD, S. (1905 [1901]). Fragmento da análise de um caso de histeria. In: FREUD, S. (2020) *Obras Completas*, volume 6. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. (2020) *Obras Completas*, volume 6. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1908). As fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade. In: FREUD, S. (2020) *Obras Completas*, volume 8. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In: FREUD, S. (2020) *Obras Completas*, volume 9. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1911). O presidente Schreber. In: FREUD, S. (2015) *Obras Completas*, volume 10. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1911). Batem numa criança. In: FREUD, S. (2019) *Obras Completas*, volume 14. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1912). Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa. In: FREUD, S. *Cinco conferencias sobre psicoanálisis. Un recuerdo infantil de Leonardo Da Vinci, y otras obras (1910[1909])*. Buenos Aires: Amorrortu, 1992k. p. 169-183. (*Obras completas de Sigmund Freud*, 11).

_____. (1920). Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. (2014) *Obras Completas*, volume 15. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1920). A psicogênese de um caso de homossexualidade numa mulher. In: FREUD, S. (2014) *Obras Completas*, volume 15. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1921). Psicologia das massas e análise do eu. In: FREUD, S. (2014) *Obras Completas*, volume 15. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1923). O Eu e o Id. In: FREUD, S. (2013) Obras Completas, volume 16. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1925). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: FREUD, S. (2010) Obras Completas, volume 16. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1931/2018). Manuscrito inédito de 1931. São Paulo: Blucher.

_____. (1933). Novas conferências introdutórias à psicanálise. In: FREUD, S. (2013) Obras Completas, volume 18. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1937). Análise terminável e interminável. In: FREUD, S. (2006) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, volume 23. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S, BULLITT, W.C. (1967) Woodrow Wilson: A psychological Study. Boston: Houghton Mifflin.

GIBEAULT, A. (2010). Introduction: Masculine and feminine sexuality. In: Breen, D.; Flanders, S.; Gibeault, A. (2010). Reading French Psychoanalysis. London and New York, Routledge.

GREEN, A. (1973). O gênero neutro. In: GREEN, A. (1988). Narcisismo de vida, Narcisismo de morte. São Paulo: Escuta.

_____. (1980). A mãe morta. In: GREEN, A. (1988). Narcisismo de vida, Narcisismo de morte. São Paulo: Escuta.

_____. (1995). Has Sexuality Anything To Do With Psychoanalysis?. International Journal of Psycho-Analysis, 76:871-883

_____. (1997/2000). As cadeias de Eros. Lisboa, Portugal: CLIMEPSI EDITORES.

GODFRIND, J. (1997). La bisexualité psychique: Guerre et paix des sexes. In: Fine, Alain, ed; Le Beuf, Diane, ed; le Guen, Annick, ed. Bisexualité. Paris: PUF, p. 130-46, 1997. (Monographies de la Revue Française de Psychanalyse)

_____.(2006). De mãe para filha: em busca do prazer. Boletim: Formação em psicanálise. São Paulo, vol. 14, Jan/Dez.

_____.(2018). From bisexuality to the feminine. In: PERELBERG, R. Psychic Bisexuality: a British-French Dialogue. London and New York: Routledge.

HABER, M. (1997). Identité, bisexualité psychique et narcissisme. Paris: PUF, p. 49-67. (monographies de la Revue Française de Psychanalyse)

HALBERSTADT-FREUD, H.C. (2001). Electra cativa. Sobre a simbiose e a ilusão simbiótica entre mãe e filha e as consequências para o complexo de Édipo. In: Rev. Bras. Psicanálise, vol. 35 (1): 143-168.

KRISTEVA, J. (2002). O gênio feminino: a vida, a loucura, as palavras. Tomo II: Melanie Klein. Rio de Janeiro: Rocco.

LAPLANCHE & PONTALIS. (2001). Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes.

LAPLANCHE, J. O gênero, o sexo e o sexual. In: LAPLANCHE, J. (2015). Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006. Porto Alegre: Dublinense.

LATTANZIO, F; RIBEIRO, P. C. (2012). Recalque originário, gênero e sofrimento psíquico. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 17, n. 3, p. 507-517.

MCDUGALL, J. (1978/1987). Em defesa de uma certa anormalidade: teoria e clínica psicanalítica. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1997). As múltiplas faces de Eros. Uma exploração psicanalítica da sexualidade humana. São Paulo: Martins Fontes. Trad. Pedro Henrique Bernardes Rondon.

_____. (1989). O pai morto: sobre o trauma psíquico infantil e sua relação com o distúrbio na identidade sexual e na atividade criativa. In: Breen, Danna (org). (1993). O enigma dos sexos: perspectivas psicanalíticas contemporâneas da feminilidade e da masculinidade. Rio de Janeiro: Imago. Cap. XI.

_____. (1999). Teoria Sexual e Psicanálise. In: Ceccarelli, P. (org) Diferenças Sexuais. São Paulo: Escuta.

NOSEK, L. (1996). Pensamento e Sexualidade. In: Bion em São Paulo: Ressonâncias. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.

OGDEN, T. (1989). The transitional Oedipal relationship in Female development. In: The Primitive Edge of Experience. London: Jason Aronson Inc.

_____. (2013). Reverie e interpretação: captando algo humano. São Paulo: Escuta.

ORSINI, C. (2012). Leitura de Freud: um estilo de transmissão. J. Psicanal. Vol. 45, n. 83.

OVÍDIO. (2003). As metamorfoses. LeBooks.

PLATÃO. (427-347 a.C/ 2009). O Banquete. Bauru, SP: edipro de bolso.

PENNAC, D. (1996). Como um romance. Rio de Janeiro: Rocco editora.

PONTALIS, J. B. (2012). À margem dos dias. São Paulo: Primavera editorial.

PORCHAT, P. (2019). "Mãe-e-pai: uma parentalidade não binária". In: Ceccarelli, P. et al. *Psicanálise, sexualidade e gênero: um debate em construção*. São Paulo: Zagodoni Editora Ltda.

RIBEIRO, M. F. R. (2011). *De mãe em filha: a transmissão da feminilidade*. São Paulo: Escuta.

_____. (2012). O gênero do analista: reflexão necessária? Um elogio ao conceito de bissexualidade psíquica. *Boletim Formação em Psicanálise (São Paulo)*, v. 20, p. 71-81.

RIBEIRO, M. F. R.; FLORES, D.; RAMOS, J. (2022). A pesca do fragmento intersubjetivo na pesquisa psicanalítica. In: PINHEIRO, N; PERES, R; CORDEIRO, S. *Pesquisas acadêmicas em Psicanálise: reflexões teóricas e ilustrações práticas*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores.

RIBEIRO, P. C. (1997). *Perlaboração: feminilidade e transformação do eu na técnica da psicanálise*, *Percurso*, n. 18, p. 39-50

_____. (2000). O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária. São Paulo: Escuta.

_____. (2005). Gênero e identificação feminina primária. *Psicologia em revista*, Belo Horizonte, v. 11. N. 18, p. 238-256.

_____. (2010). Identificação passiva e a teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche. *Revista Percurso*, n. 44, p. 79-90.

_____. (2015). Uma questão preliminar às ações coletivas de combate ao machismo. *Gerais: revista interinstitucional de Psicologias*, vol. 8, pp. 163-176.

_____. (2016) O sexual, o fálico e o orifical a partir da teoria da sedução generalizada. *Percurso (São Paulo)* v.56-57, pp. 105-112.

_____. (2017) Gênero, Sexo e Enigma no Sexual de Jean Laplanche in P. C. Ribeiro (Org.) *Por que Laplanche?* (pp.105-124) São Paulo: Zagodoni.

ROUDISCO, E. & PLON, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

SANDLER, P. (1999). Uma teoria sobre o exercício de feminilidade masculinidade. *Rev. Bras. Psicanál.*, vol. 33 (3): 459-484.

_____. (2021). *A linguagem de Bion: um dicionário enciclopédico de conceitos*. São Paulo: Blucher.

SCAPPATICCI, A. (2018). Uma janela com vista. In: Filho, Claudio (org). *Sobre o feminino: reflexões psicanalíticas*. São Paulo: Blucher.

SCHAEFFER, J. (2009). Do Masculino e do feminino como co-construção de casal. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 42(76), p. 107-119.

STIMMEL, B. (1996). From "nothing" to "something" to "everything": Bissexuality and metaphors of the mind. *J. Amer. Psychoanal. Assn.*, 44/Supp.: 191-214.

TANIS, B. (2015). A escrita, o relato clínico e suas implicações éticas na cultura informatizada. *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 49, n.1, p. 179-192.

URRIBARI, F. (2012). André Green: o pai na teoria e na clínica contemporânea. *Jornal de Psicanálise* 45 (82), 143-159.